

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

ALINE RAMIRES MORAES MATSUMOTO

**A MODALIDADE EPISTÊMICA EM TRANSMISSÕES TELEJORNALÍSTICAS AO  
VIVO DE EXTENSA DURAÇÃO**

MARINGÁ – PR

2008

ALINE RAMIRES MORAES MATSUMOTO

**A MODALIDADE EPISTÊMICA EM TRANSMISSÕES TELEJORNALÍSTICAS AO  
VIVO DE EXTENSA DURAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo

MARINGÁ – PR

2008

ALINE RAMIRES MORAES MATSUMOTO

**A MODALIDADE EPISTÊMICA EM TRANSMISSÕES TELEJORNALÍSTICAS AO  
VIVO DE EXTENSA DURAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Aprovado em **08 de setembro de 2008**.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
- Presidente -

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Célia Cortez Passetti  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aparecida Feola Sella  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste / Cascavel - PR

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as maravilhas que realiza em minha vida;

Ao Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo, por sua orientação segura e competente, durante minha trajetória acadêmica na UEM, desde a graduação;

Às professoras Dr<sup>a</sup>. Maria Célia Cortez Passetti e Dr<sup>a</sup>. Marize Mattos Dall’Aglío-Hattner, pelas valiosas contribuições como membros da Banca de Qualificação;

À professora Dr<sup>a</sup>. Aparecida Feola Sella, por aceitar participar da Banca de Defesa e pelas significativas sugestões apresentadas para esta pesquisa;

Aos professores Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera e Dr. Juliano Desiderato Antonio, por aceitarem participar como suplentes, em especial, ao professor Juliano, que contribuiu com explicações e sugestões durante a finalização deste trabalho;

Aos meus pais, por todo amor, incentivo e por me ensinaram o valor dos estudos;

Ao meu marido Jefferson, que me apoiou desde sempre, por seu carinho, compreensão, ajuda e estímulo nos momentos difíceis;

Às minhas irmãs, Késia e Eveline, e a minha família, pelo apoio, incentivo e colaboração sempre;

À minha tia Ana Paula, que me ajudou e me incentivou em diversos momentos, desde a graduação;

Ao Walter Thomé Jr, pela valiosa ajuda, pois me fez chegar até a Rede Globo, pelo contato com a RPC-TV Cultura de Maringá;

Ao Ribamar Alves Rodrigues, diretor da RPC-TV Cultura de Maringá, e aos jornalistas Fernando Miranda, Regina Alves e Daniela Damiati, da emissora Rede Globo, pela essencial contribuição para a construção deste trabalho;

Aos jornalistas da Rede Globo, Fernando Gueiros e Denise Sobrinho, pela entrevista concedida e contribuição inestimável;

Ao Projeto *Globo Universidade*, por conceder a realização das entrevistas com os jornalistas da Rede Globo e contribuir para a realização desta pesquisa;

Ao Professor Eduardo Guimarães, pela gentileza em me enviar uma cópia de sua dissertação de mestrado e de sua tese de doutorado e pelo crescimento que os seus trabalhos me proporcionaram;

À Letícia Faria, à Ana Maria Leite e ao Carlos Eduardo Franciscato, pesquisadores que também me enviaram seus trabalhos e contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa;

À Lúcia, por entender as minhas ausências, pelo apoio e incentivo;

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de estudos, na fase de escrita da dissertação;

Às amigas Ana Paula, Adriana, Elaine, Kátia e Márcia, por emprestarem os ouvidos sempre, pelo estímulo nos estudos e pela companhia nas “boas e nas más horas”;

Aos amigos da graduação, especialmente à Edmara, Rafael e Ivete, que me acompanham até hoje, pela torcida;

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM, pelos sábios ensinamentos;

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM, que ajudaram a manter o entusiasmo pela vida acadêmica, em especial, à Letícia, que me auxiliou com seu trabalho e com informações sobre telejornalismo;

À secretária do PLE, Andréa, e aos secretários do Departamento de Letras da UEM, Paulo e Edílson, pela paciência e ajuda em muitos momentos.

Dedico este trabalho aos meus pais,  
Luís e Zuleica, e ao meu marido,  
Jefferson...

## RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar quais são e como funcionam os modalizadores epistêmicos em três transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração, nas quais os jornalistas têm que lidar com imprevistos, com a falta de informações e a necessidade de apurá-las e divulgá-las rapidamente, sem ferir os princípios jornalísticos. Nosso *corpus* compõe-se das transmissões ao vivo do seqüestro do empresário Sílvio Santos, do atentado terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono, e da guerra do Iraque, todas veiculadas pela emissora Rede Globo de Televisão. Analisamos o efeito comunicativo dos modalizadores epistêmicos nas três transmissões, segundo os princípios básicos do funcionalismo e de acordo com a metodologia de análise quantitativo-qualitativa dos dados. O estudo do *corpus* revelou que, para reforçar a confiabilidade da informação veiculada e atribuir valor de verdade às notícias, os jornalistas apóiam-se em evidências diretas e indiretas. Logo, neste contexto, as informações são filtradas pelo conhecimento dos jornalistas, dos especialistas e de autoridades que participam das transmissões ao vivo e, se eles têm precisão e confirmação da veracidade dos fatos, modalizam epistemicamente seus enunciados no extremo da certeza; no caso de dúvidas sobre o conteúdo das informações, modalizam epistemicamente seus discursos nos graus do possível, com marcas de imprecisão. A presença concomitante da certeza e da incerteza nas transmissões telejornalísticas ao vivo se deve à forma de construção e transmissão da notícia, pois, neste tipo específico de veiculação de informações, a ocorrência e a narração dos fatos são simultâneas. A análise do *corpus* mostrou, ainda, que os jornalistas, ao modalizarem seus discursos, mantêm-se fiéis aos princípios da verdade e fidelidade apregoados pelo Jornalismo. No entanto, o princípio de objetividade é rompido, uma vez que os enunciados modalizados epistemicamente já demonstram, por si só, a subjetividade inerente à produção das notícias no contexto de transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração.

**Palavras-chave:** modalidade epistêmica; transmissões telejornalísticas ao vivo; princípios jornalísticos; evidencialidade.

## ABSTRACT

### EPISTEMIC MODALITY IN LONG-DURATION LIVE TELEVISION NEWSCASTS

**ABSTRACT.** Modalities and performance of epistemic modalizing agents in three long-duration live television newscasts are provided. In the above-mentioned cases journalists have to deal with unforeseen events, lack of information and the need of filtering and broadcasting the news within a short period of time without jeopardizing journalistic ethics. Current research corpus comprises live transmissions on the kidnapping of the Brazilian entrepreneur Silvio Santos, the terrorist attack on the World Trade Center and the Pentagon and the Second Iraqi War, broadcasted by the TV Globo network. The communication effect of epistemic modalizing agents in the three live transmissions is analyzed according to the basic principles of functionality and the methodology of quantitative-qualitative data analysis. Investigation of the above corpus showed that journalists back the news by direct and indirect evidence so that the given information's reliability is reinforced and a truthful quality attributed to the news. Information is thus filtered by the knowledge of journalists, specialists and authorities who are invited to participate in live broadcasts. If these journalists are convinced of the exactness and truthfulness of the events, they modalize their statements to the extreme limits of certitude. On the other hand, if doubts exist on the news contents, they epistemically modalize their statements with degrees of possibility and imprecision markers. The concomitant existence of certitude and incertitude in live newscasts is caused by the type of construction and transmission of news since the occurrence and narration of events are simultaneous in this type of information broadcasting. Analysis also revealed that, when journalists modalize their statements, they comply with the tenets of truth and fidelity insisted on by journalist ethics. Nevertheless, the objectivity principle is subverted since the very epistemically modalized statements demonstrate a production-inherent subjectivity of news within the context of long-duration live newscasts.

**Key words:** epistemic modality; long-duration live newscasts; journalistic ethical code; evidentiality.

## LISTA DE ABREVIATURAS

### **Seqüestro do empresário Sílvio Santos**

**C:** Coronel José Vicente da Silva

**CN:** Jornalista Carlos Nascimento

**CG:** Jornalista César Galvão

**CP:** Jornalista Chico Pinheiro

**MAS:** Jornalista Marco Antônio Sabino

**S:** Secretário de Comunicação do Estado de São Paulo, Oswaldo Martins

**P:** Policial (não identificado)

### **Atentado ao World Trade Center e ao Pentágono**

**AP:** Jornalista Ana Paula Padrão

**AS:** Jornalista Alan Severiano

**BR:** Brasileiro

**CL:** Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Lafer

**CN:** Jornalista Carlos Nascimento

**CT:** Jornalista César Tralli

**EP:** Jornalista Heraldo Pereira

**ES:** Jornalista Edney Silvestre

**GA:** Jornalista Graziela Azevedo

**GB:** Presidente George W. Bush

**HV:** Jornalista Heloísa Vilela

**JL:** Jornalista Joaquim Leite Neto

**LF:** Jornalista Luís Fernando Silva Pinto

**MA:** Especialista em Relações Internacionais, Maria Aparecida de Aquino

**MAS:** Jornalista Marco Antônio Sabino

**NA:** Narradora

**PB:** Jornalista Priscila Brandão

**ZS:** Jornalista Zileide Silva

## **Guerra do Iraque**

**AC:** Angolano Antônio Casemiro Neves

**AP:** Jornalista Ana Paula Padrão

**CB:** Jornalista Caco Barcelos

**CM:** Embaixador Brasileiro no Irã, Cesário Melantônio

**CS:** Jornalista Cristina Serra

**EP:** Jornalista Heraldo Pereira

**FS:** Embaixador Brasileiro nos Emirados Árabes, Flávio Sapha

**IS:** Jornalista Ilze Scamparini

**MN:** Embaixador Brasileiro na Turquia, Michael Neele

**MP:** Jornalista Monalisa Perrone

**MS:** Jornalista Mounir Safatli

**MU:** Jornalista Marcos Uchôa

**RL:** Especialista em Armas, Ronaldo Leão Correia

**TS:** Jornalista Tâmara Schipper

**WW:** Jornalista William Waack

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1:** Tipos de evidência

**Tabela 2:** Ocorrência de ME com as *evidências direta e indireta*

**Tabela 3:** Ocorrência de ME com a *evidência direta atestada visual*

**Tabela 4:** Ocorrência de ME com a *evidência direta atestada auditiva*

**Tabela 5:** Ocorrência de ME com a *evidência indireta relatada de segunda mão*

**Tabela 6:** Ocorrência de ME com a *evidência indireta relatada de terceira mão*

**Tabela 7:** Ocorrência de ME com *evidências indiretas inferidas*

## NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DO PROJETO NURC<sup>1</sup>

Ocorrência	Sinais	Exemplificação <sup>2</sup>
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante	:: podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os... éh:::... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	--	a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [ B. sexta-feira?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

<sup>1</sup> Estas normas encontram-se em Castilho e Preti (1986).

<sup>2</sup> Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D2. Disponível em <[www.flch.usp.br/dlcv/nurc/normas\\_para\\_transcricao.htm](http://www.flch.usp.br/dlcv/nurc/normas_para_transcricao.htm)>, Acesso em 16 julho 2003.

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc.).
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá*.
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na tabela.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>AS TRANSMISSÕES TELEJORNALÍSTICAS AO VIVO</b> .....	24
1.1 Considerações iniciais .....	24
1.2 O processo de construção e transmissão de notícias nos telejornais .....	24
1.3 O processo de construção e transmissão de notícias em transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração .....	31
1.3.1 O modo de estruturação das notícias .....	32
1.3.2 O modo de apuração de informações .....	34
1.3.3 O modo de captação/coleta de imagens .....	39
1.3.4 A repetição de informações e imagens .....	43
1.3.5 As entrevistas .....	46
1.3.6 As reportagens .....	48
1.4 A linguagem nos telejornais e nas coberturas telejornalísticas ao vivo .....	51
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>A MODALIDADE EPISTÊMICA</b> .....	57
2.1 Considerações iniciais .....	57
2.2 A concepção lógica e lingüística das modalidades .....	57
2.3 A modalidade epistêmica e os princípios gerais do funcionalismo .....	61
2.4 As formas de expressão da modalidade epistêmica .....	62
2.5 A modalidade epistêmica e a evidencialidade .....	66

### **CAPÍTULO 3**

#### **A MANIFESTAÇÃO DA MODALIDADE EPISTÊMICA EM TRANSMISSÕES TELEJORNALÍSTICAS AO VIVO .....**

70	70
3.1 Considerações iniciais .....	70
3.2 A modalidade epistêmica nas transmissões telejornalísticas ao vivo .....	70
3.2.1 A modalização epistêmica com evidências diretas .....	72
3.2.2 A modalização epistêmica com evidências indiretas .....	77

<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>87</b>
------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>93</b>
---	-----------

<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>98</b>
------------------------	-----------

<b>ANEXOS .....</b>	<b>101</b>
Anexo 1 – Entrevista com Fernando Gueiros .....	102
Anexo 2 – Entrevista com Denise Sobrinho .....	107

## INTRODUÇÃO

Para muitos brasileiros, o jornal televisivo é a primeira ou a única forma de acesso às informações políticas, econômicas, sociais e culturais (tanto regionais, quanto nacionais e internacionais), fato que já foi constatado e estudado por diversos estudiosos, como Diniz (2006) e Vizeu (2005). Mesmo com o advento da internet, a grande maioria da população tem acesso às notícias somente pela televisão, inclusive

o cidadão médio, assinante de jornal impresso e/ou de revistas, busca na TV a informação, seja para inteirar-se de fatos novos, seja para verificar a interpretação dada por uma emissora, seja por hábito, ritual ou lei do mínimo esforço, pois ouvir e ver é mais agradável do que ler. (DINIZ, 2006, p. 1396)

Diante deste contexto, para garantir que a maior parte dos brasileiros receba as notícias de forma rápida e atualizada, o jornalismo televisivo procura registrar os acontecimentos o mais depressa possível, chegando mesmo a mostrá-los no momento em que eles acontecem. Verificamos isso principalmente na ocorrência de fatos inusitados ou de extrema relevância, em que o jornalismo televisivo veicula os acontecimentos ao vivo, algumas vezes em uma transmissão ininterrupta e de extensa duração.

Nestes casos, como a notícia entra ao vivo, ou seja, é transmitida praticamente no tempo real do acontecimento, a equipe de redação que cobre a transmissão do fato empenha-se na busca de informações e imagens. Produtores e editores correm contra o tempo para checar os fatos, os apresentadores (ou âncoras) têm que organizar as suas falas simultaneamente com a veiculação dos fatos, sem tempo para o planejamento prévio de um texto para ser apresentado aos telespectadores e a equipe técnica é toda mobilizada, com caminhões e antenas, para buscar um bom local e montar seus equipamentos para a transmissão ao vivo. Esse processo de construção e transmissão da notícia revela-se complexo, já que o tempo de preparação é extremamente reduzido e, antes da veiculação, todas as informações têm de ser checadas, pois um princípio do jornalismo é o respeito à veracidade dos fatos. Somam-se a esses aspectos, a falta de novos dados e imagens e, ainda, a polemicidade que freqüentemente envolve um acontecimento transmitido ao vivo.

Neste ponto, devemos atentar para uma problemática em torno das transmissões telejornalística ao vivo, que é a questão da verdade e da objetividade jornalísticas. Segundo

Coutinho (2004), a questão da verdade é um dos pontos centrais para definir a qualidade e/ou validade do trabalho de jornalistas. Para muitos profissionais do jornalismo e para boa parcela da população, os jornais impressos, os telejornais e até mesmo os programas jornalísticos transmitidos via rádio, que têm uma abrangência menor, são a descrição da realidade, ou seja, a expressão da verdade dos fatos, o que valida estes jornais como verdadeiros.

Coutinho (2004), após pesquisar o manual dos jornais “O Globo” e “O Estado de São Paulo”, garante que para que esses jornais possam se denominar como expressão da verdade, ou produto crível, os manuais estabelecem como pressuposto que o jornalista deve ouvir duas ou mais fontes da informação, já que, na maioria dos casos, os repórteres não estão presentes no momento em que ocorre o fato a ser relatado. Além disso, no Manual de Redação de “O Globo”, Garcia (1992, p. 11) define o repórter como ser curioso, “um curioso movido permanentemente pelo desejo de saber o que acontece e de entender porque aconteceu. Se não for assim está na profissão errada. E não basta querer saber: é preciso saber tudo, e ter a obstinação de saber certo”.

A recomendação dos manuais e a definição de repórter feita por Garcia (1992) mostram os jornalistas como capazes de reproduzir de maneira fiel e verdadeira a realidade dos fatos. Entretanto, por mais curioso que seja e por mais fontes que ouça, para produzir suas matérias o jornalista baseia-se no testemunho de pessoas que participaram de determinado acontecimento ou foram espectadoras, testemunho este carregado de julgamentos e intencionalidade. Conforme Coutinho (2004), a verdade impressa nos jornais é, então, uma informação de segunda mão. A autora diz ainda que, com o objetivo de se constituir em expressão da verdade, o Jornalismo tenta apagar as marcas do enunciador, de sua produção, numa estratégia que traz legitimidade, credibilidade e objetividade ao discurso jornalístico. Assim, ele é apresentado aos leitores como o “relato de uma verdade pragmática e factual, possível de comprovação” (COUTINHO, 2004, p. 17).

Diante das especificidades das transmissões ao vivo, já apontadas, a manutenção da verdade e da credibilidade envolve fatores de ordem mais complexa. Questões relacionadas ao jornalismo ao vivo têm se tornado objeto de preocupação de alguns estudiosos no Brasil. Motta (2007) critica, em seu artigo, o caráter espetacular das transmissões ao vivo que registram a violência urbana, afirmando que as transmissões diretas transformam fatos violentos da vida real em transmissões de espetáculos dramatizados, com tonalidades cinematográficas. Desta forma, a transmissão ao vivo desses fatos passou a ser um evento, que prende a audiência e garante pontos no Ibope. Brasil (2007) também critica as transmissões telejornalísticas ao vivo de grandes eventos e o sensacionalismo daí resultante.

Para o autor, a cobertura de eventos ao vivo, com a utilização de novas tecnologias, procura prender a atenção do telespectador na busca pela audiência, fascinando-o com as imagens, chegando mesmo a subverter os valores da prática jornalística. O sensacionalismo e o uso de recursos técnicos e retóricos na transmissão ao vivo também são abordados por Temer (2005). A autora enfatiza os limites que envolvem o jornalismo sensacionalista para a televisão, por meio dos fatos noticiados e como eles são tratados (a ordem interna da narrativa, a redundância, a fragmentação do conteúdo e o tempo total da narrativa), além das questões referentes às transmissões ao vivo e aos recursos retóricos ou técnicos que procuram tornar esse telejornalismo mais atraente para o público, mas que acabam contribuindo para que a informação perca a qualidade.

Os trabalhos de Franciscato (2003) e de Monteiro (2003) aproximam-se pela preocupação com a transmissão “em tempo real”. Em seu artigo, Franciscato (2003) aborda a questão da cobertura jornalística de guerras e o modo como esta vem sendo modificada, nos últimos anos, por mudanças estruturais de natureza tecnológica, manifestadas no uso freqüente de transmissões ao vivo pelas redes eletrônicas, na digitalização de suportes, conteúdos e linguagens e na comunicação *online*. Seu objetivo é refletir sobre duas questões temporais em ascensão no jornalismo contemporâneo: a instantaneidade e a simultaneidade. Segundo o autor, “as guerras, por serem a mais perversa e milenar forma de confronto humano, são uma experiência única na qual convergem inúmeros desafios éticos, técnicos e conceituais para o jornalismo, em particular para suas formas de operar a temporalidade social” (FRANCISCATO, 2003, s.p.). Já o trabalho de Monteiro (2003) discute o comprometimento do jornalista com a narrativa do acontecimento transmitido em “tempo real”, simultâneo. Neste tipo de transmissão, construída no tempo presente, o jornalista é “contaminado pela narrativa” do acontecimento, o que o torna integrante dela. “Desse modo, ele deixa de ser um simples informante do episódio, pois a narrativa integra sua própria experiência” (MONTEIRO, 2003, s.p.).

A realização de nossa pesquisa busca somar forças com os trabalhos acima descritos na compreensão das transmissões jornalísticas ao vivo, procurando explorar aspectos de sua constituição e a participação dos jornalistas na construção da informação, observando como os profissionais constroem seus enunciados tentando não subverter os princípios apregoados pelo jornalismo. Nosso diferencial está no fato de o objeto de nossas análises se caracterizar por serem transmissões ao vivo de extensa duração. A observação dessas transmissões mostrou-nos que, devido à dinâmica que a cobertura ao vivo de um grande acontecimento implica, os jornalistas utilizam-se de estratégias lingüísticas na tentativa de não romper com

os princípios jornalísticos e manter a credibilidade, principalmente modalizando seus enunciados.

A partir das informações e da problemática apresentadas acima, o objetivo geral deste trabalho é analisar a manifestação da modalidade epistêmica em três transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração, para mostrar quais são e como funcionam as estratégias lingüísticas empregadas nas situações em que os jornalistas têm que lidar com imprevistos, com a falta de informações e com a necessidade de apuração e divulgação extremamente rápidas. As três coberturas telejornalísticas que compõe o nosso *corpus* foram veiculadas pela emissora Rede Globo de Televisão e são as seguintes<sup>3</sup>: o seqüestro do empresário Sílvio Santos, transmitido em agosto de 2001; o atentado terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono, transmitido em setembro de 2001; a guerra do Iraque, transmitida em março de 2003<sup>4</sup>.

Segundo diversos estudiosos, tais como Neves (1996), Dall’Aglio-Hattner (1995), Halliday (1970), Castilho e Castilho (1996), Faria (2003) e Leite (2002), a modalidade pode ser entendida como a atitude/posicionamento/julgamento que o locutor assume em relação aos seus enunciados. Ela divide-se em três categorias básicas: *alética*, *deôntica* e *epistêmica*. Enquanto a modalidade alética é empregada para verificar o valor de verdade de uma proposição, ou seja, se algo é verdadeiro ou falso, a modalidade deôntica é utilizada pelo locutor para impor, obrigar, ou permitir algo a alguém e este locutor espera uma resposta por parte do seu interlocutor. A modalidade epistêmica, por sua vez, resulta de uma avaliação do locutor sobre o conhecimento que ele tem de um estado de coisas. Dependendo do grau de conhecimento sobre um determinado assunto, o enunciado poderá situar-se no campo da certeza ou nos graus da possibilidade, da incerteza. Como o jornalista, em uma transmissão ao vivo, torna-se parte integrante dela também no que diz respeito à formulação da notícia, acreditamos que a modalização de seus enunciados no campo do certo, do provável ou do

---

<sup>3</sup> As três transmissões telejornalísticas ao vivo que constituem o nosso *corpus* fazem parte do Projeto de Ensino “Banco de Dados Midiáticos” (Processo nº 286/03), da Universidade Estadual de Maringá. O processo de transcrição deste material ocorreu anteriormente à produção desta dissertação, a partir dos seguintes procedimentos: 1º) gravação das coberturas ao vivo em áudio e vídeo; 2º) transcrição livre do material, ou seja, transposição do material gravado para o papel sem a utilização de normas; 3º) aplicação ao material transcrito, depois de novas audições da fita, das normas de transcrição do Projeto NURC, apresentadas em Castilho e Preti (1986).

<sup>4</sup> Ressaltamos que a transmissão do seqüestro do empresário Sílvio Santos e a transmissão do atentado terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono não foram gravadas integralmente devido à forma inesperada como esses eventos ocorreram. Foi possível gravarmos os momentos que antecederam o fim do seqüestro de Sílvio Santos, mais especificamente a última hora de transmissão ao vivo, e as duas horas finais de veiculação ao vivo sobre o atentado ao World Trade Center e ao Pentágono. Além disso, a cobertura do seqüestro e a cobertura do atentado foram transmissões ininterruptas, ou seja, não tiveram intervalos, fato que diferencia da cobertura telejornalística ao vivo da guerra do Iraque, que teve cinco rápidos intervalos.

possível vincula-se diretamente ao contexto de produção desses enunciados. Assim, observando os modalizadores epistêmicos utilizados e seu funcionamento, é possível explicarmos os posicionamentos dos jornalistas, suas certezas e incertezas nas transmissões das informações. Nestes casos, o que se evidencia, então, é a subjetividade dos locutores e o valor de verdade das informações revela-se dependente do conhecimento destes locutores.

Dada a relação direta entre a utilização dos modalizadores e a situação contextual em que os enunciados são produzidos, nossos objetivos específicos são: a) investigar o modo de construção e transmissão das coberturas telejornalísticas ao vivo, para conhecermos o contexto de produção dos enunciados e compreendermos exatamente porque esses enunciados são modalizados pelos jornalistas; b) verificar se a modalização epistêmica relaciona-se com algum tipo de evidência apontada pelo falante; c) analisar o efeito comunicativo destes modalizadores nas três transmissões telejornalísticas ao vivo.

Para caracterizarmos e sistematizarmos a modalidade epistêmica e os seus modalizadores, seguimos os princípios teóricos gerais do funcionalismo. Essa abordagem considera a língua em uso, integrando os componentes pragmático, semântico e sintático. Na teoria funcionalista, os usuários da língua assumem papel central, pois o objetivo da investigação lingüística nesta perspectiva é mostrar como falantes e ouvintes comunicam-se entre si, com eficiência. Neste sentido, os modalizadores funcionam como elementos mediadores, que relacionam a intenção do falante e a interpretação do ouvinte. Ressaltamos que nosso enfoque não leva em consideração nenhum modelo teórico funcionalista específico, pois, como nosso trabalho situa-se na linha de pesquisa de *Estudos do Texto e do Discurso*, detemo-nos nas relações entre o contexto de produção dos enunciados e a construção destes pelo falante e a sua tentativa de manter a veracidade e fidelidade das informações, o que coloca o ouvinte no jogo interacional. Isso nos desobriga de uma análise dos modalizadores no nível da frase, por exemplo. Essa proposta se fundamenta na afirmação de Dall’Aglio-Hattner (2001), segundo a qual, os estudos funcionalistas abarcam diversos pontos de vista sobre as modalidades, mas têm em comum a idéia de que o caráter de “instrumento de interação” das modalidades pede uma abordagem que considere a língua em uso.

Com relação à metodologia, nesta pesquisa utilizamos o método quantitativo-qualitativo, com o qual realizamos um levantamento quantitativo dos dados presentes nas três transmissões telejornalísticas ao vivo que compõem o nosso *corpus* para, em seguida, analisarmos qualitativamente estes dados, considerando-se o contexto das coberturas ao vivo e seus interlocutores.

Primeiramente, então, para atingirmos os objetivos propostos nesta pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica sobre as transmissões telejornalísticas ao vivo, a modalidade na perspectiva lógica e lingüística, e a modalidade epistêmica sob a ótica do funcionalismo. Esta revisão é a base para a elaboração dos capítulos teóricos.

A propósito, durante o levantamento bibliográfico sobre as coberturas ao vivo, não encontramos referenciais bibliográficos que comentassem ou discutissem o processo de construção e veiculação de notícias ao vivo, o que nos levou a recorrer a outras fontes para a produção de um capítulo que trabalhasse esse assunto. Assim, a produção do capítulo 1 – *As transmissões telejornalísticas ao vivo* – deve-se, essencialmente, às observações registradas nas diversas vezes em que assistimos as gravações das três coberturas e, principalmente, às duas entrevistas concedidas por dois profissionais da Rede Globo que trabalham na área de jornalismo, na sede da emissora, em São Paulo. Fernando Gueiros, um dos jornalistas entrevistados, afirma que realmente não há materiais que relatem o contexto de produção e transmissão de um evento em uma cobertura ao vivo. Segundo o próprio jornalista,

não existe muito um tutorial de como é que se faz esse tipo de cobertura... você tem equipamentos, recursos que você disponibiliza de acordo com a necessidade de cada cobertura... então, por exemplo, você tem duas situações... você tem você tem... vamos dizer... eventos que são datados, por exemplo, o Papa vem aí... você tem tempo, a gente já sabia, tinha que pesquisar por onde ele chegava, pra onde ele ia... e o que que ele fazia... então, a gente conseguia estudar, entendeu?... com orçamento de câmeras, fazia todo um trabalho de preparação dos equipamentos e tudo mais e tal, de reserva... e tem as coisas que surgem de última hora, tipo o avião da TAM quando caiu... a gente não sabia, teve que de última hora, teve que montar uma estrutura específica pra aquela transmissão, entendeu?... então, é por isso que não existe muito material teórico porque é uma coisa que você tem os recursos e você... o grande segredo de operações é você de uma maneira rápida... sempre considerando estratégia e logística... você vê qual é a maneira mais rápida e mais efetiva de você levantar um ponto de ao vivo, botar repórter... falando com o microfone, com a câmera ligada, com sinal bom, com retorno no ouvido dele e tudo mais...

O processo para chegarmos até as entrevista não foi fácil. Primeiro, entramos em contato com o Projeto *Globo Universidade*<sup>5</sup>, mas, devido à grande quantidade de pedidos que

---

<sup>5</sup> Este Projeto, desenvolvido pela Central Globo de Comunicação, é voltado para estudantes de graduação e pós-graduação e apóia pesquisas acadêmicas, trabalhos de conclusão de curso, seminários e palestras. Ele é o “canal de comunicação e integração da TV Globo com universidades e tem por objetivo promover uma troca permanente de idéias, tecnologias e, principalmente, contribuir com a geração de conhecimento sobre televisão no país” (PROGRAMA ESTAGIAR, 2007). Assim, trabalhos que tenham como fonte as notícias, os programas da emissora, entre outros, e que desejam informações e/ou auxílio para a sua produção, ou ainda visitas técnicas, devem encaminhar um pedido formal da instituição de ensino, por e-mail ou fax, para o Projeto *Globo*

o Projeto recebe, teríamos que esperar alguns meses para sermos atendidos. Decidimos, então, buscar ajuda em outra fonte: a *RPC<sup>6</sup>-TV Cultura*, afiliada da Rede Globo, em Maringá. Conseguimos uma entrevista com o editor e chefe de redação do jornalismo, Fernando Miranda, mas, por não ter experiência de trabalho em coberturas telejornalísticas ao vivo, ele não pôde contribuir muito para responder nossas perguntas e tirar nossas dúvidas sobre o assunto. No entanto, mostrou-se muito disposto a nos ajudar e, para isso, entrou em contato com a produtora de rede do *Jornal Hoje*, Regina Alves, em São Paulo<sup>7</sup>, e explicou a nossa situação. Em seguida, nós também entramos em contato com Regina, que nos encaminhou para Daniela Damiani, pesquisadora do Projeto *Globo Universidade*, em São Paulo.

A pesquisadora Daniela Damiani manifestou-se extremamente disposta a nos ajudar e entendeu a necessidade de nos atender com certa urgência, pois explicamos a nossa situação e contamos que todo esse processo até chegarmos novamente ao Projeto demorou aproximadamente três meses. Conforme mencionamos há pouco, não encontramos nenhum material sobre o processo de construção e veiculação de notícias ao vivo. Daí a urgência de nosso trabalho, pois, além do prazo que tínhamos para concluí-lo, entendemos que seria necessário realizarmos entrevistas com jornalistas que participaram de alguma cobertura ao vivo, o que levaria algum tempo. Para isso, os responsáveis pelo Projeto *Globo Universidade* tiveram que analisar a nossa proposta de pesquisa para, depois, permitirem a realização das entrevistas. Com a permissão concedida, a pesquisadora Daniela Damiani verificou quais profissionais teriam disponibilidade para participar da entrevista e marcou as datas para a realização. Esse processo todo não ocorreu em alguns dias e, por isso, foi necessário esperarmos aproximadamente dois meses para as entrevistas. Somente depois deste trajeto é que conseguimos embasamento para produzirmos efetivamente o capítulo.

Com relação às entrevistas<sup>8</sup>, dois jornalistas contribuíram com a nossa pesquisa: *Denise Cunha Sobrinho* – Chefe de Redação do telejornalismo local de São Paulo há dois anos e meio. Denise Cunha Sobrinho trabalha na Rede Globo desde 1981 e participa, desde 2006, de todas as coberturas realizadas ao vivo ou não, que acontecem em São Paulo, tais como a cobertura ao vivo do acidente com o avião da TAM, em 2007, a cobertura ao vivo da

---

*Universidade*. Estes trabalhos e visitas são analisados e o atendimento está sujeito à disponibilidade e aos critérios estabelecidos pela Rede Globo.

<sup>6</sup> Rede Paranaense de Comunicação.

<sup>7</sup> A escolha por São Paulo não foi por acaso. Fernando Miranda escolheu a central de jornalismo paulista por que a equipe de reportagem que cobriu ao vivo o seqüestro do empresário Sílvio Santos e o atentado terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono foi a equipe do *Jornal Hoje*, com sede em São Paulo, assim como a equipe do *Jornal da Globo*, que fez a cobertura da guerra do Iraque.

<sup>8</sup> A entrevista concedida por Denise Sobrinho e a entrevista concedida por Fernando Gueiros encontram-se nos anexos deste trabalho.

visita do Papa ao Brasil, também em 2007, e a mais recente, em 2008, a cobertura sobre o caso da menina Isabela Nardoni. *Fernando Gueiros* – Gerente de Operações da Central Globo de Jornalismo, em São Paulo, há dez anos. Fernando Gueiros está na Rede Globo há aproximadamente 20 anos, trabalhou em diversos programas da emissora, tais como *Globo Repórter*, *Fantástico*, *Jornal Hoje*, *No Limite* e já participou da cobertura ao vivo da guerra do Iraque, em 2003, da cobertura ao vivo da visita do Papa ao Brasil, em 2007, da cobertura ao vivo do acidente com o avião da TAM, também em 2007, entre outras.

A entrevista com Denise Sobrinho aconteceu via e-mail e a entrevista com Fernando Gueiros ocorreu via telefonema. Esta última foi gravada e transcrita. Para a sua transcrição, não nos preocupamos em ressaltar as diversas características da fala, como prolongamentos de vogal e consoante, entoações enfáticas, sobreposição de vozes, entre outros. Desse modo, após a gravação, fizemos uma transcrição livre, sem a utilização de normas, respeitando, no entanto, as especificidades da linguagem escrita, e preservamos somente as pausas longas, indicadas com reticências.

Após a revisão bibliográfica, fizemos o levantamento quantitativo dos modalizadores epistêmicos, sistematizamos suas ocorrências nas três coberturas ao vivo e analisamos a manifestação destes modalizadores, no *corpus*, à luz das teorias levantadas. Por fim, realizamos a sistematização dos resultados obtidos para a revisão e a reformulação final da dissertação.

Acreditamos que a importância do estudo sobre os modalizadores em transmissões telejornalísticas ao vivo pode ser verificada em três aspectos. Primeiro, a pertinência para a realização desta pesquisa mostra-se na medida em que a maioria dos trabalhos de análise da linguagem jornalística é voltada para o impresso ou para os telejornais, com as notícias editadas. Um estudo profundo sobre o processo de construção e transmissão de coberturas telejornalísticas de extensa duração veiculadas ao vivo é praticamente inexistente no Brasil. Conseqüentemente, uma pesquisa como a nossa contribui para o estudo dos gêneros jornalísticos-televisivos, pois mostra a organização lingüístico-textual e interativa das coberturas telejornalísticas ao vivo, destacando seu modo de construção sob a forma simultânea da apuração dos fatos e de sua veiculação/narração, revelando a relação das modalidades com alguns aspectos pragmáticos. Além disso, o noticiário televisivo é a principal fonte de informação da maior parte dos brasileiros e, devido à dimensão significativa que ocupa, é responsável pela formação da opinião pública e pela construção da realidade de grande parte da população brasileira. Logo, algo tão significativo em nossa

sociedade é merecedor de estudos acadêmicos que procurem investigá-lo e compreendê-lo melhor.

Para mostrarmos nossa trajetória de pesquisa, organizamos o trabalho em três capítulos. No Capítulo I – *As transmissões telejornalísticas ao vivo* – traçamos um perfil da rotina de trabalho das equipes de redação dos telejornais da emissora Rede Globo para expormos, por meio de uma comparação por contraste, as diferenças existentes entre as coberturas telejornalísticas de extensa duração, transmitidas ao vivo, e os noticiários televisivos. Desse modo, acreditamos ser possível descrevermos também o processo de construção e transmissão das transmissões telejornalísticas ao vivo. Abordamos, ainda, a relação “linguagem e o telejornalismo”, apontando as características da linguagem em cada uma das duas modalidades de transmissão de notícias.

No Capítulo II – *A modalidade epistêmica* – expomos algumas considerações sobre o tratamento que as modalidades recebem no campo da Lógica e da Lingüística e, voltados para a perspectiva lingüística, apresentamos a modalização epistêmica segundo o ponto de vista de alguns autores da linha funcionalista. Discutimos, ainda, a relação da modalidade epistêmica com a questão da *evidencialidade*.

No Capítulo III – *A manifestação da modalidade epistêmica em transmissões telejornalísticas ao vivo* – sistematizamos os tipos de modalizadores usando como critério os tipos de evidência que os jornalistas apresentam em seu discurso e analisamos os dados levantados, relacionando-os ao seu contexto de produção.

Desse modo, a partir de nossas reflexões sobre a manifestação da modalidade epistêmica em transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração, esperamos contribuir tanto para os estudos lingüísticos, com a demonstração do funcionamento das modalidades em condições específicas de produção, como para os estudos jornalísticos, com novas considerações sobre o processo de construção e transmissão de notícias ao vivo.

## CAPÍTULO 1

### AS TRANSMISSÕES TELEJORNALÍSTICAS AO VIVO

#### 1.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, nosso objetivo é descrever o processo de construção e veiculação de notícias em transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração<sup>9</sup>. Para tanto, traçaremos, inicialmente, um perfil da rotina de trabalho das equipes de redação dos telejornais da emissora Rede Globo de Televisão. Feita a descrição da rotina de trabalho, mostraremos as diferenças existentes entre as coberturas telejornalísticas ao vivo e os noticiários televisivos, a partir de uma análise de comparação por contraste. Abordaremos, também, a relação da linguagem com o telejornalismo, apontando as características da linguagem em cada uma das duas modalidades de transmissão de notícias.

#### 1.2 O processo de construção e transmissão de notícias nos telejornais

A transmissão de notícias no jornalismo televisivo é feita diariamente nos telejornais, em horários pré-determinados, nos quais as matérias são primeiramente organizadas e editadas e, em seguida, veiculadas. Todo esse processo de planejamento das matérias até o momento da transmissão envolve muitos profissionais e inicia-se no dia anterior à exibição do noticiário, encerrando-se somente após o fim do telejornal.

Em seu livro *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo* (2005), Vizeu apresenta um exemplo deste trabalho de preparação de um telejornal. No livro, o autor narra e analisa a rotina produtiva (ou rotina de trabalho) da equipe de redação do telejornal RJTV1<sup>10</sup>, com enfoque no trabalho dos editores de texto. Vizeu (2005) acompanhou por alguns dias a

---

<sup>9</sup> Nesta pesquisa, apresentaremos as expressões “*transmissões telejornalísticas ao vivo*” e “*coberturas telejornalísticas ao vivo*” como sinônimas.

<sup>10</sup> Noticiário televisivo regional e local da Rede Globo de Televisão, no Rio de Janeiro.

rotina produtiva dos editores e de outros profissionais do RJTV1 e o relato minucioso que ele faz do trabalho desenvolvido por estes profissionais pode ser observado também no site do próprio telejornal. No site da emissora Rede Globo, temos acesso à página de todos os noticiários televisivos da empresa e podemos observar o funcionamento e a preparação do *Bom Dia Brasil* (sede no Rio de Janeiro), *Bom Dia Rio*, *RJTV 1ª Edição*, *RJTV 2ª Edição* (Editoria Rio – responsável pelos três telejornais e pelo *Globo Comunidade*), *SPTV 1ª Edição* e *SPTV 2ª Edição* (Editoria São Paulo – responsável pelos dois telejornais), por exemplo. A descrição da rotina de trabalho apresentada nos sites dos telejornais citados acima não é tão aprofundada quanto a que Vizeu (2005) expõe em seu livro sobre o RJTV1, mas mostrou-nos que os principais noticiários da emissora seguem uma mesma conduta jornalística para a preparação e transmissão das notícias. E Vizeu (2005, p. 7) garante que não são só os grandes telejornais que se apresentam da mesma forma: “toda a produção da emissora é a configuração básica para as demais associadas e filiadas em todo o país”, já que os contratos feitos entre a Rede Globo e as emissoras associadas e filiadas prevêm desde a cobertura geográfica até a programação a ser produzida.

Baseados no estudo de Vizeu (2005) e nas informações contidas nos sites da Editoria Rio (*Bom Dia Rio*, *RJTV 1ª Edição* e *RJTV 2ª Edição*) e da Editoria São Paulo (*SPTV 1ª Edição* e *SPTV 2ª Edição*), traçamos um perfil da rotina produtiva das equipes de redação que trabalham na preparação dos noticiários da Rede Globo. Acreditamos que esse perfil facilitará a compreensão da rotina de trabalho, dando uma idéia do conjunto das atividades realizadas pelos profissionais envolvidos na preparação de um telejornal. O perfil da rotina produtiva foi dividido em quatro fases:

**1º momento** – é a chegada à redação. A equipe de redação (chefe e sub-chefe de reportagem, editor-chefe, editores, repórteres e apresentadores) faz uma reunião de pauta para analisar a pauta do dia anterior, organizar a pauta do dia, definir as notícias prioritárias e verificar se alguma matéria do dia anterior será apresentada por um ângulo diferente.

Conforme o site da Editoria Rio (2008), na reunião de pauta, decide-se ainda se uma matéria será ou não acompanhada por uma arte, isto é, efeitos especiais utilizados para enriquecer a reportagem e facilitar a compreensão do telespectador. Nesse encontro de planejamento, a equipe de redação é avisada do tempo que o telejornal ficará no ar e, a partir

dessa informação, são definidas as matérias que serão exibidas e o tempo de cada uma, os entrevistados e se será necessário o uso do *globocop* (helicóptero da Globo)<sup>11</sup>.

No caso de telejornais de rede nacional, como o Bom Dia Brasil, durante a reunião de planejamento, produtores e editores também entram em contato com outras emissoras da TV Globo no Brasil (Belo Horizonte, Brasília, Recife e São Paulo) e com os correspondentes internacionais em Nova York, Londres, Paris, Roma, Buenos Aires e Jerusalém para apurar as últimas informações e preparar as reportagens.

Ao fim da reunião, o editor-chefe distribui as matérias do dia para os editores de texto e as equipes de reportagem (compostas por um repórter, um cinegrafista, um iluminador e um técnico operador de áudio e dos carros de reportagem) são liberadas para o trabalho de rua. Também neste momento, o editor-chefe começa a montar o *espelho*, que é a relação das matérias que vão compor o jornal, com a ordem de apresentação e o tempo de duração de cada reportagem. De acordo com o editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, William Bonner, a definição do espelho não bloqueia alterações. “Quando chega material em cima da hora e precisamos incluir na edição que já está no ar, fazemos o possível para cortar segundos” (*apud* CASTRO, 2006, s.p.), explica Bonner, em uma entrevista concedida ao site de Assessoria de Comunicação da UnB.

Segundo o site da Editoria Rio (2008) e da Editoria São Paulo (2008), para preparar um telejornal, desde a reunião de planejamento até o momento de transmissão do noticiário, os profissionais do telejornalismo da Globo têm um tempo reduzido, que varia de quatro a seis horas, aproximadamente, dependendo do jornal.

**2º momento** – os profissionais já estão no meio do período de trabalho. Os editores de texto e de imagem preparam algumas matérias de *gaveta* (reportagens com imagens, textos e entrevistas já gravados e que não foram usadas, mas não perderam a atualidade) e esperam para editar as que estão na rua. Vizeu (2005) afirma que a elaboração e edição das matérias que irão ao ar é uma tarefa constante e conjunta na redação de um telejornal, pois

enquanto redigem as páginas, muitas vezes, os editores trocam idéias entre si e com o editor-chefe sobre a cabeça da matéria. Eles conversam sobre que palavra ficaria melhor na frase, que abertura dar para a notícia, entre outras. (VIZEU, 2005, p. 111)

---

<sup>11</sup> Segundo o site da Rede Globo, o tempo de transmissão dos telejornais da Editoria Rio e Editoria São Paulo varia de 15 a 30 minutos e os telejornais de rede nacional duram de 30 a 35 minutos (*Jornal Hoje* e *Jornal da Globo*, respectivamente) ou de 40 a 50 minutos (*Jornal Nacional* e *Bom Dia Brasil*, respectivamente).

O autor explica, ainda, que, no momento da edição, o editor-chefe está sempre em contato com os editores de texto para saber se determinada matéria é boa e se merece ser veiculada no telejornal. Durante o processo de elaboração e edição, os editores estruturam toda a reportagem para que o resultado final tenha boa qualidade. Para Rezende (2000), a estrutura completa de uma reportagem constitui-se de cinco partes: *cabeça* (texto escrito pelo editor e lido pelo apresentador do telejornal; é a abertura da reportagem), *off* (narração do repórter ou apresentador, acompanhada de imagens do fato), *boletim* ou *passagem* do repórter (aparição do repórter no vídeo, do local onde o fato ocorreu), *sonora* (fala de entrevistados na reportagem) e *pé* ou *nota pé* (complementação e/ou reforço de algum dado da reportagem. Os dados são, geralmente, informações que chegam à redação após o término da edição da reportagem, ou são informações de serviço, como um endereço, um número de telefone, sites e e-mails.). Rezende (2000, p. 157) explica que a estrutura da reportagem “pode configurar-se também sem uma ou mais dessas partes. De modo algum, porém, deve prescindir é da intervenção - direta ou em off - do repórter”.

Após estruturada e editada, uma reportagem pode ser revisada mais de uma vez, pois, quando o tempo permite, o editor de texto volta para conferir o material pronto. Concluída a edição das matérias, o editor-chefe as acessa no seu terminal, para revisão e alteração de algum ponto, ou aprovação imediata, ou pode propor, ainda, que o editor de texto redija uma nova página, se acreditar que determinado elemento da matéria não foi destacado como deveria. Aprovadas, as matérias aguardam o momento de transmissão no telejornal, mas o editor-apresentador pode acrescentar novas informações a elas, as quais serão igualmente revisadas pelo editor-chefe. Vemos que há um processo que envolve muitos pormenores na elaboração da notícia nos telejornais diários, o que não ocorre com as transmissões ao vivo, como teremos oportunidade de mostrar.

E o trabalho de preparação do noticiário continua. Enquanto as matérias são editadas, o editor-chefe verifica o que as equipes de reportagem na rua estão preparando para o telejornal, verifica também os fatos novos que surgiram e que podem entrar no noticiário e, em um terminal de computador, observa o que está sendo produzido no jornalismo da Rede Globo<sup>12</sup>. Os produtores apuram as notícias e fazem diversos telefonemas em busca de informações ou para agendar entrevistas. As equipes de reportagem ainda estão na rua e

---

<sup>12</sup> Todo o material produzido para a transmissão, desde a pauta dos telejornais locais e nacionais até o texto final que será lido pelo apresentador, pode ser acessado a qualquer momento pelos jornalistas. Segundo Vizeu (2005, p. 99), por meio do terminal de computador, os jornalistas têm acesso a todo o fluxo de informação que circula na emissora: previsões de outros telejornais, *espelhos*, *scripts*, matérias em andamento, notícias do departamento de esportes da Globo, além do material fornecido pelas agências de notícias Globo e Estado.

mantêm contato freqüente com os editores. Para ampliar a cobertura dos telejornais da Editoria Rio e evitar atrasos nas matérias produzidas na rua, a emissora Rede Globo criou e lançou no dia 14 de agosto de 2007 uma unidade portátil, chamada de *RJ Móvel*. Esta unidade é auto-suficiente, pois independe da infra-estrutura da redação para gerar suas próprias matérias. Dentro do RJ Móvel estão todos os equipamentos necessários para gravar e editar as reportagens (SITE DA EDITORA RIO, 2008)

Além do RJ Móvel, a Globo possui o *motolink*. Como nem sempre há a necessidade de cinegrafista e repórter saírem juntos em busca da notícia, pois, às vezes, só é preciso captar imagens, um cinegrafista da emissora, abordo do *motolink*, sai para filmar as imagens. “Saio sozinho na moto, chego antes de qualquer unidade móvel e faço as imagens necessárias”, disse o repórter cinematográfico, Vilson Ferreira” (SITE DA EDITORIA RIO, 2008). Nestes casos, Vizeu (2005) explica que as informações relacionadas às imagens são obtidas posteriormente pela produção. Então, o editor de texto faz uma nota coberta, ou seja, redige uma nota/matéria que será coberta pelas imagens captadas pelo cinegrafista.

**3º momento** – é o fechamento, também conhecido como *linha de morte* (VIZEU, 2005). Este momento é o mais tenso durante a preparação do telejornal. As fitas com as matérias realizadas pelos repórteres, na rua, começam a chegar à redação. Para adiantar o trabalho, os noticiários *Bom Dia Rio*, *RJTV 1ª Edição*, *RJTV 2ª Edição*, *SPTV 1ª Edição* e *SPTV 2ª Edição* dispõem de motoristas do departamento de jornalismo para buscar estas fitas com as matérias, pois “normalmente de uma pauta o repórter salta para outra, não voltando para a emissora” (VIZEU, 2005, p. 112). Estes motoristas utilizam motos para se deslocar porque o trânsito engarrafado das grandes cidades pode determinar a demora na chegada da fita, na emissora. Outros meios de garantir a chegada das matérias à redação são o *globocop*, o *motolink* e um automóvel *Blazer*. Os técnicos e engenheiros de produção são os responsáveis por estes equipamentos.

Com as fitas em mãos, os editores de texto e de imagem vão para as ilhas de edição para assistir ao material gravado e começar a edição das reportagens, unindo vídeo e áudio em uma única fita, o VT. A maioria dos VTs tem matérias com duração de 1min a 1min30s, exceto as reportagens especiais, como as *séries*, que são produzidas antecipadamente, com edição mais elaborada.

Enquanto os editores finalizam as matérias, o editor-chefe faz os últimos ajustes no espelho e avalia e aprova as reportagens, a equipe de técnicos checa os equipamentos e faz testes de áudio e os apresentadores vão para o estúdio para gravar a *escalada* (a leitura das

principais matérias do telejornal, cuja a função é chamar a atenção do telespectador para o jornal). Segundo o site da Editoria Rio (2008), os jornalistas âncoras recebem os textos das matérias impressos, pois é uma forma de evitar problemas, caso o teleprompter não funcione. O teleprompter (ou prompter) é um ponto eletrônico que emprega um monitor de vídeo, acoplado à câmera, no qual se exhibe o texto a ser lido pelo apresentador/âncora. É importante ressaltarmos que os apresentadores contribuem com o planejamento das matérias, já que, na maioria dos casos, eles são também editores. Mesmo que aconteça algum imprevisto de última hora em alguma reportagem, eles sabem como lidar com a situação, pois conhecem todo o conteúdo do telejornal.

Poucos minutos antes do jornal ir ao ar, os editores continuam em contato com seus repórteres e ainda editam algumas matérias e os produtores checam informações. O trabalho da equipe de redação não pára enquanto o noticiário está no ar. Conforme William Bonner (*apud* CASTRO, 2006), os trabalhos para a produção do *Jornal Nacional* começam, diariamente, às 7 horas da manhã, mas este sofre edições no ar até o último bloco. Há, portanto, um processo contínuo de preparação do telejornal que envolve a revisão do texto e a checagem do que vai ser apresentado, com a finalidade de manter a qualidade e credibilidade do telejornal.

**4º momento** – o jornal está no ar. Os telejornais da Rede Globo exibem suas principais notícias<sup>13</sup>. De acordo com o site da Editoria Rio (2008), toda a transmissão do telejornal é acompanhada dos centros de controle pelo coordenador do telejornal, pelo produtor, pelo editor-chefe e outros profissionais. Eles monitoram tudo do switcher, onde áudio e vídeo, tanto do estúdio quanto dos repórteres, são checados. “O contato entre apresentadores e o switcher é muito importante. Caso alguma mudança precise ser feita durante o telejornal, os apresentadores serão avisados pelo ponto” (SITE DA EDITORIA RIO, 2008).

Depois da exibição do telejornal, a equipe de redação (apresentador, coordenador do telejornal, editor-executivo, editor-chefe, editores, chefe de redação, produtor) de todos os grandes telejornais da Rede Globo faz uma reunião para avaliar o noticiário que foi ao ar. São

---

<sup>13</sup> A maioria dos noticiários da Rede Globo é dividida em quatro blocos, separados por três intervalos comerciais, os *breaks*. Os telejornais regionais, por exemplo, trabalham em conjunto com as afiliadas. Desse modo, o primeiro bloco dos jornais regionais é destinado ao noticiário local (o qual produz o seu próprio telejornal) e os três últimos aos do estado. Conforme Ana Luiza Guimarães, apresentadora do Bom Dia Rio, a divisão do noticiário com as afiliadas contribui para qualidade do telejornal. “Assim, podemos cobrir o estado de forma ampla. Dividimos as equipes e as responsabilidades. Além disso, o telespectador que não vive na cidade se sente representado. Eles vêem que estamos em qualquer lugar” (SITE DA EDITORIA RIO, 2008). Desta forma, a credibilidade do telejornal aumenta, pois se cria a impressão de que o telespectador pode encontrar todas as notícias relevantes na emissora, mesmo aquelas próximas à sua realidade.

analisadas as matérias que foram ao ar, o que poderia ter sido transmitido e o que poderá ser aproveitado para o dia seguinte. Além disso, são discutidas as pautas, notícias e fatos que terão que ser apurados para a próxima edição do jornal. Vemos, portanto, que é no dia anterior que os telejornais começam a ganhar formas. Em telejornais de rede nacional, como o Bom Dia Brasil, a reunião conta também com a presença das emissoras da TV Globo de Belo Horizonte, Brasília, Recife e São Paulo, que participam por teleconferência.

Ao mesmo tempo em que acontece a reunião dos profissionais do noticiário que acabou de ser exibido, o editor-chefe, o coordenador de telejornal, editores, produtores e repórteres do próximo telejornal trocam informações sobre o que foi exibido no noticiário anterior. Assim, evita-se a repetição de matérias e um telejornal complementa o outro. A equipe também se preocupa em discutir as novas versões das reportagens que foram exibidas na primeira edição do telejornal e trocam informações com os repórteres. Para exemplificar esse processo contínuo de preparação dos telejornais, segundo o site da Editoria Rio (2008), durante a reunião que acontece depois da exibição do RJTV 2ª Edição, o coordenador de conteúdo Marcelo Moreira conversa com o editor do Bom Dia Rio, Marcos Mendes, sobre o que não foi ao ar no RJTV 2ª Edição e que pode ser usado no Bom Dia Rio (próximo telejornal a ser preparado e veiculado na Editoria Rio). Nesta conversa, o coordenador de conteúdo sugere como as matérias podem ser exploradas e indica os fatos que precisam ser apurados durante a madrugada para serem exibidos na manhã do dia seguinte, no Bom Dia Rio. Esse processo de complementação e troca de informações acontece entre todos os telejornais da emissora, conforme podemos observar na Editoria Rio, na Editoria São Paulo e entre os jornais de rede, como o Bom Dia Brasil, o Jornal Hoje, o Jornal Nacional e o Jornal da Globo, mesmo que estes quatro últimos não sejam todos preparados na mesma editoria<sup>14</sup>.

Todo o processo de construção da notícia aqui demonstrado evidencia o cuidado que as equipes dos telejornais têm no dia-a-dia para tentarem reproduzir de maneira fiel, objetiva e verdadeira a realidade dos fatos, consoante os princípios do Jornalismo.

---

<sup>14</sup> A editoria do Bom Dia Brasil e do Jornal Nacional tem sede no Rio de Janeiro. A editoria do Jornal Hoje e do Jornal da Globo tem sede em São Paulo.

### 1.3 O processo de construção e transmissão de notícias em transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração

Após traçarmos um perfil da rotina produtiva dos telejornais da Rede Globo, é importante ressaltarmos que imprevistos surgem constantemente e é preciso ter experiência e profissionalismo para lidar com situações inesperadas. Segundo o site da Editoria Rio (2008), as equipes de redação da TV Globo estão bem preparadas profissional e tecnologicamente para lidar com essas ocorrências. Foi o que pudemos observar na cobertura telejornalística ao vivo do *seqüestro do empresário Sílvio Santos* (doravante SSS), em 2001, na cobertura telejornalística ao vivo do *atentado terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono* (doravante AWTC/P), também em 2001, e na cobertura telejornalística ao vivo da *guerra do Iraque* (doravante GI), em 2003.

Em eventos especiais como os citados acima, de extrema relevância e de grande repercussão, o jornalismo televisivo procura cobrir os fatos ao vivo, ou seja, a partir de *coberturas telejornalísticas ao vivo*, geralmente de extensa duração, em que a transmissão dos fatos é realizada simultaneamente com sua ocorrência, isto é, quase no tempo real do acontecimento, e sem um planejamento prévio e revisões, como vimos que acontece no dia-a-dia dos telejornais<sup>15</sup>. Nestes casos, em que o planejamento ocorre concomitantemente ao momento da transmissão, já que há um desejo das emissoras de transmitir a notícia “em primeira mão”, ocorrem algumas mudanças na rotina de trabalho dos profissionais das equipes de redação que caracterizam as coberturas telejornalísticas ao vivo e as diferenciam de um telejornal. Desse modo, para mostrar essas mudanças/diferenças existentes entre uma e outra modalidade de veiculação de notícias e, principalmente, para caracterizar uma transmissão telejornalística ao vivo de extensa duração, pontuamos alguns itens que acreditamos serem os mais relevantes no trabalho de uma equipe de jornalismo. Essas mudanças no tipo de transmissão das informações são responsáveis por modificações no contexto de produção das notícias, fazendo com que o jornalista produza enunciados de maneira diferente dos produzidos no contexto ordinário.

---

<sup>15</sup> Neste trabalho, o termo *ao vivo* é utilizado como referência às *coberturas ao vivo de extensa duração* e não às *entradas ao vivo*. As *entradas ao vivo*, também chamadas de *link*, são reportagens planejadas previamente, de curta ou extensa duração, que entram ao vivo com o repórter, do local onde a notícia aconteceu, e têm como finalidade atualizar a notícia. Quando há uma entrevista nas *entradas ao vivo*, esta é combinada anteriormente com o entrevistado.

### 1.3.1 O modo de estruturação das notícias

Durante a transcrição das coberturas ao vivo do SSS, do AWTC/P e da GI, constatamos que as coberturas telejornalísticas ao vivo de extensa duração são estruturadas basicamente por diálogos, se comparadas à estrutura dos telejornais, o que significa que, nesta modalidade de transmissão de notícias, as informações são transmitidas durante o diálogo entre dois apresentadores (caso a cobertura seja narrada por mais de um apresentador, nos estúdios da emissora), ou entre um apresentador e um repórter (nas entradas ao vivo), ou entre um apresentador e um convidado (nas entrevistas). Raramente as notícias são transmitidas por meio da repetição de informações e imagens ou por meio de reportagens, dados comprovados pelo número de aparições destes dois recursos jornalísticos em nosso *corpus*. Em meio a centenas de diálogos, 7 reportagens foram registradas, sendo 4 na cobertura telejornalística ao vivo do AWTC/P e 3 na cobertura telejornalística ao vivo da GI. O recurso da repetição de informações e imagens foi utilizado 4 vezes, sendo 3 na cobertura ao vivo do AWTC/P e 1 na cobertura ao vivo da GI<sup>16</sup>.

Os telejornais, por sua vez, são estruturados por reportagens ou VTs, divididos em blocos que são separados por intervalos comerciais. Obviamente que os diálogos também fazem parte da estrutura dos telejornais, pois, entre a exibição de uma e outra reportagem, os apresentadores dialogam entre si, são feitas entradas ao vivo e entrevistas. No entanto, os diálogos entre os apresentadores, por exemplo, são muito breves, são segundos de conversa, em que eles expõem a opinião sobre uma reportagem que acabou de ir ao ar. As entradas ao vivo e as entrevistas também são rápidas e nem sempre são utilizadas.

O trabalho dos profissionais também é diferenciado na estruturação da notícia nos telejornais diários e nas transmissões ao vivo. Normalmente, a equipe de jornalismo que cobre um fato e faz a transmissão das notícias em coberturas ao vivo é a equipe que está trabalhando na redação no momento do acontecimento.

Em coberturas telejornalísticas ao vivo, todos os profissionais que se encontram na redação voltam sua atenção para o evento em questão. A função destes profissionais é quase a mesma dos dias normais de trabalho. A diferença, segundo Denise Sobrinho, é que há muito mais pressão e adrenalina, o que exige mais dedicação e companheirismo dos profissionais.

---

<sup>16</sup> O diálogo entre dois apresentadores e o diálogo entre um apresentador e um repórter (entrada ao vivo) serão exemplificados e analisados no tópico “*modo de apuração de informações*”. O diálogo entre um apresentador e um convidado (entrevista), a repetição de informações e as reportagens serão exemplificados e analisados no tópico “*entrevista*”, “*repetição de informações e imagens*” e “*reportagens*”, respectivamente.

Fernando Gueiros complementa a explicação, afirmando que, em coberturas ao vivo, um colega de trabalho procura ajudar o outro e “o editor de texto, por exemplo, pode ir pra ilha de edição sugerir imagens...”.

Assim como em outros dias de trabalho na redação de um telejornal, em coberturas telejornalísticas ao vivo, o produtor, por exemplo, continua responsável pela apuração das informações e faz diversos telefonemas na busca de entrevistados. O editor-chefe, editores de texto e editores de imagem editam informações e imagens quando há tempo e, quando o tempo de edição é muito reduzido, eles também ajudam a apurar informações e imagens juntamente com os produtores. A diferença mais notável ocorre com os apresentadores, pois, em dias normais de trabalho, a maioria deles escreve as chamadas de bloco, grava a escalada do jornal, auxilia na edição de uma ou outra matéria e acompanha a preparação das reportagens, tudo isso antes de apresentar o noticiário televisivo. Em coberturas telejornalísticas ao vivo, como não há escalada e nem chamadas de bloco, o âncora apenas divulga as informações. Isso não significa que seu trabalho é mais fácil, e sim mais difícil, pois, como não há edição na maior parte da cobertura ao vivo, ele deve apresentar as informações aos telespectadores e guiar a transmissão ao vivo, ao mesmo tempo em que improvisa seu discurso, obrigando-o, muitas vezes, a utilizar modalizadores para não se comprometer ou comprometer a emissora com uma informação ainda não confirmada.

Em coberturas telejornalísticas ao vivo de extensa duração, Fernando Gueiros explica que há também o envolvimento de outros profissionais da parte operacional, tais como técnicos de engenharia (responsáveis por montar caminhão, carro, com câmeras, antenas, equipamentos de iluminação, gerador), técnicos de telecomunicações (equipe da Globo que entra em contato com as empresas de telefonia para disponibilizar um circuito de telefone que viabilize o retorno para apresentador ou repórter) e operadores de informática.

A equipe de redação que cobre um evento ao vivo conta também com o auxílio dos *repórteres de rede* (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal da Globo, Jornal Nacional), que são designados para transmitir o fato ao vivo, e *repórteres locais*, que são distribuídos para atender os telejornais locais ou mesmo os telejornais nacionais, caso algum repórter de rede esteja ocupado com a transmissão ao vivo. Para exemplificar, Fernando Gueiros cita o caso de Ana Paula Padrão (repórter de rede – apresentadora do Jornal da Globo), que, por ter morado em Nova York, saiu de casa e foi para a redação do Jornal Hoje para dar um suporte a equipe de jornalismo. Ela fez a narração do atentado junto com o jornalista apresentador Carlos Nascimento.

### 1.3.2 O modo de apuração de informações

Em coberturas telejornalísticas ao vivo internacionais, de extensa duração, como a do atentado terrorista ao World Trade Center e da guerra do Iraque, segundo Denise Sobrinho, as informações podem ser apuradas e transmitidas pelos correspondentes no exterior ou coletadas de emissoras de televisão especializadas em notícias, como a CNN, ou agências de notícias, como a Reuters e a APTN<sup>17</sup>.

Pela observação de nosso *corpus*, percebemos que os correspondentes entram ao vivo, utilizando diversos recursos tecnológicos na apuração e transmissão das informações para o estúdio, conforme exemplos abaixo<sup>18</sup>:

(1)

CN: (...) vamos agora... a Nova York ao vivo já **por satélite** com as informações... ao vivo da repórter Zileide Silva... a Zileide Silva  
(AWTC/P, 70)<sup>19</sup>

(2)

AP: vamos voltar a conversar agora com a nossa correspondente em Tel Aviv... Tâmara Schipper **pelo telefone**... Tâmara  
(GI, 544)

(3)

AP: e agora nós vamos voltar... à cidade... do Kuwait... onde está o nosso correspondente... Marcos Uchôa... que nos... enVIA informações... **por videofone**... transmissão... **pela internet**... Uchôa  
(GI, 2245)

Nos três exemplos acima nós temos uma entrada ao vivo de um correspondente da Globo, no exterior. Os três fragmentos nos permitem comprovar os recursos utilizados pela emissora e o empenho desta para a realização de uma boa transmissão telejornalística ao vivo.

<sup>17</sup> CNN (*Cable News Network*) – [www.cnn.com](http://www.cnn.com)

APTN (*Associated Press Television News*) – [www.aptn.com](http://www.aptn.com)

Reuters – [www.reuters.com](http://www.reuters.com) / Reuters Brasil – [br.reuters.com](http://br.reuters.com)

<sup>18</sup> A marcação em negrito, nos exemplos do *corpus*, não faz parte das normas de transcrição do Projeto NURC; ela é utilizada para destacar trechos e/ou elementos relevantes que comentaremos.

<sup>19</sup> As informações que aparecem no fim de cada exemplo representam, respectivamente, a sua fonte (SSS – seqüestro de Sílvio Santos / AWTC/P – atentado ao World Trade Center e ao Pentágono / GI – guerra do Iraque), e a linha em que o exemplo se encontra na transmissão telejornalística ao vivo.

Ao citar recursos como o satélite, o telefone<sup>20</sup> e o videofone<sup>21</sup>, os apresentadores mostram aos telespectadores a presença da Globo em diversos países e também a tecnologia que a emissora possui, uma vez que transmite, diretamente, as informações mais atualizadas possível.

Podemos concluir que as entradas ao vivo são muito importantes, pois, além de atualizar e passar credibilidade à notícia, já que são feitas no local onde o fato acontece, elas funcionam como uma manobra para a equipe de redação que faz a transmissão ao vivo de um evento, já que a equipe pode utilizá-las nas coberturas telejornalísticas para ganhar tempo para apurar novas informações.

Ainda sobre as entradas ao vivo, Denise Sobrinho afirma que, se o tempo for muito curto para o correspondente coletar informações exclusivas (fato que ocorreria em transmissões telejornalísticas normais, nos noticiários), ele pode utilizar o material de agências internacionais de notícias para elaborar rapidamente suas matérias e resumir os principais dados em uma entrada ao vivo. O exemplo abaixo, retirado da cobertura ao vivo da GI, exemplifica a afirmação de Sobrinho:

(4)

WW: nós va-mos... falar agora... com a Cristina Serra... Cristina... que horas são mesmo em Nova York... agora?

CS: bom... Ana Paula... agora em Nova York... são quase... onze horas... éh::... a informação que nós temos agora... é que o diretor da CIA... ligou para o presidente Bush... quando ele estava janTANdo... com a primeira dama... Laura Bush... e avisou que Saddam Hussein não havia deixado o Iraque no prazo determinado... então... foi quando o presidente Bush determinou... que o ataque deveria começar... uma informação importante... o porta-voz das... forças armadas britânicas... disse... que por enquanto... as tropas dos Estados Unidos... e da Grã-Bretanha... não TEM autorização... para iniciar um ataque por Terra... portanto... é um ataque aéreo por enquanto... **segundo a rede de televisão... CNN...** estes ataques iniciais têm como objetivo... atingir os lugares... onde estaRIAM... escondidas... escondidos... os Líderes do regime iraquiano... obviamente... aí se incluem... Saddam Hussein... e os filhos dele... Uday... e... e... Qusay... e os militares do... alto comando... iraquiano...

(GI, 2222)

O exemplo (4) mostra o diálogo entre o apresentador William Waack e a correspondente, em Nova York, Cristina Serra, a qual transmitiu uma notícia apurada e divulgada anteriormente pela rede de TV americana CNN. Cristina Serra confere à CNN os créditos pela descoberta da nova notícia, assim como fizeram outros jornalistas que participaram das coberturas telejornalísticas de nosso *corpus*.

<sup>20</sup> Segundo Denise Sobrinho, a Rede Globo raramente usa o recurso do telefone, a não ser que seja totalmente impossível gerar imagens via satélite ou internet. Poucos casos foram registrados em nosso *corpus*.

<sup>21</sup> O videofone é um instrumento que funciona como um telefone, mas que envia imagens e informações em “tempo real”, pela internet.

Verificamos que a Rede Globo utilizou muito a CNN na transmissão da guerra do Iraque, pois a rede de TV americana tinha pelo menos um correspondente na cidade de Bagdá e também tinha uma repórter acompanhando os soldados americanos.

Com relação às informações coletadas em agências ou emissoras de televisão especializadas em notícias, Fernando Gueiros explica que a Globo tem contrato com a emissora de notícias CNN e com as agências internacionais de notícias Reuters e APTN, por exemplo, que diariamente fornecem informações e imagens à Rede Globo. Segundo Gueiros, todos os fatos que essas agências noticiarem, a Globo tem o direito de uso, pois ela tem um contrato “guarda-chuva” que cobre tudo o que as agências veiculam. “O que eles botarem nessas gerações internacionais que a gente recebe por satélite, diariamente, vinte quatro horas por dia, a gente pode usar... entendeu? pra nossa cobertura...” (Fernando Gueiros). Desse modo, produtores e editores apuram os fatos e, na maior parte da transmissão ao vivo, eles apenas repassam as informações para o apresentador, o qual improvisa o seu texto. O trecho abaixo, retirado da cobertura ao vivo da GI, exemplifica esse processo:

(5)

WW: e a maioria dos CARros... que a gente tem ouvido aí... nessa:... através dessa câmera... fixada no centro de Bagdá... que transmite agora ao vivo a gente vê... já a manhã... crescendo... o sol... o sol... subindo em Bagdá... a maioria desses carros e de táxis é de autoridades... **segundo o relato que a gente pode receber de correspondentes da CNN...** que estão nesse momento em Bagdá...

AP: e também **a CNN acaba de divulgar...** que:... o presidente iraquiano... Saram/Saddam Hussein... fará um pronunciamento... à nação iraquiana dentro de mais alguns instantes

(GI, 403)

O exemplo acima, além de mostrar a transmissão de informações pelo diálogo entre os dois âncoras do Jornal da Globo que fizeram a narração da cobertura ao vivo da GI, Ana Paula Padrão e William Waack, como afirmamos no item anterior, deixa bem claro para os telespectadores que as informações divulgadas pelos apresentadores são da emissora de notícias CNN. Isso significa que, primeiramente, os dados foram coletados por jornalistas da CNN e, na seqüência, produtores e editores da Rede Globo apuraram esses dados, na internet. Após a apuração, as informações foram repassadas aos apresentadores, que provavelmente improvisaram os seus textos, pois revelam em suas falas marcas indicadoras de formulação do discurso, como podemos ver pelas pausas, acompanhadas de alongamento (*que a gente tem ouvido aí... nessa:... e e também a CNN acaba de divulgar... que:...*), ou por meio da repetição de palavras (*já a manhã... crescendo... o sol... o sol... subindo em Bagdá...*), ou

através do truncamento e reformulação da fala (*o presidente iraquiano... Saram/Saddam Hussein... fará um pronunciamento...*). Nesse fragmento e no anterior, a fonte de informação é indireta, pois está calçada no outro (a CNN), e, ao citá-la, o falante se descompromete com o conteúdo da informação.

Em coberturas telejornalísticas ao vivo no Brasil, Denise Sobrinho afirma que a Rede Globo tem muitas equipes espalhadas por todo o país e, por isso, não há a necessidade de utilizar material de agências de notícias. Assim, todo o material veiculado é exclusivo, captado, apurado e editado pelas próprias equipes da emissora. No caso de coberturas exaustivas de grandes acontecimentos, como o seqüestro do Sílvio Santos, em 2001, e a queda do avião da TAM, em 2007, por exemplo, Sobrinho explica que os repórteres e produtores da Rede Globo ficam soltos no local do evento, apurando informações relevantes e buscando entrevistados para os links. Após coletadas, essas informações são transmitidas nas entradas ao vivo, como vemos no exemplo (6).

(6)

CG: **agora a movimentação Nascimento... dos:: policiais do corpo de bombeiro...** (eles que tinham macas) no interior... da casa... trouxeram alguns equipamentos para dentro do carro de resgate agora correm... para o interior da casa... **é difícil ver daqui deste ponto de onde nós estamos porque alguns furgões... da polícia militar estão:: atravessados na rua... e impedem a visão da frente da casa... mas nós podemos observar que houve... essa movimentação... o repórter Chico Pinheiro... está num ângulo:: melhor e pode nos descrever o que está acontecendo agora na porta da casa Chico**

(SSS, 433)

No exemplo acima, os trechos em negrito mostram a narração da movimentação dos policiais do corpo de bombeiros, em frente à casa de Sílvio Santos, feita pelo repórter César Galvão. O repórter acompanhou todo o seqüestro, em frente à casa do empresário, e entrou diversas vezes ao vivo para narrar e explicar as imagens que transmitia, como mostra o exemplo (7). Nesses casos, a apuração da informação e o conhecimento do locutor sobre o estado de coisas são atestados pela sua presença no local.

(7)

CG: **Nascimento nós recebemos agora uma informação da assessoria do Palácio dos Bandeirantes... a chegada do governador Geraldo Alckmin... e do secretário de segurança pública Marcos Vinícius Petrelluzzi foi um pedido do próprio empresário... Sílvio Santos...** segundo assessoria do Palácio dos Bandeirantes ele teria ligado... para a/ oh:: assessoria do governador... pedindo que ele que o governador viesse pra cá porque a situaÇÃO da negociaÇÃO é tensa...

(SSS, 122)

As informações apuradas por repórteres e produtores no local do acontecimento que é transmitido ao vivo podem, ainda, ser repassadas para a redação e veiculadas pelo âncora, como no exemplo (8).

(8)

CN: **informação levantada aí pelo Chico PiNHEIRO...** de que hoje cedo quem realmente descoBRIU o que estava se passando era uma jornalista de uma emissora local de São Paulo... que passou por ali e viu um cidadão com a calça alaranjada

(SSS, 1)

A seqüência em negrito, do exemplo (8), mostra que a informação transmitida pelo apresentador Carlos Nascimento foi apurada pelo repórter Chico Pinheiro. Ou seja, primeiramente a informação sobre a jornalista que descobriu o seqüestro foi coletada pelo repórter. Em seguida, ela foi passada à redação, para a checagem, depois repassada para Carlos Nascimento, via ponto eletrônico, e, por fim, o âncora improvisou seu texto e informou os telespectadores. Apesar da linguagem formal, algumas marcas de linguagem falada revelam o improvisado da fala, como em: “*se eu não me engano ela disse né... éh::*”. Neste trecho, Carlos Nascimento utilizou o marcador discursivo *né...*, próprio da língua falada, e a expressão *éh::...*, que marca hesitação, com a pausa seguida de pausa.

Segundo Denise Sobrinho, em coberturas mais complicadas, de grandes acidentes ou incêndios, por exemplo, nem sempre há tempo para fazer um texto para o apresentador. No entanto, ela garante que os âncoras da Rede Globo são treinados para conduzir uma cobertura ao vivo, improvisando, chamando os repórteres ao vivo e resumindo as informações. A chefe de redação explica, ainda, que a maior parte das coberturas telejornalísticas ao vivo não tem edição, pois não há tempo e, por isso os editores e produtores apenas conferem e/ou reconferem<sup>22</sup> as informações, antes de repassarem para o apresentador. E, apesar da falta de tempo que envolve uma cobertura telejornalística ao vivo, a TV Globo tem como norma só repassar aos apresentadores informações checadas e rechecadas, garante Denise Sobrinho.

Como podemos notar, no que diz respeito às informações e o modo de apuração destas, quando veiculadas nos telejornais, elas passam por um processo de apuração, verificação e edição para depois serem lidas pelos apresentadores no teleprompter.

<sup>22</sup> Apesar da conferência dos dados que são veiculados (a verificação da fonte, por exemplo), feita por produtores e editores, em coberturas telejornalísticas ao vivo, muitas vezes as informações são divulgadas sem a confirmação dos fatos e, nestes casos, os repórteres e apresentadores informam aos telespectadores que as informações são preliminares ou não estão confirmadas. Isso se deve a falta de tempo que envolve as coberturas telejornalísticas ao vivo, pois não há como parar a transmissão para aguardar a confirmação das informações e, além disso, os telespectadores que acompanham uma cobertura telejornalística ao vivo querem ser informados durante todo o tempo.

Diferentemente, nas coberturas telejornalísticas ao vivo, as informações sobre determinado evento são apuradas e transmitidas praticamente no tempo de ocorrência deste evento, revelando o imprevisto dos repórteres e dos âncoras e a falta de edição das informações. Essa situação contextual leva os jornalistas muitas vezes a modalizarem seus enunciados, marcando-os, por exemplo, no campo da probabilidade ou da possibilidade, para não ferirem seu compromisso com a verdade.

### 1.3.3 O modo de captação/coleta de imagens

Com relação às imagens, ao estudarmos o nosso *corpus*, verificamos que, em coberturas telejornalísticas ao vivo nacionais, as imagens podem ser transmitidas ao vivo, do local do evento, pois cinegrafistas e repórteres têm a possibilidade de permanecer no local até o desfecho do acontecimento, como, por exemplo, na cobertura ao vivo do SSS.

(9)

CN: éh:: é o governador que chegou ali não?

CG: é... é o governador... **aparentemente o governador que chegou aqui... éh:: está entrando na casa neste momento oh:: atrás dele o secretário de segurança pública... Marcos Vinícius Petrelluzzi...** eles vieram neste momento acompanhar de pERto a negociação que já dura:: quase sete horas... agora imagens do:: secretário de segurança pública entrando... o governador Geraldo Alckmin já está naquele corredor... onde as autoridades mantêm a negociação...

(SSS, 12)

O exemplo acima mostra a transmissão e a narração ao vivo da imagem da chegada do governador Geraldo Alckmin e do secretário de segurança pública, Marcos Vinícius Petrelluzzi, à casa de Sílvio Santos, feita pela equipe de reportagem do repórter da Globo, César Galvão. Como as equipes de reportagem não podiam chegar perto da casa do empresário, filmaram e narraram as imagens, de longe. Podemos perceber que este fato prejudicou um pouco a averiguação e a confirmação das informações e imagens, pois César Galvão não tinha certeza se era mesmo o governador na casa de Sílvio Santos. Se compararmos com os telejornais, concluímos que a incerteza não apareceria na fala do repórter, uma vez que haveria tempo para a confirmação da notícia antes de sua divulgação.

A equipe de reportagem do repórter Chico Pinheiro, que também estava em frente à casa de Sílvio Santos, mas em um local diferente daquele de César Galvão, e a equipe do

repórter Marco Antônio Sabino, que sobrevoou a casa do empresário abordo do *globocop*, também transmitiram ao vivo, pela Rede Globo, todo o seqüestro.

Em casos de coberturas ao vivo internacionais, a Rede Globo tem quatro possibilidades de captação e transmissão de imagens:

a) enviar uma equipe de reportagem até o local ou próximo ao local do evento para transmitir as imagens ao vivo, via satélite, como mostra o exemplo (1):

(1)

CN: **vamos agora... a Nova York ao vivo já por satélite com as informações... ao vivo da repórter Zileide Silva... a Zileide Silva**

ZS: pois não Nascimento (...) daqui a pouco nós teremos condições de mostrar para vocês imagens do... caos que está acontecendo aqui em Nova York imagens a partir daqui da redação da Globo em Nova York... **nós temos uma imagem da Segunda Avenida... e a movimentação das pessoas aqui da cidade... pessoas que estão assustadas desesperadas... com está ONda de terrorismo que atinge todo país...**

(AWTC/P, 70)

O fragmento (1), retirado da cobertura ao vivo do AWTC/P, exemplifica a primeira possibilidade de captação e transmissão de imagens. As imagens e comentários da correspondente Zileide Silva foram registrados da janela do escritório da Globo, em Nova York. Como havia muita movimentação no local onde ficavam as torres gêmeas e também muita poeira, devido ao desabamento das torres, muitas vezes, os correspondentes da Globo entraram ao vivo, veiculando imagens captadas do próprio escritório da emissora, como constatamos no exemplo (1).

De acordo com Fernando Gueiros, a TV Globo tem um escritório em Nova York e um em Londres, com os quais a emissora mantém ligação vinte quatro horas por dia, via satélite. O escritório de Nova York, por exemplo, é grande, conta com mais de um correspondente e dispõe de equipamentos modernos para receber sinal, para transmitir ao vivo e para produzir reportagens.

b) enviar uma equipe de reportagem até o local do evento para registrar as imagens e enviá-las para a emissora, no Brasil, pela internet, para a veiculação:

(10)

CN: é o Edney... ((telefone)) esteve na verdade bem perto das torres do World Trade Center.. eh:: nós::

[

AP: será que perdemos contato com ele Nascimento?... Edney você nos ouviu?

CN: o Edney está me ouvindo agora?... ok **nós vamos mostrar as imagens feitas pelo Edney Silvestre... ele esteve ali na região éh:: em que as torres caíram vamos ver... você está vendo aí as imagens da baía de Manhattan ainda com os efeitos... das explosões... das quedas das torres do World Trade Center** na série de ataques terroristas... dessa manhã... aos Estados Unidos...

(AWTC/P, 470)

Para atualizar os telespectadores sobre o atentado terrorista, o apresentador Carlos Nascimento apresentou e comentou as imagens que o correspondente Edney Silvestre registrou no local das torres do World Trade Center. O repórter da Globo foi até a região onde se localizavam as torres gêmeas e, com uma equipe de reportagem, gravou imagens da destruição causada pelo ataque terrorista e enviou para a Globo, no Brasil.

c) divulgar imagens ao vivo de determinado acontecimento por meio de agências internacionais de notícias:

(11)

CN: e aqui nós voltamos com **imagens ao vivo deste momento... da CNN** mostrando esse é o prédio do Pentágono em Washington... que continua ainda queimando e com MUITA fumaça... pelo que se sabe aí:: as instalações do exército americano... foram atingidas

(AWTC/P, 555)

Na passagem acima, o âncora Carlos Nascimento informou aos telespectadores que as imagens transmitidas ao vivo, naquele momento, eram imagens da TV americana CNN, marcando sua fonte. Na cobertura telejornalística da GI, a TV Globo não utilizou apenas imagens de agências de notícias, como a citada acima, mas contou com muitas imagens registradas e divulgadas pelo Pentágono. A Globo veiculou, ainda, algumas imagens gravadas por duas TVs árabes, as quais, embora não tenham seus nomes mencionados na cobertura ao vivo, a elas são atribuídos os créditos das imagens veiculadas sobre as quais os jornalistas tecem seus comentários. Vejamos o exemplo (12):

(12)

AP: eu acho que... eu concordo com você... eu acho que tudo agora depende do desenrolar... da rapidez e do tipo de conflito que vai se dar - - **agora me chegam informações aqui William... de que a gente tem novas imagens feitas por uma Outra TV árabe do momento em que as baterias antiaéreas em Bagdá começaram a agir... éh::...** vamos tentar ver essas imagens então... isso é um outro ângulo

WW: a câmera tá no centro de Bagdá... ela tá mostrando algumas das pontes do rio Tigre... ou melhor o céu... o cinegrafista tá procurando ver onde estão explodindo os... os (rumutes) lançados pela artilharia antiaérea

(GI, 239)

A imagens fornecidas pelas TVs árabes oferecem, como diz Ana Paula, um outro ângulo para se construir a notícia. Os vários posicionamentos condizem com o princípio jornalístico de ouvir, ou aqui, ver várias fontes.

**d) transmitir imagens por videofone/internet:**

(13)

AP: bom a gente tem... a gente tem um::... **um correspondente... NA cidade do Kuwait... que é o Marcos Uchôa... que parece que tá pronto pra falar com a gente... agora... éh::... por videofone... um instrumento que usa... a internet...** Uchôa... você me ouviu?... Marcos Uchôa... você tá me ouvindo?

MU: são seis horas e... trinta e seis minutos aqui no Kuwait... está amanhecendo... a cidade tá praticamente dormindo ainda... você não nota... praticamente nada... hoje... quinta-feira... seria o equivalente do sábado de manhã... no Brasil... na cultura ocidental... na cultura islâmica... então sexta-feira... é o domingo deles... e portanto... tá muito muito muito calmo aqui...

(GI, 2111)

O correspondente da Globo no Kuwait, Marcos Uchôa, entrou ao vivo diversas vezes, durante a cobertura da guerra, utilizando o videofone. Desse modo, ele teve a possibilidade de transmitir imagens e informações pela internet, praticamente em tempo real. Embora as imagens transmitidas por meio do videofone não sejam perfeitas, elas também constituem uma fonte de informação, que os âncoras podem comentar.

Os fragmentos transcritos acima mostram que, em uma transmissão ao vivo de longa duração, os comentários dos jornalistas são também baseados nas imagens que vêem, o que os leva a construir seus enunciados e a notícia a partir de sua participação direta na observação dos acontecimentos.

Se em coberturas telejornalísticas ao vivo há várias possibilidades de captação e transmissão de imagens, como acabamos de constatar, no telejornalismo, normalmente as imagens são gravadas no local da notícia, por uma equipe de reportagem, que conta com um cinegrafista, um repórter e um iluminador. Após a gravação, essas imagens são editadas por um editor de imagem, nos estúdios do telejornal, mais especificamente em uma ilha de edição, para, enfim, serem veiculadas em horários pré-determinados, nos noticiários televisivos. Em alguns casos, durante a transmissão de uma reportagem, repórteres podem fazer entradas ao vivo, o que ajuda atualizar ou complementar a matéria, mas o que prevalece nos telejornais são as imagens pré-gravadas utilizadas nas reportagens. Assim, a possibilidade de modalização epistêmica dos enunciados produzidos a partir da observação das imagens nas

transmissões normais é quase inexistente, ao contrário do jornalismo ao vivo, em que os jornalistas constroem a notícia baseados naquilo que estão vendo.

### 1.3.4 A repetição de informações e imagens

Conforme mencionamos no início deste tópico, em “*modo de transmissão das notícias*”, o recurso da repetição de informações e imagens foi utilizado 3 vezes na cobertura telejornalística ao vivo do AWTC/P e 1 vez na cobertura ao vivo da GI. Na transcrição da cobertura ao vivo do SSS, não encontramos nenhum trecho em que houve a repetição de informações ou um resumo dos fatos, descrevendo todo o andamento do seqüestro. Provavelmente isso não ocorreu porque só conseguimos gravar as partes finais do evento. Neste caso, averiguamos e concluímos que a Rede Globo se preocupou em transmitir o desfecho, ou seja, as informações sobre o fim das negociações, sobre a rendição do seqüestrador, sobre a saída do empresário Sílvio Santos e as conseqüências deste incidente. Também não houve a repetição de imagens, pois, como o fato ocorreu no Brasil, equipes de repórteres e cinegrafistas acompanharam todo o andamento do seqüestro, ao vivo, diretamente da casa de Sílvio Santos.

Já os fatos e imagens que foram reapresentados/repetidos durante a cobertura ao vivo do AWTC/P contam a trajetória do incidente que ocorreu no World Trade Center e no Pentágono, desde o primeiro ataque à primeira torre do edifício empresarial até a destruição de parte do centro de inteligência militar americana e, por fim, o desabamento das torres gêmeas. Vejamos um exemplo:

(14)

CN: bem éh:: esse foi o Edney Silvestre **nós vamos agora reapresentar a vocês um reSUMo dos principais acontecimentos dessa manhã nos Estados Unidos... pela ordem em que os fatos aconteceram...** vocês vão ver desde as oito horas e quarenta e oito minutos essa primeira imagem:: quando um avião já tinha se chocado com essa torre do World Trade Center.. ficou ali aquele enorme buraco e a fumaça... esta foi a imagem que chamou a atenção do mundo... aquele fogo é o segundo avião... batendo lá atrás na outra torre... que aqui está encoberta agora sim já... a outra torre já com fogo e fumaça também... logo depois da primeira... o segundo impacto do segundo avião com a outra torre do World Trade Center... estavam aqui as duas de pé ainda isso por volta de nove horas da manhã talvez... agora um outro ângulo o momento em que o avião BATE na torre... vocês vêem ali aquele mesmo fogo que a gente viu na imagem anterior... agora já no detalhe aqui no momento do CHOque do avião contra o prédio... houve essa nuvem de fogo... que você vê novamente aqui... exatamente no momento em que

aconteceu... ainda havia surPREsa do primeiro impacto na primeira torre quando o mundo foi surpreendido ao VIVO... com as imagens de televisão mostrando essa ação terrorista extremamente ousada... um ataque::... terrorista suicida... avião com passageiros a bordo contra a torre do World Trade Center o mesmo fato aconteceu nas duas torres com aviões da American Airlines... que a empresa acabou de confirmar boings... com algumas centenas de passageiros

AP: esse avião que nós vemos agora... se chocando... éh:: encoberto pela primeira torre atingida... era um avião da American Airlines... o primeiro avião que bateu nessa primeira torre nós vemos aí as duas torres... ainda parcialmente destruídas depois disso elas desmoronam... o segundo avião o primeiro avião também era da American Airlines... e havia segundo informações que nos foram dadas... agora há pouco pela Heloísa Vilela cento e cinquenta e seis pessoas a bordo

CN: aqui o Pentágono isso já Washington... logo depois quando a TV mostrava os estragos em Nova York entraram essas imagens no meio da manhã... mostrando o CENtro de inteligência militar dos Estados Unidos onde está concentrada a defesa americana... atingido... por um avião também um ataque suicida... essa parte que está atingida aí que você vê agora que também explodiu... ela:: reúne as instalações do exército a força terrestre americana... todo comando do exército ficava exatamente nesse bloco do Pentágono... e como o nome diz são cinco blocos... não é? em forma da figura geométrica um deles destinado ao comando do exército americano que foi atingido... AQUÍ... quando a primeira das torres lá do World Trade Center em Nova York DESAbou... viu-se essa nuvem aqui de poeira e fumaça... num primeiro momento eu achei até que fosse:: o próprio incêndio não é que estivesse aumentando... enfim logo depois percebemos que na verdade o prédio havia ruído... precedido:: por uma explosão o que faz

AP: [ o que a gente não sabe dizer até agora... é se:: essa explosão... é uma consequência éh:: da batida do avião no prédio... ou se já haviam explosivos... colocados... em locais estratégicos do prédio para que ele desmoronasse em seguida... o que se sabe com certeza Nascimento é que foi uma ação orquestrada

CN: [ a segunda explosão agora... ah:: perdão ah::

AP: [ ( )

CN: perdão a segunda queda perdão a segunda:: torre caindo não é?... o que vocês vêem aí:: éh:: pra quem está acostumado a ver IMplosões é muito parecido não é? você vê que ela caiu em pé... não é verdade?

(AWTC/P, 492)

A primeira fala de Carlos Nascimento, mais especificamente o trecho em negrito, no exemplo (14), mostra que o resumo já havia sido veiculado, ou seja, as informações e imagens transmitidas pelos apresentadores já tinham sido apresentadas aos telespectadores, por mais que a narração não tenha sido exatamente igual, isto é, com as mesmas palavras. O resumo foi inserido durante a transmissão ao vivo enquanto Carlos Nascimento e Ana Paula Padrão aguardavam por novas informações.

No exemplo (15), retirado da cobertura ao vivo da GI, vemos o diálogo entre os apresentadores Carlos Nascimento e Ana Paula Padrão e, como a transmissão ao vivo da guerra já durava algum tempo, eles fizeram uma retrospectiva do conflito, desde seu início:

(15)

AP: William... vamos fazer agora... uma retrospectiva dessas últimas horas... vamos começar vendo... as imagens do primeiro bombardeio americano... à cidade de Bagdá... essas são as primeiras imagens... feitas ainda de noite, por volta de cinco e meia da manhã... hora de Bagdá... quando a gente pôde... ouvir... o som... das baterias anti-aéreas...

WW: depois este som... bastante forte... de uma explosão...

AP: de uma explosão certamente... pode ter sido inclusive a primeira... pelo menos foi a primeira que foi registrada

WW: talvez entre pra história dessa guerra como o... primeiro tiro realmente

AP: é possível

(GI, 1512)

O diálogo dos âncoras, recontando a seqüência dos acontecimentos da guerra, foi um pouco longo e encerrou-se com um intervalo comercial. Novas informações só foram divulgadas após o intervalo.

Após a análise dos exemplos acima, concluímos que, em coberturas telejornalísticas ao vivo de extensa duração, a repetição de informações e imagens funciona como uma estratégia jornalística, pois ela contribui tanto para os telespectadores quanto para a equipe de jornalismo responsável pela cobertura ao vivo. A repetição serve para atualizar os telespectadores que acabaram de ligar a TV e que pouco sabem ou nada sabem sobre o fato que está sendo transmitido ao vivo. Além disso, como o tempo para a apuração de informações é extremamente reduzido em transmissões telejornalísticas ao vivo, a equipe de jornalismo utiliza o recurso da repetição de informações e imagens para ajudar no preenchimento do espaço de transmissão e, assim, produtores e editores ganham tempo para apurar novas informações.

Denise Sobrinho corrobora nossa afirmação, explicando que tanto nos telejornais quanto nas coberturas telejornalísticas ao vivo deve haver tempo para apurar, confirmar e elaborar as informações que serão transmitidas. No entanto, em coberturas ao vivo de extensa duração a pressão do tempo é muito grande e, muitas vezes, a emissora é obrigada a repetir algumas informações e imagens, enquanto não há novos dados a acrescentar à cobertura. A chefe de redação afirma, ainda, que a TV Globo só veicula informações checadas e

rechecadas e, se não há informações e imagens novas, repete-se o que já foi veiculado, dando um resumo da situação, como verificamos nos fragmentos (14) e (15).

Em telejornais o recurso da repetição de imagens e informações não é utilizado, pois tudo é planejado e organizado antecipadamente. Desse modo, as matérias são elaboradas com uma linguagem clara e objetiva e ilustradas com imagens para que os telespectadores entendam a notícia de imediato, pois nos noticiários televisivos, como o tempo é cronometrado, não há tempo para voltar e repetir a informação ou explicá-la novamente.

### 1.3.5 As entrevistas

O *corpus* desta pesquisa conta com 8 entrevistas, sendo 2 entrevistas na cobertura telejornalística ao vivo do SSS, 2 na cobertura telejornalística ao vivo do AWTC/P e 4 na cobertura telejornalística ao vivo da GI.

Nos telejornais as entrevistas são agendadas e planejadas previamente, pois, conforme explicamos no primeiro tópico deste capítulo, os produtores que trabalham na redação dos telejornais da Rede Globo têm como uma de suas funções agendar entrevistas com convidados. Após essa etapa, apresentador e entrevistado conversam sobre o assunto da entrevista antes da exibição no telejornal. Por outro lado, em coberturas telejornalísticas ao vivo, ao tomar conhecimento de um evento importante e inesperado, as equipes de redação da Rede Globo entram em contato com especialistas e autoridades para que, por meio de entrevistas, estes convidados expliquem, comentem e opinem sobre o evento em questão. O fragmento abaixo ilustra nossa afirmação:

(16)

CN: **coronel** José Vicente o que é que o senhor acha da presença do governador da maneira como a negociação está sendo encaminhada éh::?

C: olha essa é uma situação que bastaria... ah:: presença e o comando de um tenente seria mais do que o suficiente... quando começa a entrar gente demais neste circuito começa a atrapalhar... porque é necessário um perímetro de muita segurança para que os policiais usem as técnicas adequadas... para essa situação... é uma situação de risco... para o refém principalmente... de risco também para os policiais... é essa movimentação de autoridades só atrapalha... a condução... desse processo...

(SSS, 59)

No exemplo acima, retirado da cobertura ao vivo do SSS, temos a conversa de Carlos Nascimento com o coronel José Vicente da Silva, especialista em Segurança Pública. Ao analisarmos nosso *corpus*, concluímos que a entrevista não têm somente a função de trazer novas informações para o telespectador, elas também funcionam como uma estratégia jornalística de construção da transmissão ao vivo. Pouco antes da entrevista com o coronel, o apresentador Carlos Nascimento conversava com o repórter César Galvão e, enquanto aguardava por novas informações do repórter, o apresentador iniciou uma entrevista com o coronel. Quando o repórter César Galvão descobriu uma nova informação sobre a chegada do governador na casa de Sílvio Santos, a entrevista foi interrompida para a transmissão deste novo dado. Após a transmissão da informação, a entrevista foi retomada, seguiu com outras perguntas, mas foi novamente interrompida por Carlos Nascimento, que procurava saber com César Galvão se havia outras informações.

Essas interrupções e o “entra e sai” dos entrevistados durante as entrevistas foram notadas nas três coberturas telejornalísticas ao vivo de nosso *corpus*. Isso reforça nossa constatação de que, em coberturas telejornalísticas ao vivo de extensa duração, não há tempo para todo um processo de elaboração e editoração e as entrevistas funcionam também como uma estratégia jornalística, pois, por meio delas, a equipe de redação e repórteres têm tempo de apurar novas informações enquanto o apresentador entrevista uma autoridade ou um especialista. Quando novos dados são descobertos, as entrevistas são interrompidas para a veiculação destas novas informações e depois retomadas. Mesmo que poucas pessoas tenham sido entrevistadas em cada uma das coberturas telejornalísticas ao vivo de nosso *corpus*, as entrevistas foram razoavelmente longas (devido às interrupções para a transmissão de novas informações), o que contribui para o preenchimento do tempo de transmissão nas três coberturas ao vivo. Além das duas contribuições citadas, as entrevistas fornecem, ainda, informações especializadas, o que atrai a atenção do telespectador, auxilia na manutenção da audiência e garante credibilidade e confiabilidade ao jornalismo.

Devido às suas funções na transmissão ao vivo, verificamos que nas entrevistas não há planejamento prévio na fala dos entrevistadores e na fala dos entrevistados. Logo, encontramos a presença de elementos como a hesitação na formulação do pensamento e quebra da seqüência temática, o que revela que as perguntas e as respostas não foram planejadas anteriormente entre entrevistador e entrevistado. Assim, as entrevistas também são lugares para observarmos a modalização epistêmica, pois o fato de o discurso ser não planejado e de o entrevistado ser especialista em determinado assunto pode levá-lo, respectivamente, à incerteza ou à certeza das informações que apresenta.

### 1.3.6 As reportagens

Conforme explicação anterior, o *corpus* desta pesquisa registrou 7 reportagens, sendo 4 na cobertura telejornalística ao vivo do AWTC/P e 3 na cobertura telejornalística ao vivo da GI<sup>23</sup>.

Em coberturas telejornalísticas ao vivo, os correspondentes podem coletar informações e imagens e preparar rapidamente reportagens exclusivas, sem o apoio de agências de notícias. Segundo Denise Sobrinho, essas reportagens são elaboradas em cima de um único fato, personagem ou evento, coberto por uma única equipe, a qual capta a imagem, elabora um texto e uni tudo em um arquivo de computador. Se houver tempo, esse material pode ser editado pela equipe de correspondentes no próprio escritório internacional da emissora (Nova York ou Londres) ou no quarto de um hotel, caso não haja escritório da Rede Globo no país em que é realizada a cobertura ao vivo<sup>24</sup>. Depois de comprimidas em um arquivo de computador, as matérias são enviadas para o Brasil, via internet. Sobrinho explica que o recebimento destas reportagens é quase em tempo real<sup>25</sup>. Vejamos um exemplo:

(17)

CN: ... nós estamos aguardando aí:: o com/... o contado e agora sim **vamos ver a reportagem...** do nosso correspondente em Nova York **feita em instantes atrás...** Edney Silvestre

ES: onde vocês estão vendo aquela fumaça... estavam os cento e dez andares... de cada uma das torres gêmeas do World Trade Center... elas vieram abaixo agora há pouco... não se sabe o número de vítimas fatais... ainda calcula-se em milhares inclusive... bombeiros e equipes de salvamento... milhares de pessoas que estavam na zona sul de Manhattan... estão vindo a pé porque não há transportes não há metrô não há ônibus as avenidas e ruas estão fechadas ao trânsito... os aeroportos de Nova York também estão fechados assim como T**O**dos os aeroportos dos Estados Unidos... não há vôos para cá... todos eles são desviados para o Canadá  
(AWTC/P, 479)

<sup>23</sup> Na cobertura ao vivo do seqüestro do empresário Sílvio Santos não há nenhum trecho destas reportagens inseridas durante a transmissão.

<sup>24</sup> Fernando Gueiros explica que, em coberturas telejornalísticas ao vivo internacionais, correspondentes da Rede Globo, como Sônia Bridi (Paris), Alberto Gaspar (Jerusalém) e Ari Peixoto (Buenos Aires) normalmente não têm facilidade de fazer entradas ao vivo, porque não há escritório da emissora no país em que eles trabalham, ou seja, não há uma equipe de jornalismo preparada, com equipamentos e estrutura, para fazer entradas ao vivo. Nestes casos, Gueiros afirma que a solução é preparar reportagens. Todos os correspondentes têm um computador e, assim, eles captam as imagens, gravam os textos, transformam tudo em um arquivo de computador e mandam por internet, para a emissora no Brasil, para ser exibido durante a cobertura ao vivo ou nos jornais de rede ou nos jornais locais.

<sup>25</sup> Conforme citamos anteriormente, a *Rede Globo* é toda informatizada e produtores, repórteres e editores trabalham com terminais de computador e um sistema de rede, os quais garantem acesso direto entre os profissionais das filiais no país e no exterior e informação em tempo integral.

Os trechos acima nos mostram a tentativa de Carlos Nascimento e Ana Paula Padrão de falar com o correspondente Edney Silvestre, em Nova York. Os apresentadores queriam saber se o repórter tinha novas informações, mas não conseguiram contato. Então, estabelecido o contato, dá-se início a uma reportagem que Edney Silvestre havia preparado minutos antes sobre o atentado e enviado para a emissora no Brasil.

Nesta transmissão, há também reportagens preparadas por produtores e editores da TV Globo, no Brasil. Essas reportagens comprovam e exemplificam as afirmações de Denise Sobrinho. A chefe de redação afirma que, apesar do imediatismo da notícia e por mais que a maior parte da cobertura ao vivo não tenha edição, a TV Globo sempre tem equipes de editores e repórteres “trabalhando por fora”, ou seja, preparando reportagens gravadas e edições de material pré-gravado para ser exibido nas coberturas telejornalísticas ao vivo ou nos telejornais. Essa afirmação de Sobrinho é reforçada, ainda, por meio da fala do apresentador Carlos Nascimento, na transmissão ao vivo do atentado ao World Trade Center e ao Pentágono, quando este diz que “...várias reportagens foram reparadas nessas últimas horas... que nós vamos apresentar a vocês em seguida...” (AWTC/P, 601).

Diferentemente das reportagens presentes na cobertura ao vivo do atentado, que foram feitas instantes antes de sua transmissão ou foram feitas durante a cobertura ao vivo (em forma de resumo dos acontecimentos), a reportagem que segue abaixo, introduzida durante a cobertura ao vivo da GI, foi elaborada antecipadamente, antes do início do conflito. Para confirmar este fato, observamos a fala dos jornalistas Willian Waak (exemplo 18) e verificamos que não há nenhuma informação, indicando que a reportagem foi preparada e enviada à emissora TV Globo, no Brasil, minutos antes de sua veiculação. Além disso, a guerra do Iraque não foi um incidente inesperado como o atentado terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono (ou mesmo o seqüestro de Sílvio Santos); a guerra foi anunciada tempos antes pelo presidente americano George Bush. Desse modo, a equipe de jornalismo da *Rede Globo* teve tempo para se preparar para o início do conflito e produzir reportagens relacionadas ao Iraque. Vejamos:

(18)

WW: nós ouvimos um pouco das siREnes... o que mostra... algum grau... de preparação das defesas anti-aéreas iraquianas... Ana Paula... era de... se esperar... que os americanos pudessem... ter transPOSto essas defesas... sem terem sido detectados... pelas imagens que nós pudemos ver... no início do ataque... as sirenes soaram ANtes das explosões e evidentemente antes... da artilharia anti-aérea que mostra que os iraquianos... pelo menos... a um CERto ponto são capazes de prever o que vem vindo sobre eles

AP: bem... tempo eles tiveram... pra organizar tudo isso né?... agora o país que o Saddam Hussein governa com mão de ferro há mais de vinte anos carrega... uma história gigantesca de conflitos... de muitas guerras... **é o que a gente vai ver... na reportagem a seguir...** o Iraque fica na região da antiga Mesopotâmia... um dos berços da civilização... na Idade Média... Bagdá era a capital política e cultural do império islâmico... MAS depois mergulhou num longo período de decadência... na Era Moderna... o Iraque passou a ter importância no cenário internacional... por possuir a segunda maior reserva de petróleo do mundo... depois da Arábia Saudita... mas essa riqueza não beneficia os iraquianos... submetidos ao regime militarista de Saddam Hussein... calcula-se que a renda per capita... tenha despencado de TRÊS mil e quinhentos dólares em oitenta e oito... para menos da metade... o Iraque faz fronteira com o Irã... a leste... o Kuwait... e a Arábia Saudita ao sul... a Turquia ao norte... e a Síria e a Jordânia... a oeste... com vinte e dois milhões de habitantes... é o único país árabe do Oriente Médio de maioria xiita... mas são os semitas que estão no poder... e há ainda a minoria curda... contra quem o ditador iraquiano já usou armas químicas... o Iraque de Saddam Hussein... atacou Israel... saiu arruinado de uma guerra contra o Irã... ocupou... e anexou o Kuwait... e despertou a ira do mundo a guerra do Golfo em noventa e um... uniu as potências ocidentais e os próprios países árabes contra Saddam... e destruiu o país...

(GI, 1129)

Os trechos acima mostram um diálogo entre os jornalistas William Waack e Ana Paula Padrão. Primeiro o âncora William Waack apresentou informações sobre a preparação e prevenção do exército iraquiano contra o ataque americano. A apresentadora Ana Paula Padrão deu continuidade ao diálogo e o complementou com uma constatação sobre as muitas guerras que o Iraque se envolveu ao longo de vinte anos de governo de Saddam Hussein. Essa constatação de Ana Paula Padrão serviu como uma introdução para a reportagem que a própria jornalista narrou na sequência. Após a leitura da matéria, William Waack divulgou novos dados sobre o início dos ataques americanos contra o Iraque. Além do exemplo (18), mais duas reportagens com as mesmas características da analisada acima apareceram em nosso *corpus*.

A descrição do contexto em que foram inseridas as reportagens nos mostra que, assim como a repetição de informações e as entrevistas, estas reportagens funcionam como uma estratégia jornalística, pois também ajudam no preenchimento do tempo de transmissão em coberturas telejornalísticas ao vivo e, desse modo, produtores e editores ganham tempo para apurar novas informações. Além disso, elas fornecem novos dados e ajudam na compreensão dos fatos, pois, por mais que não apresentem as últimas informações sobre o evento em questão, as reportagens mostram ao telespectador outros aspectos, ligados diretamente ou indiretamente ao acontecimento que é transmitido ao vivo.

Após essas considerações, vemos que nas coberturas telejornalísticas as reportagens podem ou não ser elaboradas durante a transmissão ao vivo, enquanto que nos telejornais elas sempre são produzidas antecipadamente. Outra diferença é que, nos noticiários televisivos, as reportagens não são introduzidas para preencher o espaço de transmissão e para que

produtores e editores possam apurar novos dados, como acontece em coberturas telejornalísticas ao vivo. Nos telejornais, as reportagens são a base da programação, o que significa dizer que os jornais televisivos são compostos prioritariamente por reportagens, conforme mencionamos anteriormente em “*modo de transmissão das notícias*”. No entanto, cabe ressaltar que as reportagens não favorecem o aparecimento de modalizadores epistêmicos, pois, as informações são previamente checadas e há pelo menos algum tempo mínimo para sua realização. Logo, nesses textos, os jornalistas apagam as marcas do enunciador, de sua produção, trazendo legitimidade, credibilidade e objetividade ao seu discurso.

#### **1.4 A linguagem nos telejornais e nas coberturas telejornalísticas ao vivo**

Diversos livros e sites de telejornalismo e os manuais de redação, utilizados nos cursos de graduação em jornalismo, apresentam em seu conteúdo regras e técnicas de redação, tais como: utilizar frases curtas, na ordem direta; uso moderado de vírgulas para evitar orações intercaladas; leitura do texto em voz alta antes de sua transmissão; evitar rimas, gírias e repetições de palavras; evitar palavras grandes, rebuscadas ou termos técnicos, etc. Essas regras e técnicas têm a finalidade de auxiliar a construção de um texto correto, que, ao se transformar em uma matéria jornalística, deve informar os telespectadores ou leitores por meio de uma linguagem clara e objetiva.

No entanto, ao observarmos a linguagem utilizada no telejornalismo brasileiro, constatamos que ela nem sempre segue regras ou técnicas e apresenta variações, dependendo do contexto em que ocorre. Nos noticiários televisivos, por exemplo, apesar da linguagem formal do discurso jornalístico, a linguagem empregada pelos jornalistas tende para o coloquial, devido à exigência de clareza e simplicidade, mas revela características da língua escrita (doravante LE), já que as matérias são previamente editadas e, no momento de veiculação, no telejornal, elas são lidas pelos apresentadores. Por outro lado, em coberturas telejornalísticas ao vivo, a linguagem, embora formal, apresenta aspectos da língua falada (doravante LF), pois, como vimos no tópico anterior, não há planejamento dos textos e, na maioria das vezes, os jornalistas precisam improvisar suas falas.

Ou seja, no caso dos telejornais, os textos previamente planejados e editados são marcados por uma linguagem que tende para o coloquial, mas com traços próprios da LE,

como a precisão, a condensação, a fixidez temática, a ausência de marcas de reformulação, por exemplo. Já no caso das transmissões telejornalísticas ao vivo, devido à simultaneidade e a falta de planejamento prévio de textos, a linguagem formal, própria do discurso jornalístico, é marcada por elementos da LF, reveladores do não-planejamento, como a hesitação, a repetição de palavras, falsos começos, menor fixidez temática, marcas de reformulação, interrupções de frases, gesticulação, variações entonacionais, entre outros.

Compreendemos, portanto, que não há uma padronização da linguagem em uma ou outra modalidade de transmissão de notícias, como formal ou informal, pois tanto a linguagem das coberturas telejornalísticas ao vivo quanto a dos telejornais não se enquadram completamente nas regras de LF e nem nas regras de LE.

Essa mistura de LF e LE que caracteriza a linguagem das transmissões telejornalísticas ao vivo e dos noticiários televisivos justifica-se porque, apesar das divergências, LF e LE apresentam também confluências, visto que, numa relação entre as duas modalidades de uso da língua, apesar das características próprias e diferenças entre si, “estas diferenças *nem sempre* distinguem as duas modalidades, mesmo porque existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa” (KOCH, 2000, p. 68). Ou seja, os diversos tipos de interação verbal situam-se ao longo de um *continuum*, em cujas extremidades estão a escrita formal, de um lado, e o diálogo informal, de outro. Desse modo, na relação LF *versus* LE, as diferenças devem ser consideradas a partir das condições comunicativas e situacionais em que uma e outra ocorrem.

De acordo com Roldão (2004), que estuda as notícias televisivas editadas e a linguagem oral utilizada no telejornalismo brasileiro, existe um certo consenso entre os jornalistas que trabalham na televisão em afirmar que a linguagem oral do telejornalismo deve ser coloquial, uma vez que as matérias são veiculadas a telespectadores de diversas regiões geográficas e, principalmente, das diferentes camadas sócio-culturais da sociedade. Logo, acredita-se que o texto lido deve ser claro, direto e simples, apresentando características da linguagem coloquial, falada, e passe a impressão de uma conversa entre o apresentador e os telespectadores.

No entanto, Roldão (2004, p. 58) garante que

(...) a linguagem do telejornalismo é parcialmente coloquial, pois, tendo em vista que a fala dos telejornalistas é primeiro escrita para depois ser falada, observa-se que a forma como a frase é construída possui características

próprias que a diferenciam da linguagem cotidiana, da conversação entre duas ou mais pessoas.

Em seu estudo sobre a linguagem da TV, Preti (1992, p. 234) considera que a linguagem oral do telejornalismo é “*uma linguagem falada culta mais tensa, própria das situações formais*”. Para exemplificarmos essa afirmação de Preti, retomemos uma reportagem narrada pela apresentadora Ana Paula Padrão na cobertura ao vivo da GI<sup>26</sup>, já mostrada no fragmento (18). Na reportagem, a apresentadora faz uma leitura do texto já preparado previamente.

O que podemos notar, no trecho da fala de Ana Paula Padrão, é que no pouco tempo em que conversou com William Waack, a jornalista marcou sua fala com duas expressões da LF, como *pra* e *né* (*pra organizar tudo isso né?*). A partir do momento da leitura da reportagem, sua fala não é marcada com traços de LF, justamente porque ela lê um texto previamente planejado. Assim, na reportagem nós temos um texto falado/lido pela apresentadora, com características da LE, como acontece nos telejornais, em que o texto é preparado e depois exibido no teleprompter para que o âncora leia.

Para Roldão (2007), os meios de comunicação de massa buscam uma aproximação entre a LF e LE, o que faz com que a imprensa, o rádio, a tevê e o cinema utilizem uma norma comum, intermediária entre as duas linguagens, aproximando-se da LF dos telespectadores e, por outro lado, não contrariando as tradições escritas. Ou seja, na construção da linguagem escrita para ser falada na televisão, Roldão (2007) assegura que tanto o padrão da linguagem escrita, como o padrão da linguagem oral, são empregados, o que cria um padrão próprio que incorpora os dois anteriores.

Araújo (2003, p. 74)<sup>27</sup>, em sua pesquisa sobre as características da linguagem do telejornalismo, afirma que

a língua falada na TV, em especial no JN (que é o protótipo do telejornal preso aos usos referenciais da língua e, por isso, mesmo marcado pelas regras estritas do uso da língua escrita padrão) situa-se num ponto especial do *continuum* entre a fala e a escrita, pois algumas características da oralidade são identificadas recorrentemente coexistindo com as da escrita.

<sup>26</sup> Como trabalhamos com um *corpus* formado por coberturas telejornalísticas ao vivo, não temos nenhum exemplo de matérias apresentadas em telejornais para utilizarmos neste tópico do capítulo e exemplificarmos a linguagem dos noticiários televisivos. Assim, utilizaremos alguns exemplos das transmissões ao vivo de nosso *corpus* que revelam a mesma linguagem ou se aproximam da linguagem adotada nos telejornais.

<sup>27</sup> Denise Lino de Araújo utilizou como *corpus* de análise gravações do *Jornal Nacional*, coletadas no período de outubro de 1997 a março de 1998.

A autora demonstrou que, durante a transmissão do Jornal Nacional, algumas escolhas lexicais que fogem à regra do uso da linguagem escrita foram utilizadas, tais como o emprego de palavras no sentido figurado e o uso de expressões típicas da oralidade. A partir disso, Araújo (2003) conclui que, se fosse necessário demonstrar graficamente o *continuum* entre a LF e a LE, os textos lidos/falados no telejornal certamente ocupariam um lugar mais ao centro, mas tendendo para a LE. Por outro lado, neste trabalho, nossas análises do *corpus* mostram que, em uma demonstração gráfica no *continuum* entre a LF e a LE, as falas dos jornalistas nas transmissões telejornalísticas ao vivo se localizariam mais ao centro, com uma tendência à LF.

Mesmo que o texto lido pelo apresentador do telejornal se aproxime da fala, é nas coberturas telejornalísticas ao vivo que evidenciamos efetivamente os traços da LF. Vejamos:

(19)

CG: olha não se sabe exatamente Nascimento até em que local... o governador:: deve chegar... éh:: ele está ali no co/ no corredor é... pela descrição que nós tivemos... da:: da casa... o seqüestrador estaria na sala de ginástica ou no quarto... e ah:: a médica e os policiais... na cozinha... conversando por uma fresta na janela... (como) existem escudos... que a polícia é prová/ provavelmente utilizou... para se proteger... éh:: de eventual eventual eventual reação... o gov/ não se sabe se o governador vai chegar próximo... ao local de negociação ou apenas veio acompanhar... evidentemente a palavra do governador ao seqüestrador seria uma... uma garantia a mais... de que ele teria segurança... pra deixar aqui a casa... tanto o governador quanto o secretário de segurança pública...

(SSS, 39)

O trecho acima, retirado da cobertura ao vivo do SSS, é uma resposta do repórter César Galvão para o apresentador Carlos Nascimento, em uma das entradas ao vivo feitas pelo repórter. Carlos Nascimento perguntou a César Galvão como o governador Geraldo Alckmin chegou até a casa de Sílvio Santos e porque ele foi até a casa do empresário. Conforme a explicação de Denise Sobrinho, nestes casos de entrada ao vivo, os repórteres não têm tempo de sair do ponto de link para apurar novas informações e, por isso, são apoiados por produtores que coletam novos dados no local do evento. Quando recebem as informações, os repórteres entram ao vivo e têm que improvisar o seu texto, o qual, apesar da linguagem formal, apresenta diversas marcas desse improvisado, ou seja, de LF, como podemos observar na fala de César Galvão:

- *hesitação*, representada pelas pausas e pelo alongamento de vogais: olha não se sabe exatamente Nascimento até em que local... o **governador::** deve chegar... **éh::**

- *repetição de palavras*: existem escudos... que a polícia é prová/ provavelmente utilizou... para se proteger... éh:: de **eventual eventual eventual** reação...
- *truncamento e falsos começos*: ele está ali **no co/ no corredor** é...; existem escudos... que a polícia é **prová/ provavelmente** utilizou...
- *marcas de reformulação*: **o gov/ não se sabe se o governador** vai chegar próximo... ao local de negociação ou apenas veio acompanhar...

O exemplo (19) nos mostra, portanto, que a linguagem falada destaca-se mais nas transmissões telejornalísticas ao vivo porque os apresentadores, na função de transmissores das notícias, são obrigados a passar as informações aos telespectadores e construir seus discursos juntamente com a ocorrência e o conhecimento dos fatos, deixando marcas de planejamento imediato de suas falas. Roldão (2004, p. 67) corrobora essa informação, afirmando que:

A linguagem coloquial passa apenas pela organização mental do indivíduo que exprime, naquele exato momento, o que acabou de formular, não tendo quase nenhuma divisão temporal ou sistematização planejada, a não ser aquela que vem do próprio emissor; o que se verbalizou, a partir dessa rápida organização, é o que é ouvido pelo receptor. No entanto, o falado [lido] no telejornalismo é resultado do que foi planejado, sistematizado, editado e escrito anteriormente.

Na realidade, entendemos que a oposição entre LF e LE, assim como as diferenças entre a linguagem das coberturas telejornalísticas ao vivo e dos telejornais, é mais funcional e contextual do que estrutural. Conforme vimos no fragmento (19), a fala envolve uma interação mais direta, face a face, em contextos comuns e imediatos, com troca de falantes, ao contrário da escrita, que tende ao monólogo, sem troca de falantes, como foi mostrado no fragmento (18), com a narração da reportagem por Ana Paula Padrão. Além disso, como revela o fragmento (19), a fala apresenta pouca fixidez temática e maior espontaneidade, com a presença de marcas de formulação e de reformulação, devido ao não-planejamento e a elaboração e produção simultâneas da fala. A escrita, por sua vez, exhibe maior fixidez temática, integração, ausência de marcas de reformulação e elaboração, pois, como verificamos no fragmento (18), ela é planejada antecipadamente para depois ser lida, efetivamente.

Mais do que os traços de LF e LE, o contexto de produção das transmissões telejornalísticas ao vivo revela, na fala, marcas da intenção e do posicionamento que os

jornalistas assumem diante dos enunciados que produzem e diante de seus ouvintes. A simultaneidade, o não-planejamento, a falta de informações e a não confirmação dos fatos são fatores que levam os jornalistas das coberturas telejornalísticas ao vivo a construir seus enunciados com marcas de dúvida ou incerteza, por exemplo, atestadas pelo uso de *modalizadores epistêmicos*, como mostra o fragmento (19), no qual o repórter César Galvão utilizou três tipos de modalizador epistêmico de incerteza, destacados pelo negrito, revelando alto grau de dúvida sobre a informação que divulgava:

(19)

CG: olha não se sabe exatamente Nascimento até em que local... o governador:: **deve** chegar... éh:: ele está ali no co/ no corredor é... pela descrição que nós tivemos... da:: da casa... o seqüestrador **estaria** na sala de ginástica ou no quarto... e ah:: a médica e os policiais... na cozinha... conversando por uma fresta na janela... (como) existem escudos... que a polícia é prová/ **provavelmente** utilizou... para se proteger...

(SSS, 39)

No caso dos telejornais, nós temos a ausência destes modalizadores, pois, redatores e editores têm tempo para apurar e confirmar os fatos e, no momento de escrita, isto é, de planejamento, elaboração e revisão das notícias que serão lidas pelos âncoras nos telejornais, procuram apagar qualquer marca de subjetividade para que o texto apresente-se objetivo e verdadeiro. Assim, marcas da intenção e do posicionamento dos enunciadores não são recorrentes em textos editados para os telejornais.

No Capítulo 2, a seguir, exploraremos mais detalhes sobre os modalizadores epistêmicos, as formas de expressão destes elementos lingüísticos e sua relação com a questão da *evidencialidade*.

## CAPÍTULO 2

### A MODALIDADE EPISTÊMICA

#### 2.1 Considerações Iniciais

Vimos, no primeiro capítulo, a descrição do contexto de produção e veiculação de notícias nas transmissões telejornalísticas ao vivo e a complexidade de todo esse processo jornalístico. Esse contexto de produção da notícia condiciona o locutor a realizar seus enunciados deixando marcas de seu posicionamento, verificadas pelo uso de modalizadores epistêmicos. Assim, neste capítulo, trataremos da modalização epistêmica seguindo os princípios gerais do funcionalismo, uma vez que consideramos a língua em uso, sem, no entanto, nos determos em uma vertente específica de análise, visto que nossa intenção é caracterizar a modalidade epistêmica de forma a mostrar como e por que os modalizadores são utilizados e os efeitos de sentidos que provocam, relacionados aos princípios básicos do Jornalismo. Inicialmente, apresentaremos algumas considerações sobre o tratamento que as modalidades recebem no campo da Lógica e da Lingüística, para depois caracterizarmos os tipos de modalizadores epistêmicos e relacioná-los com a questão da evidencialidade.

#### 2.2 A concepção lógica e a lingüística das modalidades

De modo geral, entende-se por modalidade<sup>28</sup> a relação que o falante estabelece com o seu enunciado, isto é, o posicionamento que este falante assume diante do conteúdo do discurso que produz. A modalidade divide-se em três categorias básicas: a) *alética*: refere-se

---

<sup>28</sup> Segundo Castilho e Castilho (1996, p. 217), designa-se habitualmente por *modalidade* a indicação, pelo locutor, do tipo de comunicação (afirmação, negação, interrogação, ordem) instituída entre ele e o seu interlocutor, e por *modalização* a expressão do posicionamento do locutor diante do enunciado que produz. Neste trabalho, os termos *modalidade* e *modalização* serão empregados como sinônimos, visto que concordamos com os autores, quando afirmam que a distinção entre esses dois vocábulos “é um pouco especiosa, pois de qualquer forma há sempre uma avaliação prévia do locutor sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo etc.”

ao eixo da existência, da verdade das coisas; b) *deôntica*: refere-se ao eixo da conduta e da ordem; c) *epistêmica*: refere-se ao eixo da crença, do saber, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado de coisas. Compreendemos essa classificação da modalidade como resultante da relação do falante com os seus enunciados e também de sua intenção comunicativa no momento de produção desses enunciados.

Apesar da aparente simplicidade da definição apresentada acima, Cervoni (1989), Dall’Aglío-Hattner (1995) e Neves (2006) asseguram que o campo das modalidades caracteriza-se por ser especialmente difícil de ser apreendido e investigado, devido à sua complexidade e à dificuldade de sua delimitação. “Conceituar modalidade é uma tarefa complexa exatamente porque esse conceito envolve não apenas o significado das expressões modalizadas, mas, ainda, a delimitação das noções inscritas no domínio conceptual implicado” (NEVES, 2006, p.151). Desse modo, a problemática que envolve a conceituação da modalidade contribui para que ela seja um assunto estudado por muitos pesquisadores, tais como os lógicos e os lingüistas.

À luz da lógica modal, o estudo sobre as modalidades remonta à Lógica Clássica e, para os lógicos, as modalidades aléticas, também denominadas *ontológicas* ou *aristotélicas*, são as mais importantes, pois se referem à verdade e/ou falsidade do conteúdo de proposições (KOCH, 1984).

Se tomarmos como base as línguas naturais, veremos que os enunciados que mais se aproximam de asserções aléticas são, segundo Neves (1996), os que expressam a capacidade física, moral ou intelectual. Contudo, a autora explica que “o comprometimento da modalização alética com a verdade relacionada a mundos possíveis torna pouco claros no discurso comum, casos de sentenças que sejam apenas aleticamente modalizadas” (NEVES, 1996, p. 171-172). Desse modo, é praticamente impossível que um enunciado possa se manter como uma asserção descompromissada das intenções e das necessidades do locutor que assevera, o que significa que é muito improvável que o conteúdo de um enunciado asseverado seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e pelo julgamento do falante.

Segundo Coracini (1991), os lógicos formais sempre procuraram construir um sistema que desse conta de proposições que expressassem raciocínio válido, até definirem a verdade ou falsidade das proposições. Todavia, as leis da lógica são também crenças comunitárias e dependem de um consenso dos membros de determinada comunidade. Ou seja, as leis lógicas também são julgadas por uma sociedade antes de serem aceitas e adotadas. Analisando os estudos de Kerbrat-Orecchioni, Coracini (1991, p. 113) verificou, ainda, que mesmo enunciados de conhecimento geral e universal, considerados asserções aléticas, como “A

Terra gira”, só são verdadeiros a partir de um sistema de crenças e do ponto de vista de um determinado falante.

Muitos lingüistas adotam um ponto de vista lógico para estudar as modalidades e, de acordo com Guimarães (1979, p. VIII), essa postura reduz a abordagem destas ao problema da verdade/falsidade dos enunciados. Assim, reduzem a modalização ao mínimo, isto é, a observar o problema da referência dos enunciados modalizados.

O tratamento lógico das modalidades, considerando-se apenas os valores de verdade/falsidade dos enunciados, foi analisado por Aristóteles muito antes. O estudioso postulou que os enunciados de uma ciência nem sempre são simplesmente verdadeiros, podendo ser necessariamente verdadeiros ou possivelmente verdadeiros (KOCH, 1984). Aristóteles mostrou que os enunciados não são sempre verdades absolutas e que, dependendo do julgamento do falante, os enunciados serão necessariamente verdadeiros ou possivelmente verdadeiros.

É certo, portanto, que a análise de uma proposição sob o ponto de vista puramente alético (lógico) desvincula esta proposição do contexto do enunciado e a centra numa organização lógica, preocupada apenas com o valor de verdade daquela proposição (NEVES, 1996).

Para Neves (1996) e Cervoni (1989), o trabalho de modalização idealizado pelos lógicos é a base para o estudo das modalidades lingüísticas, mas este se desvincula daquele essencialmente pelo caráter não-lógico e não-ordenado das línguas naturais. Neves (2006, p. 155) explica que o conceito de modalidade tem recebido muita influência da visão lógica, posto que, “dado o histórico estabelecimento das modalidades, falar de modalização, em princípio, é falar de conceitos lógicos, como “possibilidade” e “necessidade””. No entanto, a autora ressalta que essa inter-relação constitui-se em um complicador para as investigações lingüísticas, já que as línguas naturais são alógicas. Devido a isso, os objetivos propostos pela Lingüística e pela Lógica para o estudo das modalidades apresentam-se distintos, sendo que esta última tem se preocupado com a estrutura formal das modalidades em termos de valores de verdade, excluindo o falante. Por outro lado, os lingüistas procuram investigar as modalidades considerando o caráter subjetivo da linguagem e o papel do falante na produção lingüística.

Na esteira dos estudos de Kiefer, Neves (2006) apresenta uma distinção entre as descrições lógicas e lingüísticas das modalidades: “a tradição lógica se concentra na descrição de proposições lógicas, e a tradição lingüística enfatiza os aspectos não-proposicionais da modalidade”. Assim, para a tradição lógica, as condições que devem ser preenchidas para que

uma expressão lingüística seja uma expressão de modalidade são: o significado da expressão deve ser relacionável com as noções de necessidade e de possibilidade, e este significado tem de ser proposicional. Para a tradição lingüística, a condição principal para a manifestação da modalidade nas línguas naturais é expressar as atitudes do falante.

A distinção entre o estudo das modalidades realizado pelos lógicos e o estudo das modalidades realizado pelos lingüistas também é abordada por Alexandrescu (1976), que afirma que o logicista está mais interessado no comportamento lógico dos conceitos modais, enquanto o lingüista procura integrá-los no processo de comunicação e ressaltar o fato de que as modalidades podem ser intercambiadas entre um destinador e seu destinatário. Além disso, segundo Palmer (1986), os logicistas têm um interesse maior pela modalidade objetiva, que exclui o falante, ao contrário dos lingüistas, que consideram a subjetividade e os interlocutores como critérios fundamentais para a identificação das modalidades lingüísticas.

Coracini (1991) garante que a modalidade é a expressão da subjetividade de um falante, que assume com maior ou menor adesão o seu enunciado, comprometendo-se ou distanciando-se deste e obedecendo normas determinadas pela comunidade em que está inserido.

O mesmo posicionamento de Coracini é observado em Leite (2002, p. 20), a qual afirma que

as modalidades lingüísticas são caracterizadas pela subjetividade, pois expressam uma relação de comprometimento do locutor com aquilo que ele enuncia; mesmo não revelando a fonte de seu saber, de suas crenças ou valores morais ao modalizar suas sentenças, o locutor se posiciona diante de seu enunciado. Desse modo, não há, entre as modalidades lingüísticas, a expressão de valores aléuticos.

Entendemos que o trabalho com as modalidades do ponto de vista da lingüística busca analisar a língua na complexidade de seu uso, ressaltando não apenas a sua subjetividade, mas também o seu caráter polissêmico. A polissemia é um aspecto muito observado pelos lingüistas, porque uma mesma modalidade pode ser lexicalizada por diversas expressões, ou um mesmo item lexical pode realizar tanto a modalidade epistêmica quanto a deôntica, por exemplo. Para exemplificar, citamos o verbo auxiliar modal *poder*<sup>29</sup>, o qual pode denotar os

---

<sup>29</sup> Com relação à polissemia do verbo auxiliar modal *poder*, é preciso lembrar que o fato deste verbo também indicar a noção de capacidade e habilidade, como em “*Paulo pode dançar*” (ele é capaz de dançar; tem habilidade para isso), faz com que alguns lingüistas, como Palmer (1986), considerem uma outra modalidade, denominada *dinâmica*, a qual engloba as noções de capacidade e habilidade. Concordando com Leite (2002), neste trabalho não consideraremos estas noções, expressas pela modalidade dinâmica, pois elas não dependem da avaliação ou do julgamento do locutor.

dois tipos de modalização lingüística, a epistêmica e a deôntica. Assim, dependendo do contexto, ora o verbo expressará uma permissão deôntica, em “*Elas podem sair: eu permito*”, ora expressará uma possibilidade epistêmica, em “*Elas podem se machucar com essa brincadeira*”.

A questão da polissemia foi examinada por Cervoni (1989), o qual postulou que, oposta à univocidade da lógica modal, está a polissemia que caracteriza as línguas naturais e que faz com que todas as palavras equivalentes aos operadores modais lógicos não possam ser usadas como seus sinônimos, mas como sinônimos aproximados.

Compreendendo que o caráter subjetivo e polissêmico dos enunciados modalizados é critério na análise lingüística das modalidades, somente a modalização deôntica e a modalização epistêmica são consideradas modalidades lingüísticas, já que envolvem a avaliação ou julgamento do locutor com relação ao seu enunciado. De acordo com Neves (1996, p. 172), essas duas modalidades “se prestam bem a uma investigação lingüística dos enunciados”, já que são realmente produzidas na interação entre os interlocutores.

Por responder às propriedades da modalização lingüística, ser ocorrente e analisável em enunciados efetivamente produzidos e por ser um dos focos de nossa pesquisa, nos ateremos ao estudo e à análise da modalidade epistêmica.

### **2.3 A modalidade epistêmica e os princípios gerais do funcionalismo**

Segundo Dall’Aglia-Hattner (2001, p. 103), os estudos funcionalistas abarcam diversos pontos de vista sobre as modalidades, mas o ponto comum entre eles é que “o caráter de “instrumento de interação” das modalidades pede uma abordagem que considere a língua em uso”. Na teoria funcionalista, os usuários da língua assumem papel central, pois o objetivo da investigação lingüística nesta perspectiva é mostrar como falantes e ouvintes comunicam-se entre si, com eficiência. Neste sentido, as expressões lingüísticas são vistas como mediadoras, uma vez que relacionam a intenção do falante e a interpretação do ouvinte.

Outro fator de destaque no modelo teórico funcionalista é a integração dos componentes sintático, semântico e pragmático. Nesta integração entre os três componentes, a pragmática determina a semântica, que determina a sintaxe, o que significa dizer que os aspectos semânticos e sintáticos têm de ser observados dentro de um quadro da pragmática,

que privilegia a interação, o discurso como atividade, a inseparabilidade do texto e do contexto e os participantes do processo enunciativo.

Neste trabalho, nos basearemos nesses dois fundamentos gerais da perspectiva funcionalista para o estudo da modalidade epistêmica, mas não faremos a análise dos enunciados no nível frasal, pois o nosso foco é a observação de como o caráter pragmático, ou seja, o contexto das transmissões telejornalísticas ao vivo, condiciona os locutores a produzir seus enunciados com marcas de seu posicionamento, por meio do emprego de modalizadores epistêmicos.<sup>30</sup>

## 2.4 As formas de expressão da modalidade epistêmica

Originário do grego “*epistême* = ciência; conhecimento” (cf. FERREIRA: 2005), o termo epistêmico refere-se ao saber e ao conhecimento sobre algo. Segundo Romualdo (2002: 167), a modalidade epistêmica

resulta de uma avaliação do conhecimento sobre um estado de coisas, vista sob a perspectiva do conhecimento geral sobre o mundo – o que nele é ou não possível –, ou sob a da natureza do processo de percepção que resultou na aquisição do conhecimento sobre o estado-de-coisas.

Logo, se a modalização epistêmica é resultado de uma avaliação do conhecimento do falante sobre um estado de coisas, inclusive das intenções deste falante, a avaliação epistêmica se situará em um *continuum*, que vai do absolutamente certo, portanto um limite preciso, e se estenderá pelos limites e indefinidos graus do *possível* (ROMUALDO, 2002, 166-167).

Dessa forma, ao modalizar seu enunciado epistemicamente, o falante tem a possibilidade de avaliar seu conteúdo como verdadeiro, “apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvidas e sem nenhuma relativização” (NEVES, 1996, p. 179), ou pode situá-lo nos graus do possível, relativizando-o, atitude justificada pelo pouco conhecimento ou não-conhecimento que o falante tem sobre um estado

---

<sup>30</sup> Conhecemos as principais vertentes do Funcionalismo – o Funcionalismo Americano da Costa-Oeste (CHAFE, GIVÓN, THOMPSON, DE HAAN), a Gramática Funcional de orientação sistêmica (HALLIDAY) e a Gramática Funcional Holandesa (DIK, HENGEVELD) – no entanto, não nos filiamos a nenhuma delas para o estudo da modalidade epistêmica, mas nos embasamos, como afirmamos acima, nos princípios gerais apregoados por todas elas.

de coisas. Como vimos no Capítulo 1, as transmissões ao vivo de extensa duração nem sempre permitem ao jornalista ou convidados terem um conhecimento completo e comprovado dos fatos que apresentam ou comentam, o que poderia comprometer o princípio da verdade jornalística. Isso os leva a utilizar modalizadores epistêmicos para marcar seus posicionamentos no *continuum* da certeza à possibilidade.

Diversas são as possibilidades de lexicalização da modalidade epistêmica. Apresentaremos, a seguir, com exemplos retirados de nosso *corpus*, os meios lingüísticos apontados por Dall’Aglio-Hattner (1995) e Neves (1996):

a) verbos modais, divididos em:

a1) auxiliares modais, que expressam a noção de possibilidade e probabilidade, tais como o *poder* e o *dever*:

(20)

CN: portanto eu entendo aqui as observações do coronel quer dizer... é preciso tomar cuidado porque apesar de TUDO isso o o Fernando **pode** ter uma reação inespeRAda não é coronel?  
(SSS, 174)<sup>31</sup>

(21)

CN: é isso tende a faciliTAR ao longo do TEMpo porque além de cansado ele está bastante estressado até com a com a pressão toda que está sendo feita... além do fato de estar ferido o ferimento **deve** incomodar bastante...  
(SSS, 138)

a2) verbos de significação plena, indicadores de opinião, crença e saber:

(22)

AP: agora não me... não me parece que o objetivo fiNAL... dos americanos... seja apenas Saddam Hussein... naquela região... quer dizer... independentemente das questões econômicas... eu **imagino**... que... existam objetivos poLÍticos maiores... do que apenas... tirar Saddam Hussein do poder... atingir apenas o Iraque... que **acho** que... eles querem chegar a outros lugares... né William...  
(GI, 2013)

(23)

WW: esse é oh::... F-18 Hornet... são imagens ao vivo... **suponho** também... do... não consigo verificar... mas suponho do USS Lincoln...  
(GI, 1202)

---

<sup>31</sup> Para exemplificarmos cada tipo de modalizador epistêmico destacado em nosso trabalho, utilizamos trechos das transmissões telejornalísticas ao vivo de nosso *corpus*.

b) advérbios modalizadores:

b1) advérbios terminados em –mente:

(24)

AP: foi... a preocupação também... é... que transmitiram... os ministros das relações exteriores... da França... Dominique de Villepin e da Alemanha... Joschka Fischer... hoje na reunião do conselho de segurança da ONU... a guerra do Iraque **certamente** vai atingir uma população... iMENsa e uma população... empobreCIda... que passa FO-me depois de doze anos de embargo...

(GI, 1115)

(25)

AP: e nós vimos também que os aviões... eram:: éh:: tipos de equipamentos bastante modernos e bastante poderosos... se fosse um sete dois sete como nos disse a Heloísa Vilela de Nova York... **provavelmente**... uma das torres pelo menos... do World Trade Center teria resistido... como era um sete meia sete... não houve:: possibilidade de isso acontecer...

(AWTC/P, 1364)

b2) advérbio *talvez*:

(26)

CN: eh:: a Inglaterra como era de se esperar nesse primeiro momento o primeiro país a se manifestar... alinhando-se com os americanos né:: nessa causa comum de combate ao terrorismo **talvez** dando a entender... que as reações americanas serão apoiadas... pela Grã-Bretanha

(AWTC/P, 65)

c) adjetivos em posição predicativa, como *é claro*, *é certo*, *é possível* e *é provável*:

(27)

ZS: Ana Paula... os líderes do congresso norte americano... foram levados para lugares SEGUROS em Washington... esse local não será divulgado... é o que também vai acontecer com o presidente norte americano George Bush... ele deixou a Flórida está retornando aGOra para Washington e será levado para um lugar secreto seguro que não será divulgado... e o secretário de Estado norte americano Colin Powel que estava no Peru... na PRIMEIRA viagem internacional dele à América Latina... está retornando também para Washington... todos é **claro** deverão ter reuniões deverão conversar MUIto sobre essa onda de atentados que aconteceu que está acontecendo aqui no país... mas em lugares ABSOLUTAMENTE seguros... locais SECRETOS... que não serão divulgados... Ana Paula

(AWTC/P, 1408)

(28)

WW: é difícil imaginar a pelo menos talvez a gente ter que ver em qual escalão da hierarquia militar isso foi feito... essas imagens são obviamente... Ana Paula... é de aviões... é... indo para o combate... não é **possível** identificar de onde elas foram colocadas agora...

(GI, 448)

d) substantivos modalizadores:

d1) como núcleo de locuções adverbiais:

(29)

CS: olha Ana Paula... o que as TVs americanas confirmam até agora... é que **de Fato** o objetivo desses ataques iniciais... era... atingir... Saddam Hussein os Estados Unidos teriam então anteciPAdo o início dos ataques...

(GI, 37)

d2) na posição de objeto de verbo-suporte:

(30)

CN: nem os seguranças das mansões vizinhas... nem os guardas... da segurança privada ali da rua perceberam a aproximação do seqüestrador... portanto ele teve condições bastante... éh::... bastante boas né para entrar na residência... além do fator surpresa porque... eu tenho a **impressão** que ninGUÉM nessa altura imaginaria... que ele:: ali chegasse né...

(SSS,5)

Além dos meios lingüísticos apontados acima, Dall’Aglío-Hattnher (1995) e Neves (1996) apresentam também as categorias gramaticais de tempo e modo do verbo, como possibilidades de marcação epistêmica. No entanto, Neves (2006, p. 168) afirma que “essas categorias aparecem normalmente associadas a advérbios modalizadores”. Cervoni (1989, p. 78) observa que as noções de probabilidade e de possibilidade que explicam o uso do indicativo e do subjuntivo “são implícitas ou contidas em lexemas, morfemas, expressões ou contextos cuja significação não é essencialmente modal”, o que leva o autor a dizer que, nesses casos, não estamos lidando com uma expressão característica da modalidade. Baseados nessas observações e dadas às dimensões de nosso *corpus*, não analisaremos as categorias verbais como expressão da modalidade epistêmica. Ainda devido às dimensões de nosso *corpus* e ao fato de não seguirmos uma linha específica de orientação funcionalista, não consideraremos alguns expedientes sintáticos, como a intercalação de orações, a apassivação e a escolha do sujeito como possibilidades de marcação da modalidade epistêmica. Deter-nos-emos, assim, nos modalizadores prototípicos.

Em trabalhos posteriores, Neves (2006) e Dall’Aglío-Hattnher (2001 e 2007) abordam a questão da evidencialidade e sua relação com a modalidade epistêmica. A leitura do trabalho de Dall’Aglío-Hattnher (2007) mostrou-nos que alguns meios lingüísticos apresentados acima não podem mais ser considerados como modalizadores epistêmicos e sim como marcadores evidenciais.

## 2.5 A modalidade epistêmica e a evidencialidade

Segundo Neves (2006), a *modalidade epistêmica* (doravante ME) refere-se à atitude do locutor e necessariamente se relaciona com a fonte do conhecimento, com o qual o locutor pode ou não estar comprometido, e a *evidencialidade* (doravante EV) refere-se à fonte de conhecimento (informação) que o locutor possui sobre determinado evento.

A definição acima parece simples, mas a relação entre ME e EV é muito mais complexa. Para Neves (2006), o fato de a evidencialidade tratar-se da indicação da origem de conhecimento de um falante mostra que a expressão de uma fonte de conhecimento implica modalização do nível do conhecimento, o que configura a ocorrência das duas categorias. Neste ponto surgiram alguns questionamentos que levaram os estudiosos a refletirem sobre a relação entre ME e EV. Conforme a autora, um dos direcionamentos resultantes desta reflexão diz que ME e EV são duas categorias de diferente natureza, sem a incidência de uma sobre a outra.

Além dessa, encontramos outras duas posturas no tratamento da relação entre ME e EV, ambas subsidiadas por diversos autores que são retomados nos trabalhos de Neves (2006) e Dall’Aglio-Hattner (2007). A primeira postura considera a ME como primária e a EV como um subtipo da ME. Nesta perspectiva, “a indicação de evidências pode ser vista como uma prestação de serviço ao compromisso do falante com a verdade, com a sua crença na verdade, com o seu julgamento da verdade” (NEVES, 2006, p. 166).

Dall’Aglio-Hattner (2007) afirma que um dos argumentos que justificam a consideração da EV como subtipo da ME relaciona-se com a manifestação da subjetividade estudada por Lyons (1977 *apud* DALL’AGLIO-HATTNER, 2007). Segundo Lyons, todo enunciado em que o falante manifesta explicitamente seu comprometimento com a verdade da proposição é um enunciado epistêmico e tanto os indicadores de certeza ou possibilidade quanto os indicadores evidenciais, que expressam a validade da informação por meio da indicação da fonte, são manifestações da ME.

Os autores que sustentam a perspectiva oposta a anterior consideram a EV como uma categoria hierarquicamente superior à ME. Neves (2006), baseada no trabalho de Nuyts (1993), apresenta o argumento de que sem evidência, uma avaliação da probabilidade do estado de coisas não é possível, o que significa dizer que todo julgamento modal tem base em uma evidência e o que varia é a qualidade da evidência.

A própria Dall’Aglío-Hattner (2007, p. 116) defende essa postura para o estudo da evidencialidade. Segundo a autora, em função de o estudo da evidencialidade ser feito principalmente em línguas nas quais sua expressão é morfológica, prioritariamente as indígenas, “os poucos critérios de identificação encontrados nem sempre se aplicam à língua portuguesa, que codifica a fonte do saber expresso em um enunciado por uma grande variedade de meios lexicais”. Como não tem morfema específico para sua manifestação em língua portuguesa, expressando-se também por meios lexicais como a ME, considerar a EV como uma categoria distinta e superior à ME implica uma reclassificação dos modalizadores apresentados no item anterior deste trabalho, pois alguns deles não são mais vistos como modalizadores epistêmicos, mas como marcadores evidenciais.

Dall’Aglío-Hattner (2007) analisa um *corpus* constituído por textos de literatura técnica e literatura oratória e observa que, nesses textos, os verbos de opinião como *achar*, *acreditar*, *crer* e *supor*, assim como os advérbios *evidentemente*, *obviamente* e *aparentemente* são empregados como formas de marcar a evidência para reforçar a confiabilidade da informação veiculada e facilitar a aceitação das idéias do locutor. Somados a esses marcadores, a autora apresenta também as formas *parece que*, *é evidente* e *se sabe* como marcadores evidenciais.

A partir da classificação da autora, retomamos nosso *corpus* e fizemos uma releitura, considerando o conceito de evidencialidade. A volta ao *corpus* sob essa nova perspectiva mostrou-nos que os jornalistas avaliam epistemicamente seus enunciados baseados em uma evidência que varia em termos de qualidade e apresentação em seu discurso. Isso nos levou a assumir a mesma postura adotada por Dall’Aglío-Hattner (2007), que considera a EV como uma categoria superior à ME, pois entendemos que o contexto das transmissões telejornalísticas ao vivo faz com que os jornalistas modalizem epistemicamente seus enunciados e, para dar credibilidade e distanciar-se ou aproximar-se do conteúdo neles veiculados, eles podem indicar ou não a evidência (fonte da informação).

Brevemente exposta a questão da relação entre ME e EV na teoria funcionalista e definida a postura que será assumida neste trabalho, apresentamos, a seguir, a tipologia dos evidenciais proposta por Willett (1988 *apud* DALL’AGLIO-HATTNER, 2007)<sup>32</sup>:

---

<sup>32</sup> Não conseguimos o trabalho de Willett (1988) e, por isso, utilizamos sua teoria a partir do trabalho de Dall’Aglío-Hattner (2007).

**Tabela 1: Tipos de Evidência**

TIPOS DE EVIDÊNCIA							
DIRETA			INDIRETA				
Atestada			Relatada			Inferida	
visual	auditiva	outro sentido	segunda mão	terceira mão	folclore	resultados	Pensamento lógico

Na tabela acima, vemos dois tipos de evidência, a *direta* e a *indireta*. No primeiro caso, Dall’Aglio-Hattner (2007) afirma, baseada em Willett, que a fonte da informação do falante é de natureza primária e que o falante a obtém porque testemunhou uma determinada situação. Temos, então, a *evidência direta atestada*, que pode ser *visual*, *auditiva* ou de *outro sentido*.

No segundo caso, o falante tem duas possibilidades: a) pode obter a informação por meio de outro falante e, como exemplo, temos a *evidência indireta relatada*, que pode ser de *segunda mão* (o falante afirma ter ouvido a situação descrita de uma testemunha direta), *terceira mão* (o falante afirma ter ouvido sobre a situação descrita de uma testemunha indireta ou boato), ou *folclore* (o falante afirma que a situação descrita é parte de uma história consagrada); b) infere a situação a partir de uma *evidência indireta inferida por resultados* (evidência inferida da percepção dos resultados de um evento ou ação) ou a partir de uma *evidência indireta inferida por pensamento lógico* (evidência inferida por intuição, por lógica, por experiências prévias).

Como vimos no Capítulo 1, o processo de construção e transmissão de notícias em transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração diferencia-se da construção e transmissão de notícias no telejornalismo diário. Diante de tais diferenças, a releitura do *corpus* mostrou-nos que frequentemente os jornalistas apresentam em seus discursos evidências diretas e indiretas que condicionam a modalização epistêmica de seus enunciados. Assim, no Capítulo 3, utilizaremos a divisão entre evidências diretas e indiretas como a dicotomia básica para a sistematização dos modalizadores epistêmicos no discurso dos jornalistas e convidados. No entanto, como nosso foco é a ME e utilizamos a EV somente para a sistematização dos modalizadores, deter-nos-emos, nas análises, nos subtipos de EV mais evidentes. A releitura de nosso *corpus*, no que tange à EV, mostrou-nos que aparecem marcadamente evidências diretas atestadas visuais e auditivas e evidências indiretas relatadas de segunda e terceira mão. Não encontramos nenhuma evidência direta atestada de outro sentido e indireta relatada de folclore. A distinção entre evidência indireta inferida de

resultados e de pensamento lógico se mostrou tênue e merecedora de um estudo específico que não é nossa intenção nesse trabalho. Logo, na sistematização dos modalizadores vamos nos deter no subtipo evidências inferidas, sem subclassificá-las enquanto de resultados ou de pensamento lógico.

Por meio da dicotomia evidências diretas e indiretas, poderemos observar como os jornalistas mantêm a veracidade e a credibilidade em um contexto tão complexo de transmissão de notícias. A adoção dessa postura nos leva a desconsiderar como modalizadores epistêmicos os meios lingüísticos apontados anteriormente neste tópico como marcadores evidenciais por Dall’Aglio-Hattner (2007).

## **CAPÍTULO 3**

### **A MANIFESTAÇÃO DA MODALIDADE EPISTÊMICA EM TRANSMISSÕES TELEJORNALÍSTICAS AO VIVO**

#### **3.1 Considerações iniciais**

Para explicarmos o funcionamento da modalidade epistêmica em transmissões telejornalísticas ao vivo, partimos dos elementos contextuais, pois entendemos que o contexto de produção e transmissão da notícia ao vivo determina a construção dos enunciados e as escolhas lingüísticas dos falantes.

A sistematização dos modalizadores é feita a partir das evidências que aparecem no discurso dos jornalistas e convidados. Para isso, elaboramos tabelas que apresentam os dados quantitativos que são comentados para podermos mostrar o funcionamento das modalidades e sua relação com as intenções dos falantes, entre elas, a de transmitir informações com credibilidade aos telespectadores.

#### **3.2 A modalidade epistêmica nas transmissões telejornalísticas ao vivo**

A observação do *corpus* e a sistematização dos modalizadores partindo das formas de evidência que os falantes apresentavam em seu discurso revelaram que, na dicotomia evidências diretas e indiretas, predominam as do segundo tipo nas transmissões, conforme podemos verificar na tabela a seguir:

**Tabela 2: Ocorrência de ME com as evidências direta e indireta**

OCORRÊNCIAS DE <i>ME</i> COM:	TRANSMISSÃO TELEJ. AO VIVO			Total
	SSS	AWTC	GI	
Evidências diretas	14	7	27	48
Evidências indiretas	33	53	93	179
Total:	47	60	120	<b>227</b>

Percebemos que as ocorrências de modalizadores que aparecem com evidências indiretas é muito superior a das evidências diretas. Lembramos que na evidência indireta a construção do conhecimento do falante fundamenta-se no relato de outro ou em inferências que realiza, logo as transmissões ao vivo favorecem o seu aparecimento. Como vimos no Capítulo 1, as informações transmitidas são obtidas de fontes diversas, entre elas, os correspondentes, os repórteres de rua e as agências de notícias. As informações, quando veiculadas, são na maioria das vezes apresentadas com citação das fontes. Além disso, os envolvidos nas transmissões, sejam os jornalistas, sejam os convidados, são profissionais com experiência ou vasto conhecimento sobre questões relacionadas com o acontecimento em pauta, portanto, capazes de modalizar suas falas partindo de evidências inferidas. Isso faz aumentar o número de enunciados modalizados fundamentados em evidências indiretas.

A ocorrência de modalizadores epistêmicos com evidências diretas, apesar de menor, mostra que os jornalistas e os convidados também têm a possibilidade de construir seus enunciados modalizados com base naquilo que vêem ou ouvem durante a própria transmissão. Ganha destaque nesse processo de modalização o modo de estruturação das notícias e o de captação das imagens, visto que às vezes a notícia se constitui do diálogo ou comentários dos participantes sobre o que estão vendo naquele momento. A construção da notícia calcada na evidência visual ou auditiva demonstra a participação ativa do telespectador no processo de elaboração das informações nas transmissões ao vivo, porque ele, como está vendo ou ouvindo o mesmo que os jornalistas, valida a informação transmitida.

A tabela também nos permite observar que a cobertura da GI registrou um número maior de ocorrências de enunciados modalizados. Cremos que isso não se deve a nenhuma especificidade da transmissão em si, mas somente ao fato de, em nosso *corpus*, ela ter um tempo maior de duração.

Apresentamos a seguir a análise da manifestação da modalidade epistêmica nas coberturas ao vivo, tomando por base de exposição a dicotomia evidências diretas e indiretas e suas subdivisões – *evidência direta atestada visual e auditiva, evidência indireta relatada*

*de segunda e terceira mão e evidência indireta inferida.* Iniciaremos pelas diretas, embora sejam em menor número, para mantermos a ordem da tipologia dos evidenciais proposta por Willett (1988 *apud* DALL'AGLIO-HATTNER, 2007), conforme mostramos na tabela 1 (cf. item 2.5). Dada a extensão de nosso *corpus* e a quantidade de ocorrências de modalizadores epistêmicos, referida na tabela 2, não apresentaremos todos os casos de modalização registrados, embora tenhamos feito a análise do *corpus* na íntegra. Mostraremos somente alguns casos, para exemplificarmos os tipos de ocorrência e seus funcionamentos. Os casos de modalização epistêmica apresentados a seguir correspondem a trechos das transmissões telejornalísticas ao vivo, que se constituem ora de entradas ao vivo de repórteres e correspondente, ora de entrevista, ora de diálogos entre os âncoras.

### 3.2.1 A modalização epistêmica com evidências diretas

A tabela abaixo ilustra os casos de modalização com evidência direta atestada visual:

**Tabela 3: Ocorrência de ME com a evidência direta atestada visual**

TIPOS DE MODALIZADRES	TRANSMISSÃO TELEJ. AO VIVO			Total
	SSS	AWTC	GI	
Auxiliar modal poder	2	2	4	8
Auxiliar modal dever	7	1	1	9
Advérbios em -mente	4	3	13	20
Advérbio <i>talvez</i>	1	1	1	3
Adjetivos	0	0	1	1
Substantivos	0	0	1	1
Total:	14	7	21	<b>42</b>

Embora a evidência direta mostre que a fonte do conhecimento é baseada em uma situação que o próprio falante presencia (vendo ou ouvindo), isso não garante a modalização apenas no campo da certeza. Das 42 ocorrências de modalizador epistêmico com evidência visual, apenas 10 expressaram a certeza, com os advérbios *certamente* (2 no AWTC, 2 na GI) e *realmente* (1 no SSS, 5 na GI). A natureza dos modalizadores presentes na tabela demonstra

que a maioria dos enunciados foi modalizada no campo da incerteza. Somando-se o modalizador *poder*, o *dever* e o *advérbio talvez*, indicadores de possibilidade por excelência, temos 20 enunciados em que o falante não se compromete com o conteúdo da informação. O adjetivo na posição predicativa (*é possível*, GI, 451) e o substantivo na posição de objeto de verbo-suporte (*eu tenho dúvidas*, GI, 1364) no contexto em que aparecem também indicam possibilidade. Resumindo, temos 10 modalizações com evidências diretas atestadas visuais no campo da certeza contra 31 nos graus da possibilidade.

O fragmento abaixo exemplifica um caso do verbo *dever*:

(31)

MAS: Nascimento por esse lado onde estão todos os repórteres fica... basicamente impossível... que... saía o carro levando o seqüestrador nesse caminho... caminho que seria o mais próximo da Marginal... Pinheiros e portanto dali para o Depatri portanto (será que) está aí pelo outro lado como você falava há pouco... onde há carros de bombeiros há inclusive uma viatura... do CET também do outro lado da casa... é um caminho um pouco mais longo mas é um caminho que está livre... vale dizer também que nenhum dos dois helicópteros da polícia militar que estão... no pátio do colégio Pio XII ali perto estão acionados... portanto a saída **deve** ser pelo menos por enquanto essa é a informação visual... **deve** ser mesmo por carro Nascimento  
(SSS, 580)

Nesse momento o seqüestrador do empresário já tinha se entregado e essa informação já fora confirmada. Com a entrada de Marcos Antonio Sabino, repórter de rua, as câmeras passaram a mostrar as imagens da frente da casa de Sílvio Santos, que eram comentadas pelo jornalista. A fonte do conhecimento dá-se, como o exemplo mostra, pela evidência direta atestada visual, pois é a observação de toda a movimentação para o transporte do seqüestrador que leva o repórter a produzir seu enunciado modalizando-o com o marcador epistêmico de possibilidade *dever*. Encontramos em sua própria fala a constatação de que a fonte do conhecimento é visual (*pelo menos por enquanto essa é a informação visual*), mas, embora a evidência visual o qualificasse para transmitir a informação, a falta de confirmação de como o seqüestrador seria transportado para o Depatri, fez com que o jornalista modalizasse seu enunciado no campo da dúvida, pois se o transporte não se realizasse como ele relatara, não haveria problemas de ter divulgado uma informação falsa.

No fragmento a seguir, rico em modalizadores, o diálogo entre os âncoras também se baseiam nas imagens que vêm:

(32)

WW: interessantíssimo é juntar isso que nós acabamos de ver... esse pronunciamento que acabamos de ver... de Saddam Hussein... com as informações que eu... novamente nós vemos algumas

imagens... como se pode identificar explosões bem... um pouco mais longínquos... mas voltando, ao que o Marcos Uchôa nos contava do Kuwait... de que... Saddam não GOSTA... de fazer aparições ao vivo na televisão iraquiana... porque ele não... consegue utilizar óculos... não gosta de usar o teleprompter... que é esse recurso técnico que apresentadores tem... para poder ler... parecendo que não estão lendo... mas ele parecia **realmente** estar improvisando... você notou que ele lia no papel... ele deixou o bloco... pegou uma outra... que me parecia uma citação do alcorão... voltou ao discurso escrito... não havia na-da... de preparado no sentido de um GRANDe pronunciamento já formal... já colocado ali... que tivesse sido talvez feito com muita antecedência... eu arriscaria o palpite de que esse pronunciamento foi **realmente** ao vivo...

AP: olha... eu não sei... eu tenho **dúvidas**... me deu a sensação... de que ele não era... ao vivo... de que ele **poderia** ter sido gravado... agora em que momento ele foi gravado... é impossível saber a essa altura... **pode** ter sido gravado... minutos depois do ataque... e divulgado mais tarde... **pode** ter sido gravado... enfim... a poucos minutos...

(GI, 1350)

Ao comentar as imagens, Willian Waak retoma informações já passadas por Marcos Uchôa de que Saddam Hussein não gosta de aparecer ao vivo na televisão, por causa do uso de óculos e do teleprompter. Então, contrapõe as informações de Uchôa às imagens que vê e, baseado nestas, utiliza o advérbio *realmente* para afirmar sua crença de que o pronunciamento teria sido ao vivo. No entanto, a mesma evidência atestada visual não convence Ana Paula, que modaliza seus enunciados com vários modalizadores que têm como efeito de sentido a dúvida em relação a ter sido o pronunciamento ao vivo ou gravado. Vemos, para a expressão de sua incerteza, a combinação do substantivo *dúvidas* na posição de objeto de verbo-suporte, que por seu valor semântico já expressa a possibilidade, mais o verbo auxiliar modal *poder*. A repetição do verbo auxiliar *poder* (*pode ter sido gravado*) e a sua conjugação no futuro do pretérito (*poderia ter sido gravado*) contribui ainda mais para a marcação da modalidade epistêmica. A dúvida de Ana Paula é verificada também pelo uso de marcadores evidenciais, como: ... *eu não sei*... ; ... *me deu a sensação*... Como um jornalista modaliza na certeza e outro na dúvida, a confiabilidade do telespectador na informação de que o pronunciamento de Saddam Hussein era ao vivo fica comprometida, pois não sabe em quem acreditar.

Para modalizar seus enunciados, os jornalistas também utilizaram evidências diretas atestadas auditivas, as quais apareceram em menor quantidade em nosso *corpus*, como revela a tabela abaixo:

**Tabela 4: Ocorrência de ME com a evidência direta atestada auditiva**

TIPOS DE MODALIZADRES	TRANSMISSÃO TELEJ. AO VIVO			Total
	SSS	AWTC	GI	
Auxiliar modal poder	0	0	1	1
Auxiliar modal dever	0	0	0	0
Advérbios em -mente	0	0	3	3
Advérbio <i>talvez</i>	0	0	1	1
Adjetivos	0	0	1	1
Substantivos	0	0	0	0
Total:	0	0	6	<b>6</b>

A modalização epistêmica com evidência direta atestada auditiva ocorreu apenas na cobertura ao vivo da GI, totalizando 6 aparições, das quais: 4 marcaram os enunciados na dúvida, com o auxiliar modal *poder*, a expressão com adjetivo na posição predicativa *é possível*, e com os advérbios *provavelmente* e *talvez*; e apenas 2 na certeza, com os advérbios *certamente* e *realmente*. Vejamos os exemplos a seguir:

(33)

WW: nós estamos ouvindo... Ana Paula... se eu não me engano... nós estamos ouvindo... fogo de artilharia antiaérea... e estávamos ouvindo também... é... o som de aLARmes de carros disparados **provavelmente** por culpa de explosões... a força de choque costuma disparar alarme de carros nessa situação

(GI, 1399)

Na transmissão da GI, em muitos momentos, as imagens repassadas principalmente pela CNN para a Rede Globo de Televisão eram escuras, pois foram gravadas à noite, sem nenhuma iluminação. Embora tenham sido gravadas com câmeras especiais, a qualidade das imagens não era boa, como as gravadas durante o dia ou em outras situações. No entanto, era possível ouvir sons relacionados ao ataque americano. Construindo a fonte de seus conhecimentos a partir desses sons, e inferindo que a força do choque de uma explosão costuma disparar alarmes de carros, o apresentador Willian Waak modalizou seu enunciado na dúvida com o advérbio *provavelmente*, pois não tinha, além do conhecimento auditivo, nenhuma confirmação de que outro motivo poderia ter disparado o alarme dos carros. A modalização nos graus da possibilidade revela a intenção do jornalista de não se comprometer

com o conteúdo do enunciado e deixar claro para o telespectador que não era uma informação confirmada.

O fragmento (15), já apresentado no Capítulo 1, exemplifica quatro tipos de modalizadores, demonstrando que, na construção da notícia por meio de diálogos e do não planejamento típico da língua falada, ocorrências como essa são possíveis:

(15)

AP: William... vamos fazer agora... uma retrospectiva dessas últimas horas... vamos começar vendo... as imagens do primeiro bombardeio americano... à cidade de Bagdá... essas são as primeiras imagens... feitas ainda de noite, por volta de cinco e meia da manhã... hora de Bagdá... quando a gente pôde... ouvir... o som... das baterias anti-aéreas...

WW: depois este som... bastante forte... de uma explosão...

AP: de uma explosão **certamente**... **pode** ter sido inclusive a primeira... pelo menos foi a primeira que foi registrada

WW: **talvez** entre pra história dessa guerra como o... primeiro tiro **realmente**

AP: **é possível**

(GI, 1512)

O fragmento registra um momento em que são re-exibidas imagens do primeiro bombardeio americano. No entanto, a evidencialidade não vai se marcar pela evidência direta visual, mas sim pela auditiva, iniciada com a indicação da audição do som das baterias anti-aéreas. Nessa ocasião as imagens também não eram boas e a fonte do conhecimento são os sons produzidos pelo ataque americano. No jogo dialógico, a modalização vai ser usada numa seqüência em que um jornalista endossa o conteúdo da fala do outro. No primeiro enunciado modalizado por Ana Paula Padrão, temos dois modalizadores, um da certeza e outro da dúvida. O advérbio *certamente* faz recair a certeza no conteúdo já enunciado por Willian Waak de que determinado som seria de uma explosão. Na seqüência, Ana Paula modaliza com o auxiliar modal *poder*, marcando a possibilidade de ter sido a primeira explosão registrada. Diante da possibilidade levantada por Ana Paula, na continuidade do diálogo, Willian Waak também usa dois modalizadores, o advérbio *talvez*, que indica dúvida sobre o tiro ficar ou não registrado na história como o primeiro tiro da guerra, e, ao mesmo tempo, o advérbio *realmente*, que modaliza a certeza de ter sido o primeiro tiro, devido ao som da explosão. O modalizador *é possível*, utilizado por Ana Paula, fecha esse tópico do diálogo, mostrando seu assentimento em relação à possibilidade levantada pelo colega.

Diferentemente do fragmento (32) em que havia um desacordo entre os posicionamentos dos jornalistas, nesse exemplo, percebemos um reforço nas informações transmitidas, pois os jornalistas se apóiam mutuamente tanto na certeza quanto na dúvida. Logo, se no exemplo (32), o telespectador não sabia em qual informação acreditar, aqui o endosso das informações de um jornalista por outro, ainda que na incerteza, atribui maior credibilidade para as informações.

Os fragmentos de (31), (32), (33) e (15) nos permitem ver que, no jogo dialógico em que se constrói a notícia, os jornalistas modalizam seus enunciados comprometendo-se ou distanciando-se das informações que divulgam. Desta forma, durante a transmissão, se as informações não forem confirmadas, não serão acusados de faltar com a verdade e a credibilidade não será afetada.

Nos casos tanto de evidências diretas atestadas visuais como auditivas, há uma participação maior do telespectador, pois ele também pode ver e ouvir o mesmo que os apresentadores, participando ativamente na validade e na credibilidade da notícia, ao contrário das modalizações de enunciados fundamentados em evidências indiretas, uma vez que nessas situações ele depende do conhecimento que os jornalistas e convidados possuem.

### 3.2.2 A modalização epistêmica com evidências indiretas

A modalização epistêmica toma também como fonte do conhecimento as evidências indiretas, por exemplo, aquelas em que o falante modaliza seus enunciados tendo por base uma informação relatada. Ao contrário das evidências diretas, em que a fonte do conhecimento é primária, pois o falante é testemunha de uma determinada situação, na evidência indireta ele pode recebê-las de uma outra fonte e definir quem é essa fonte (segunda mão). A tabela abaixo demonstra os casos de modalizações epistêmicas com ocorrências de evidências indiretas de segunda mão:

**Tabela 5: Ocorrência de ME com a evidência indireta relatada de segunda mão**

TIPOS DE MODALIZADRES	TRANSMISSÃO TELEJ. AO VIVO			Total
	SSS	AWTC	GI	
Auxiliar modal poder	3	1	3	7

Auxiliar modal dever	1	2	3	6
Advérbios em -mente	5	5	8	18
Advérbio <i>talvez</i>	1	0	1	2
Adjetivos	0	0	0	0
Substantivos	0	2	6	8
Total:	10	10	21	<b>41</b>

Os modalizadores que aparecem nos graus da dúvida com evidências indiretas relatadas de segunda mão totalizam 23 ocorrências, enquanto os do campo da certeza, 18. Os advérbios em –mente continuam a ser os modalizadores mais ocorrentes: 11 marcando a certeza, com 3 *certamente* (1 no SSS e 2 na GI) e 8 *realmente* (3 no SSS, 2 AWTC/P e 3 na GI); e 7, a dúvida, com 1 *possivelmente* (GI) e 6 *provavelmente* (1 no SSS, 3 no AWTC/P e 2 na GI). O fragmento (8), já citado, exemplifica o uso do advérbio em –mente como modalizador:

(8)

CN: informação levantada aí pelo Chico PiNHEIRO... de que hoje cedo quem **realmente** descoBRIU o que estava se passando era uma jornalista de uma emissora local de São Paulo... que passou por ali e viu um cidadão com a calça alaranjada...

(SSS, 1)

O modalizador *realmente* recai sobre a informação de quem teria descoberto que o seqüestro estava em andamento. O âncora usou o modalizador indicador de certeza, porque obteve a informação de uma fonte de boa qualidade – o repórter Chico Pinheiro que estava no local do seqüestro –, o que lhe garantiu maior confiabilidade. Ao citá-lo, transfere a responsabilidade pelo conteúdo da informação ao repórter de rua.

A segunda maior ocorrência em nosso *corpus* é a de substantivos. Foram 2 ocorrências no AWTC/P: 1 como objeto de verbo-suporte (*eu tenho dúvidas*) e 1 como núcleo de locução adverbial (*de fato*); 6 ocorrências na GI: 1 como núcleo da locução adverbial (*sem dúvida*) e 5 como núcleo da locução adverbial (*de fato*).

O fragmento (34) exemplifica uma modalização no extremo da certeza, com substantivo como núcleo de uma locução adverbial:

(34)

AP: bem e a agência de notícia Reuters... acaba de informar... informou há exatamente dois minutos atrás... que **de fato** aconteceram NOvas explosões na cidade de Bagdá... a questão é que as imagens dessas explosões ainda não estão disponíveis... nem para a agência Reuters... nem para nenhuma outra agência que distribuiu iMagens no mundo... portanto... eXISte a informação de que novas explosões... aconteceram **de fato** em Bagdá... apenas as imagens... dessas explosões ainda não estão disponíveis...

(GI, 1007)

Informações sobre a possibilidade de novas explosões na cidade de Bagdá já tinham sido divulgadas, sem confirmação. A locução adverbial *de fato* é usada por Ana Paula Padrão para mostrar a veracidade da informação já transmitida e agora confirmada pela agência de notícias Reuters. Ao citar a agência como a fonte do conhecimento e modalizar no campo da certeza, o efeito de sentido produzido é de maior adesão da jornalista ao conteúdo do seu enunciado, garantindo a real ocorrência das explosões.

O fragmento abaixo registra um exemplo, dentre as 7 ocorrências do *corpus* mostradas na tabela 5, da modalização com o verbo auxiliar modal *poder* :

(35)

CN: é porque a Heloísa Vilela nossa correspondente... dizia agora há pouco... que de manhã no World Trade Center... costuma haver um público... de quarenta mil pessoas... eh:: a própria Ana Paula que foi correspondente em Nova York nos contou também... que as pessoas chegam ANtes das nove horas para iniciar ah:: sua jornada de trabalho... a explosão aconteceu as oito horas e quarenta e oito minutos... então falta:: nessa altura saber se quanta gente estava lá... quanta gente estava na parte SUperior do prédio... ainda pegando fogo... quantas pessoas conseguiram descer... os de baixo se tiveram tempo de sair... se não ficaram ali embaixo na hora que o prédio caiu se já estavam numa distância segura... enfim bombeiros policiais... o número de feridos **pode** ser... exTREmamente grande

(AWTC/P, 574)

A possibilidade de um número extremamente grande de feridos é marcada no enunciado de Carlos Nascimento pelo modalizador *pode*. Como o apresentador não tinha nenhuma confirmação da quantidade de feridos, a possibilidade marcada em seu enunciado define-se na convergência das informações que recebeu de Heloísa Vilela e Ana Paula Padrão de que sempre havia muitas pessoas no período da manhã no World Trade Center e no horário em que os aviões colidiram (8h48min). A citação das outras jornalistas como fonte da informação leva o telespectador a aderir à possibilidade, visto que ambas, como correspondentes, conhecem o funcionamento do World Trade Center.

Ao modalizar o seu discurso e atribuir ao outro a fonte da informação, a confiabilidade da notícia fica atrelada à confiabilidade da fonte, o que, nas transmissões ao vivo de extensa duração, ganha destaque em função do modo imediatista de apuração das informações.

Ao contrário dos exemplos (8), (34) e (35), em que os jornalistas definiram a fonte da informação relatada, a tabela abaixo ilustra os casos em que o falante opta por não indicar a fonte do conhecimento, modalizando seu enunciado com base em uma evidência indireta relatada de terceira mão:

**Tabela 6: Ocorrência de ME com a evidência indireta relatada de terceira mão**

TIPOS DE MODALIZADRES	TRANSMISSÃO TELEJ. AO VIVO			Total
	SSS	AWTC	GI	
Auxiliar modal poder	3	6	7	16
Auxiliar modal dever	3	5	5	13
Advérbios em -mente	2	3	17	22
Advérbio <i>talvez</i>	0	0	4	4
Adjetivos	0	1	3	4
Substantivos	0	3	0	3
Total:	8	18	36	<b>62</b>

Os enunciados modalizados epistemicamente com evidências indiretas relatadas de terceira mão registram a segunda maior ocorrência no *corpus*. Como vimos no Capítulo 1, a construção e a transmissão das notícias nas coberturas ao vivo é feita de forma imediatista, sem que os participantes tenham tempo de confirmar todas as informações. Relembramos que no estúdio as informações chegam por meios diversos (satélite, videofone, telefone, internet) e são rapidamente divulgadas pelos jornalistas, para atender aos anseios do público por novas notícias. Por isso, é compreensível o número expressivo de enunciados modalizados a partir de evidências indiretas relatadas de terceira mão, nas quais não há citação expressa da fonte do conhecimento.

Novamente se somarmos as ocorrências dos verbos auxiliares modais *poder* e *dever*, ao advérbio *talvez* e as ocorrências de advérbios em –mente que indicam possibilidade (10), veremos que a modalização nos graus da possibilidade/incerteza continua sendo majoritária em nosso *corpus*. Do total de 22 advérbios em –mente, 12 expressam certeza: 5 *certamente* (2 no AWTC/P e 3 na GI) e 7 *realmente* (1 no SSS e 6 na GI); 10 marcam dúvida: 1

*possivelmente* (1 na GI); 9 *provavelmente* (1 no SSS, 1 no AWTC/P e 7 na GI). Além destes modalizadores, o *corpus* registrou 4 ocorrências de adjetivos na posição predicativa: 1 no AWTC/P (*é claro*) e 3 na GI (*é claro, é certo e é possível*); e 3 ocorrências de substantivos, todos no AWTC/P: 1 na posição de objeto de verbo-suporte (*não há dúvidas*) e 2 como núcleo de locução adverbial (*sem dúvida e de fato*). De acordo com esses dados, temos, então, 18 ocorrências de modalizadores que expressam certeza e 44 aparições de modalizadores que marcam dúvida.

O fragmento (36) exemplifica o uso do modalizador *pode*. Nele, o repórter Chico Pinheiro tem a informação, mas não tem ainda a sua confirmação:

(36)

CP: oh César com toda a movimentação aqui o posicionamento dos carros uma certa correria... ali na entrada da casa e nos chegam informações... de que o Fernando... são informações PREliminares... que o Fernando teria se rendido... são informações preliMiNAres... essa informação não está confirMAda... mas há TOda mobilização aqui... neste momento... que **pode** significar a rendição desse seqüestrador... **pode** significar... (digo bem)... há neste momento uma movimentação muito intensa policiais passaram ali coRRENdo na porta da casa... há TOdo um alinhamento de veículos da polícia... neste momento... acaba de chegar aqui o oficial que está pedindo a abertura de área ((conversas)) pra saída de viaturas... portanto... **pode** estar chegando ao fim... esse seqüestro... vamos aguardar... mais detalhes ehn Nascimento?

(SSS, 442)

Nesse fragmento somam-se as evidências diretas visuais e as indiretas de terceira mão na construção do conhecimento do jornalista. Embora veja *toda a movimentação* (evidência direta visual) e possua informações de que o seqüestrador teria se rendido, ele não marca a fonte da informação relatada: *nos chegam informações*. Esse fragmento reforça a afirmação de Denise Sobrinho, apresentada no Capítulo 1, de que muitas vezes as informações são divulgadas sem a confirmação dos fatos e, nestes casos, os repórteres e apresentadores informam aos telespectadores que as informações são preliminares ou não estão confirmadas. Como não possui a confirmação da rendição do seqüestrador, Chico Pinheiro modaliza seu enunciado no campo da possibilidade (modalizador *pode*). Assim, não se responsabiliza por emitir uma notícia muito importante e esperada pelos telespectadores que poderia ser inverídica, o que seria vergonhoso para ele e para a emissora. Seu enunciado *vamos aguardar... mais detalhes ehn Nascimento?*, interroga o âncora na expectativa de primeiramente confirmar a notícia para poder, depois, divulgá-la como verdadeira.

No fragmento (37), a modalização também é condicionada por uma evidência indireta relatada de terceira mão, indicada pelo verbo *chegar*:

(37)

AP: muito obrigada... éh::... bem... a informação que nos chega agora... é de que... **realmente**... é... a cidade de Bagdá... estaria sofrendo... ou estaria... na imiNÊNcia de sofrer um novo ataque... e um novo bombardeio...

(GI, 733)

Ao modalizar com o advérbio *realmente*, a jornalista intenciona mostrar como certo e verídico o segundo ataque à cidade de Bagdá, que já era esperado. A certeza inicial colocada pelo modalizador é atenuada pelo uso do verbo *estar no futuro do pretérito* e na indicação de que o ataque poderia ainda não estar ocorrendo, mas prestes a acontecer: *estaria... na imiNÊNcia de sofrer um novo ataque*. Ana Paula faz cinco pausas depois de modalizar na certeza, o que reforça nossa idéia de uma posterior atenuação do comprometimento com a informação. cremos que isso se deve ao fato de ela não ter ainda a confirmação da informação.

Diferentemente dos exemplos (36) e (37), que marcam a evidência indireta relatada de terceira mão pelo uso do verbo *chegar*, o fragmento abaixo não apresenta nenhuma expressão que indique uma fonte relatada de terceira mão:

(38)

ZS: Ana Paula... os líderes do congresso norte americano... foram levados para lugares SEGUROS em Washington... esse local não será divulgado... é o que também vai acontecer com o presidente norte americano George Bush... ele deixou a Flórida está retornando aGOra para Washington e será levado para um lugar secreto seguro que não será divulgado... e o secretário de Estado norte americano Colin Powel que estava no Peru... na PRIMEIRA viagem internacional dele à América Latina... está retornando também para Washington... todos é **claro deverão** ter reuniões **deverão** conversar MUIto sobre essa onda de atentados que aconteceu que está acontecendo aqui no país... mas em lugares ABSOLUTAMENTE seguros... locais SECRETOS... que não serão divulgados... Ana Paula

(AWTC/P, 1409)

Como vimos no Capítulo 1, em coberturas telejornalísticas ao vivo internacionais, uma das formas de apuração de informações é a coleta de dados exclusivos feita por correspondentes. Esses dados, que podem ser relatos de testemunhas de determinado acontecimento, informações de profissionais envolvidos no evento ou de agências internacionais, contribuem para a construção da notícia divulgada pelo correspondente. No fragmento, vemos que Zileide Silva apresenta uma série de informações sobre o transporte dos líderes do congresso, do presidente americano e do secretário do estado para um lugar secreto. Essas informações foram repassadas a ela por outras fontes no escritório da Rede Globo de Televisão em Nova York. A composição de sua fala e a modalização no campo da

certeza com adjetivo na função predicativa *é claro* leva em consideração tais informações. No entanto, como já são informações apuradas, a repórter não apresenta suas fontes. Essa forma de construção da notícia cria como efeito de sentido uma credibilidade maior, possibilitando ao jornalista modalizar no campo da certeza. O uso do auxiliar modal *dever* no futuro do presente para indicar a probabilidade de reuniões e conversas entre os líderes americanos levaria o comprometimento do falante para os graus do possível. No entanto, sua combinação com o modalizador *é claro* e com as inferências da situação descrita, orientam para os graus da certeza. Tais inferências são também realizadas pelo telespectador que passa a compartilhar da opinião da jornalista.

Outra possibilidade de modalização epistêmica é com evidências indiretas inferidas. Como dissemos no Capítulo 2, não subdividimos esse tipo de evidência em seus subtipos. A tabela a seguir indica os modalizadores que ocorreram com tais evidências:

**Tabela 7: Ocorrência de ME com evidências indiretas inferidas**

TIPOS DE MODALIZADRES	TRANSMISSÃO TELEJ. AO VIVO			Total
	SSS	AWTC	GI	
Auxiliar modal poder	4	6	5	15
Auxiliar modal dever	8	4	9	21
Advérbios em -mente	3	6	13	22
Advérbio <i>talvez</i>	0	1	4	5
Adjetivos	0	1	4	5
Substantivos	0	7	1	8
Total:	15	25	36	<b>76</b>

A tabela mostra que enunciados modalizados epistemicamente com evidências indiretas inferidas foram os mais ocorrentes em nosso *corpus* e, dentre esses, os que utilizaram os advérbios modalizadores em *-mente*. Esses advérbios registram maior ocorrência, com 22 aparições, das quais 9 marcam a certeza e 13 a dúvida. Para expressar a certeza temos: 7 *certamente* (5 no AWTC/P e 2 na GI) e 2 *realmente* (1 no SSS e 1 na GI). Para expressar a dúvida: 2 *possivelmente* (GI) e 11 *provavelmente* (2 no SSS, 1 no AWTC/P e 8 na GI).

Quanto aos adjetivos, houve somente sua manifestação em posição predicativa com a expressão *é claro*, com 5 ocorrências: 1 no AWTC/P e 4 na GI. Os substantivos apareceram 8

vezes, todos expressando o comprometimento do falante com a certeza. Dessas aparições, 1 foi na GI, como núcleo da locução adverbial (*sem dúvida*), e 7 foram no AWTC/P: 2 na posição de objeto de verbo-suporte (*não há dúvidas*), 1 como núcleo da locução adverbial *sem dúvida*, 3 como núcleo da locução adverbial *com certeza* e 1 como núcleo da locução adverbial *na realidade*. Conforme esses dados, concluímos que, com a evidencialidade indireta inferida, predominou novamente a modalização nos graus da incerteza/possibilidade, totalizando 54 manifestações contra 22 do campo da certeza.

Na modalização epistêmica com evidências indiretas inferidas, o falante modaliza seu discurso tomando por base as inferências que realiza a partir de construtos mentais que podem ser: resultados observáveis, raciocínio lógico, experiência prévia, intuição ou sonho.

Apresentamos a seguir uma fração do exemplo (14), já visto no Capítulo 1, para mostrar a repetição de informações. Nele, encontramos a modalização no campo da certeza na fala de Ana Paula Padrão, fundamentada na evidência indireta por inferência:

(14)

CN: aqui o Pentágono isso já Washington... logo depois quando a TV mostrava os estragos em Nova York entraram essas imagens no meio da manhã... mostrando o CENtro de inteligência militar dos Estados Unidos onde está concentrada a defesa americana... atingido... por um avião também um ataque suicida... essa parte que está atingida aí que você vê agora que também explodiu... ela:: reúne as instalações do exército a força terrestre americana... todo comando do exército ficava exatamente nesse bloco do Pentágono... e como o nome diz são cinco blocos... não é? em forma da figura geométrica um deles destinado ao comando do exército americano que foi atingido... AQUÍ... quando a primeira das torres lá do World Trade Center em Nova York DESAbou... viu-se essa nuvem aqui de poeira e fumaça... num primeiro momento eu achei até que fosse:: o próprio incêndio não é que estivesse aumentando... enfim logo depois percebemos que na verdade o prédio havia ruído... precedido:: por uma explosão o que faz

AP: [ o que a gente não sabe dizer até agora... é se:: essa explosão... é uma conseqüência éh:: da batida do avião no prédio... ou se já haviam explosivos... colocados... em locais estratégicos do prédio para que ele desmoronasse em seguida... o que se sabe **com certeza** Nascimento é que foi uma ação orquestrada  
(AWTC/P, 523)

No resumo transmitido, não apresentado aqui em sua totalidade, todos os acontecimentos do atentado foram retomados. Essa apresentação seqüencial dos principais fatos oferece à jornalista uma visão geral dos acontecimentos, a partir dos quais ela faz inferências que funcionam como base de conhecimento para modalizar seu enunciado no campo da certeza. De acordo com informações já divulgadas durante a transmissão, existia a possibilidade de ter explosivos no interior das torres, pois já houvera, em 1993, um atentado a uma delas, com explosivos na garagem. O que provocou a queda da torre não era sabido até

aquele momento e aguardava confirmação, levando Ana Paula há não fazer nenhuma afirmação comprometedoras nesse sentido. No entanto, a síntese dos fatos mostrava que as várias ações ocorridas (atentado às duas Torres, ao Pentágono e a queda de um quarto avião) estavam relacionadas. Logo, a jornalista utiliza o modalizador *com certeza*, demonstrando algum grau de comprometimento com o conteúdo de seu enunciado, validando a notícia. O acompanhamento pelo telespectador da síntese dos fatos, também o leva a mesma inferência, compactuando com o posicionamento da jornalista expresso pelo modalizador.

No fragmento (39), retirado de uma entrevista, encontramos a modalização nos graus da possibilidade, fundamentada a partir do conhecimento formado pela experiência que o entrevistado possui como profissional:

(39)

C: a polícia sempre trabalhada com duas hipóteses Nascimento... ou é uma situação de risco im-pre-vi-sí-vel ou é uma situação de alto risco... ela está operando no momento com uma situação de alto risco... porque há refém... há arma... e há um bandido... com certo grau de desespero ainda que esteja um pouco mais calmo... mas que já deu mostras de sua capacidade agreSSiva... matou impiedosamente dois policiais... e feriu gravemente um outro... e ele **pode** voltar a cometer um ato:: um desatino:: agressivo como já:: demonstrou que **pode** fazer (SSS, 179)

Mostramos que nas transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração, os produtores entram em contato com especialistas e autoridades para que, por meio de entrevistas, esses convidados expliquem, comentem e opinem sobre os acontecimentos. No fragmento, vemos que a possibilidade, marcada pelo verbo auxiliar modal *poder*, de o seqüestrador cometer um ato agressivo é fundamentada nas inferências que o entrevistado – o Coronel José Vicente da Silva -, especialista em segurança pública, realiza baseando-se em sua experiência profissional. Desenvolvendo uma espécie de raciocínio lógico, o coronel apresenta duas hipóteses para o trabalho da polícia: *ou é uma situação de risco im-pre-vi-sí-vel ou é uma situação de alto risco...* Qualifica, então, a situação como de alto risco, destacando as ações já cometidas pelo seqüestrador. Logo, a conclusão do raciocínio encaminha-se para o conteúdo do enunciado apresentado pelo coronel, ou seja, a possibilidade de o marginal *cometer um ato:: um desatino:: agressivo como já:: demonstrou que pode fazer*. Ao acompanhar o raciocínio do coronel, o telespectador também chega a mesma conclusão, o que garante credibilidade à informação.

O enunciado modalizado no fragmento (40) aparece após os comentários de Carlos Nascimento de que há em Nova York uma colônia grande de brasileiros e que muitos trabalham em Manhattan. Dois brasileiros já tinham testemunhado sobre o atentado. Diante do comentário do colega, Ana Paula modaliza seu enunciado na certeza:

(40)

AP: **certamente** teremos outras testemunhas BRAsileiras no local... durante o dia surgindo... para dar a sua versão dos fatos para contar o que VÍram naquele momento... éh:: porque MUITOS brasileiros MORam em Nova York e MUITOS brasileiros se desLOCam para essa região da cidade todos os dias... para trabalhar... éh:: para:: prestar serviços... brasileiros prestam muitos serviços nesta área que é uma região financeira da cidade... tem a Wall Street é tem vários prédios financeiros vários escritórios financeiros... e muitos brasileiros prestam serviço nesta região... então **certamente** ao longo do dia ouviremos outros relatos...

(AWTC, 1042)

Com o advérbio *certamente*, utilizado em dois momentos, a jornalista compromete-se com o conteúdo de seu enunciado. Sua primeira modalização na certeza (*certamente teremos outras testemunhas BRAsileiras no local...*) apóia-se nas inferências feitas a partir dos comentários anteriores, aos quais ela dá prosseguimento, elencando explicações utilizadas para reforçar seu posicionamento. Essas explicações passam a funcionar como argumentos para uma conclusão, que retoma a informação inicial, modalizando-a novamente: ... *então certamente ao longo do dia ouviremos outros relatos...* Os comentários de Carlos Nascimento, o elenco de explicações apresentado por Ana Paula e a repetição do conteúdo modalizado na forma de conclusão garantem a confiabilidade à informação, que será validada pelos telespectadores.

Nossas análises mostram que a modalização realizada pelos jornalistas e convidados, seja com evidências diretas, seja com indiretas, são empregadas para marcar maior ou menor grau de adesão do falante ao conteúdo dos seus enunciados, característica comum dessa estratégia lingüística. Mas em nosso *corpus*, a adesão relaciona-se à intenção do falante em não ferir os princípios da verdade e da fidelidade, apregoados pelo Jornalismo. Assim, tendo por base de conhecimento as evidências fornecidas no contexto de transmissão ao vivo, jornalistas e convidados modalizam os enunciados na certeza ou nos graus da possibilidade.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, procuramos analisar as manifestações da modalidade epistêmica em três transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração (o SSS, o AWTC/P e a GI), com a intenção de mostrar como esses recursos lingüísticos foram utilizados pelos jornalistas na produção de seus enunciados, a fim de não ferirem os princípios jornalísticos da fidelidade, veracidade e objetividade.

Nossa proposta de análise baseou-se no ponto de vista de que a modalidade epistêmica deve ser estudada na língua em uso, considerando o contexto de produção dos enunciados e seus interlocutores. Baseados nos princípios gerais do Funcionalismo, realizamos nossas análises, sem nos determos em uma vertente específica. Esta proposta deveu-se ao fato de nosso trabalho enquadrar-se na linha de pesquisa *Estudos do Texto e do Discurso* e na afirmação de Dall’Aglio-Hattner (2001, p. 103), segundo a qual a modalidade é vista por várias perspectivas nos estudos funcionalistas, mas todas têm em comum a idéia de que ela deve ser estudada como um instrumento de interação. Portanto, para nosso estudo, levamos em consideração o contexto de produção dos enunciados – as transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração – e a utilização da modalidade epistêmica pelos falantes nesse contexto. Desta forma, pudemos mostrar como o contexto de produção das notícias nas coberturas ao vivo e o jogo interacional entre os interlocutores condicionaram os jornalistas e convidados a modalizarem seus discursos no campo da certeza ou da possibilidade.

Para entendermos as transmissões ao vivo de extensa duração, fizemos um estudo, por contraste, com o modo de produção e transmissão dos telejornais em sua exibição normal. Esse estudo, mostrado no Capítulo 1, compõe grande parte de nossa dissertação. Entendemos que demonstrar como é e o que acontece nas transmissões de extensa duração é fundamental, pois, durante nossa pesquisa, não encontramos material bibliográfico que explicasse o que acontece nessas transmissões. Para estabelecermos o contraste, mostramos a rotina dos profissionais que trabalham no processo de construção e transmissão de informações nos noticiários televisivos. Essa rotina se constrói em quatro momentos, cada um dos quais privilegia uma etapa de produção das reportagens e da própria exibição delas. O mais marcante desse processo é a preocupação dos profissionais com a confirmação dos fatos a serem transmitidos e com a redação e edição dos textos e imagens que constituem as reportagens, em um espaço de tempo programado que deve ser diariamente seguido. Essa

rotina garante a qualidade dos telejornais e sua aceitação como uma verdade factual pela maioria dos telespectadores.

Por outro lado, a ocorrência de um acontecimento inesperado, que gera a veiculação de uma cobertura telejornalística ao vivo, rompe com a programação diária dos profissionais, criando uma nova situação contextual de produção, estruturação e transmissão das notícias. Nesse contexto, ao invés de reportagens previamente elaboradas, as informações são transmitidas basicamente por diálogos entre os âncoras, ou entre os âncoras e repórteres, ou entre os âncoras e convidados.

Nas coberturas ao vivo de nosso *corpus*, as informações são apuradas e transmitidas praticamente em tempo real, com entradas ao vivo dos correspondentes por satélite, telefone ou videofone. Além disso, os profissionais envolvidos recorrem às agências internacionais de notícias ou podem apurar os fatos diretamente no local do evento. Nessas coberturas, a coleta e divulgação de imagens ocorrem por processos semelhantes à apuração das informações, utilizando meios tecnológicos para transmiti-las. As imagens podem ser capturadas por profissionais que estão no local dos acontecimentos e veiculadas ao vivo por satélite ou videofone. Podem, ainda, ser registradas e enviadas pela internet para a emissora no Brasil ou repassadas por agências internacionais de notícias. As imagens têm muita importância nessas transmissões, pois contribuem para a constituição da notícia e também auxiliam na veracidade das informações transmitidas pelos jornalistas, porque permitem que o telespectador veja o que está ocorrendo. Em muitos momentos, a notícia se constitui apenas pelo comentário que o âncora faz das imagens.

Como nas transmissões ao vivo nem sempre há novas informações ou imagens, uma das estratégias utilizadas pelos profissionais é a repetição de informações e imagens. Essas repetições têm dupla finalidade: a) informar o telespectador que acaba de ligar a televisão e desconhece o acontecimento em andamento e b) ajudar no preenchimento do espaço de transmissão, enquanto são apuradas novas informações ou obtidas novas imagens. Outra estratégia para preenchimento do espaço de transmissão são as entrevistas com profissionais especialistas e autoridades no assunto em pauta. A análise de nosso *corpus* mostrou que as entrevistas são iniciadas e interrompidas conforme os apresentadores tenham ou não novas informações para divulgar. No entanto, as entrevistas também possuem outra função: a de fornecer informações especializadas aos telespectadores e garantir credibilidade e confiabilidade às informações veiculadas. As reportagens constituem também, nesse contexto, outra estratégia com as mesmas finalidades das entrevistas, ajudando no preenchimento do tempo de transmissão e no fornecimento de novos dados para a compreensão dos fatos.

O tempo de apuração, checagem, confirmação e veiculação de informações é determinante no processo de construção e transmissão das notícias nas coberturas ao vivo de extensa duração. Em função dele, não há planejamento prévio de um texto para que o jornalista leia, devendo, este, construir seu discurso ao mesmo tempo em que recebe as informações. Isso causa também uma diferença entre a linguagem empregada nos telejornais e nas transmissões ao vivo. Nos primeiros, os jornalistas utilizam uma linguagem culta que tende para a falada, mas marcadamente orientada pelos padrões da língua escrita; já nas transmissões, os profissionais utilizam uma linguagem formal, própria do discurso jornalístico, mas ela se mostra não-planejada, com marcas reveladoras do não-planejamento, orientada, portanto, pelos padrões de língua falada.

Ao analisarmos o nosso *corpus*, concluímos que a situação contextual das transmissões telejornalísticas ao vivo, caracterizada pela simultaneidade, pela falta de informações e de confirmação dos fatos e pelo não-planejamento, expõem muito mais do que os traços de língua falada e língua escrita observados na linguagem jornalística. O contexto de produção das coberturas ao vivo condiciona o falante a construir enunciados modalizados epistemicamente na certeza ou na incerteza, revelando marcas de sua intenção e do seu posicionamento. Assim, ora os jornalistas e convidados se comprometem com o conteúdo da informação que veiculam e modalizam seus enunciados no extremo da certeza, ora marcam o seu descomprometimento, modalizando seus enunciados nos graus do possível.

Em virtude das várias formas de lexicalização da modalidade epistêmica e da dimensão de nosso *corpus*, estudamos os modalizadores mais comuns, classificando-os e explicando o uso que os participantes das transmissões fizeram desses mecanismos lingüísticos. Percebemos que as transmissões constituem um contexto de produção propício para verificarmos a fonte do conhecimento baseada na qual o falante modaliza seu enunciado, em outras palavras, as evidências sobre as quais os falantes fundamentam a modalização. A dicotomia básica entre evidências diretas e indiretas passou, então, a ser o critério de sistematização das ocorrências de modalizadores em nosso *corpus*.

Prevalece em nossas transmissões enunciados modalizados com evidências indiretas, com 179 ocorrências contra 48 aparições de enunciados modalizados com evidências diretas. Nas evidências diretas predominam os enunciados modalizados a partir de evidências visuais (41 ocorrências) e não auditivas (6 ocorrências), pois os jornalistas, na maioria das vezes, constroem e modalizam seus enunciados a partir das imagens que vêem e não dos sons que ouvem nas transmissões. As evidências diretas auditivas apareceram apenas na cobertura da

GI, pois somente nesta transmissão os jornalistas tiveram sons (explosões, tiros, alarmes) para fundamentar suas modalizações.

Nas evidências indiretas, o maior número de modalizadores foi com as indiretas inferidas (77 ocorrências), seguida pela indireta relatada de terceira mão (62 ocorrências), depois pela indireta relatada de segunda mão (41 ocorrências). Nas indiretas inferidas não consideramos a subclassificação proposta por Willett (*apud* DALL'AGLIO-HATTNER, 2007), pois entendemos que a subclassificação é tênue e demanda um trabalho específico. Em nosso *corpus*, a modalização epistêmica com evidências indiretas inferidas a partir de construtos mentais mostrou-se produtiva porque, em muitos momentos, durante os diálogos entre os participantes das transmissões, as fontes de informação dos falantes foram as observações e reflexões que os próprios falantes realizavam sobre o acontecimento que divulgavam e, a partir dessas inferências, modalizavam seus enunciados para informar os telespectadores.

A ocorrência de enunciados modalizados epistemicamente com evidências indiretas relatadas de terceira mão também foi expressiva em nosso *corpus*, pois a construção e a transmissão das notícias nas coberturas ao vivo se dão de forma imediatista, sem que os jornalistas tenham tempo de confirmar todas as informações. Assim, logo que são checadas, as informações são rapidamente repassadas aos âncoras, que divulgam as notícias, praticamente no tempo real do acontecimento, sem definirem, ou seja, sem citarem expressamente a fonte da informação.

Os enunciados modalizados epistemicamente com evidências indiretas relatadas de segunda mão registraram uma frequência menor de aparição entre os enunciados modalizados com as evidências indiretas. Nesses enunciados a confiabilidade da informação fica atrelada à da fonte. Logo, ao se embasar em uma evidência indireta de segunda mão, os participantes da transmissão tentam angariar credibilidade para seus enunciados.

O número de modalizadores indicadores de certeza (70) foi inferior ao de possibilidade/dúvida (157). Essa inferioridade deve-se ao contexto de produção e transmissão da notícia, pois, neste tipo específico de divulgação de informações, como já dissemos, a ocorrência e a veiculação dos fatos ocorrem simultaneamente. Logo, para tentar manter a credibilidade e a confiança de seus telespectadores, os jornalistas confessam suas incertezas com o uso dos modalizadores, antecipando-se contra possíveis críticas ou rejeições do público.

Os modalizadores mais frequentes em nosso *corpus* foram os advérbios em – mente, que registraram o total de 85 ocorrências, das quais 44 expressaram certeza

(*certamente e realmente*) e 41 dúvida (*possivelmente e provavelmente*). Aos advérbios em – mente seguem os verbos auxiliares modais *dever* (49 ocorrências) e *poder* (47 ocorrências). Com menor produtividade encontramos os substantivos (20 ocorrências), divididos em núcleo de locução adverbial (15 ocorrências – *sem dúvida, de fato, na realidade e com certeza*) e objeto de verbo-suporte (5 ocorrências – *eu tenho dúvidas e não há dúvidas*), seguidos do advérbio *talvez* (15 ocorrências), e dos adjetivos na posição predicativa (11 ocorrências - *é certo, é claro e é possível*). A alta ocorrência dos três primeiros tipos de modalizadores em nosso *corpus* nos permite inferir que eles talvez sejam os modalizadores epistêmicos por excelência.

Acreditamos que elementos de ordem extralingüística também contribuíram para o uso freqüente da modalidade epistêmica nas coberturas telejornalísticas ao vivo, tais como: as pressões exercidas pela emissora, pois, como vimos no Capítulo 1, a Rede Globo de Televisão exige que todas as informações sejam conferidas e reconferidas antes da veiculação, para que nenhuma informação falsa seja divulgada; e o tema das notícias, já que, nesta pesquisa, os temas foram polêmicos: o seqüestro de um importante empresário brasileiro, um atentado terrorista no país considerado o mais seguro e o que tem o maior poderio bélico do mundo e uma guerra entre dois poderosos inimigos.

Verificamos que o uso da modalização epistêmica nas três coberturas telejornalísticas ao vivo colabora para a construção de sentido, pois, ao modalizar seu discurso, os jornalistas e convidados revelam suas atitudes, crenças, certezas e incertezas e os telespectadores, por sua vez, têm a possibilidade de perceber as intenções destes falantes, minimizadas ou assumidas, dependendo do grau de conhecimento dos jornalistas e convidados. Ao apresentar seus enunciados como convincentes e verdadeiros, ou como um conhecimento compartilhado ou cientificamente aceito, ou ainda na busca de situá-los nos graus do possível, para evitar que informações falsas e não confirmadas sejam divulgadas, os profissionais resguardam a sua auto-imagem e a imagem da emissora.

Portanto, quando os jornalistas modalizam epistemicamente seus enunciados em transmissões ao vivo de extensa duração não rompem os princípios da fidelidade de da verdade, ainda que os modalizem nos graus do possível, indicando a não-certeza. O fato de modalizar tanto na dúvida quanto na certeza, demonstrando que informações ainda não foram confirmadas, expondo o próprio processo de construção da notícia, é que garante o compromisso dos jornalistas com a verdade e a fidelidade e sua credibilidade junto aos telespectadores. No entanto, o princípio da objetividade é rompido, pois, por si só, o ato de modalizar epistemicamente revela um engajamento, uma intenção.

A realização de nossa pesquisa mostrou-nos que as modalidades são um campo vasto de investigação. Verificamos ainda que estudos de questões relacionadas à *modalidade epistêmica*, como a *evidencialidade* e suas formas de manifestação em língua portuguesa, podem ser realizados com o mesmo *corpus* deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRESCU, S. Sur les modalités croire et savoir. In: *Langages*, v. 43, 1976. p. 19-27.

ARAÚJO, D. L. de. A língua falada na TV: texto falado ou escrito? In: *Linguagem & Ensino*, v. 6, nº. 1, p. 57-76, 2003. Disponível em <[http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v6n1/E\\_Denise.pdf](http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v6n1/E_Denise.pdf)>. Acesso em: 22 de fev. 2007.

BOM DIA BRASIL. Disponível em <<http://bomdiabrasil.globo.com/>>. Acesso em: 14 de abr. 2008.

BRASIL, A. *Cobertura ao vivo: A imagem sem informação*. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/qtv050920011.htm>>. Acesso em: 22 de fev. 2007.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. II: Níveis de análise lingüística. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 213-260.

CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986.

CASTRO, A. A. *Nos bastidores do Jornal Nacional*. Disponível em <<http://www.secom.unb.br/unbagencia/ag0305-53.htm>>. Acesso em: 18/11/2006.

CERVONI, J. A. *Enunciação*. Trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989. p. 53-83.

CORACINI, M. J. R. F. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. 1ª ed., São Paulo: Educ, Campinas, SP: Pontes, 1991.

COUTINHO, I. O conceito de verdade e sua utilização no Jornalismo. In: *São Bern@rdo.com.br* – Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. Ano 1,

nº 1, jan./jun. de 2004. Disponível em <<http://www2.metodista.br//unesco/GCSB/revista1.htm>>. Acesso em: 11 de jul. 2008.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. Araraquara, 1995. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

\_\_\_\_\_. *et al.* Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: Maria Helena de Moura Neves (Org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara-SP: Cultura Acadêmica, 2001, v. 01, p. 101-143.

\_\_\_\_\_. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. In: Gladis Massini-Cagliari; Rosane Berlink; Marymarcia Guedes; Taísa Peres de Oliveira (Org.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe*. Araraquara-SP: Cultura Acadêmica, 2007, v. 12, p. 103-145.

DINIZ, M. L. V. P. Telejornal: a hiperemoção em semiótica tensiva. In: Revista *Estudos Lingüísticos XXXV*, 2006, p. 1396-1405. Disponível em <<http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2006/revista20064.htm>>. Acesso em: 13 de out. 2006.

EDITORIA RIO. In: *Portal RJTV*. Disponível em <<http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,9127,00.html>>. Acesso em: 14 de abr. 2008.

EDITORIA SÃO PAULO. In: *Portal SPTV*. Disponível em <<http://sptv.globo.com/Sptv/0,19125,6169,00.html>>. Acesso em: 14 de abr. 2008.

FARIA, L. T. de. *Modalização epistêmica e deontica em contratos eletrônicos, em inglês e português*. Araraquara, 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ª edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo Editora, 2005.

FRANCISCATO, C. E. Experiências temporais do jornalismo na cobertura de guerras. In: *Verso & reverso* – Revista da Comunicação. Ano XVII, nº 37, 2003. Disponível em <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=7>>. Acesso em: 07 de fev. 2007.

GARCIA, L. (org.). *Manual de redação e estilo de "O Globo"*. São Paulo: Globo, 1992.

GUIMARÃES, E. R. J. *Modalidade e argumentação lingüística: análise de enunciados no passado em Língua Portuguesa*. São Paulo, 1979. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade de São Paulo – FFLCH - USP.

HALLIDAY, M. A. K. *Functional diversity in language as seen from a consideration of modality and mood in English*. *Foundation of Language*, v. 6, p. 322-361, 1970.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*, 1ª ed., São Paulo: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2000.

LEITE, A. M. P. C. *A modalização deôntica no discurso jurídico*. São José do Rio Preto, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Estadual Paulista – Campus de São José do Rio Preto.

MONTEIRO, E. A Narrativa, a Experiência e o Videofone. In: *Verso e Reverso* – Revista de Comunicação. Ano XVII, nº 37, 2003/2. Disponível em <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=4>>. Acesso em: 07 de fev. 2007.

MOTTA, L. G. Coberturas "ao vivo" – Violência urbana: jornalismo ou espetáculo? In: *Observatório da Imprensa*. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/qtv111220021.htm>>. Acesso em: 07 de fev. 2007.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 163-199.

\_\_\_\_\_. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986. p. 96-154.

PATERNOSTRO, V. I. *O texto na TV: Manual de Telejornalismo*. 6ª ed., São Paulo: Campus, 1999.

PRETI, D. A linguagem da TV: O impasse entre o falado e o escrito. In: NOVAES, A. (org.). *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Cia. Das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 232-239.

PROJETO GLOBO UNIVERSIDADE. Disponível em <<http://globominas.globo.com/GMinas/0,23716,3398-p-527-67179,00.html>>. Acesso em: 15 de abr. 2007.

PROGRAMA ESTAGIAR. Disponível em <[http://estagiar.globo.com/o\\_programa.jsp](http://estagiar.globo.com/o_programa.jsp)>. Acesso em: 15 de abr. 2007.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/>>. Acesso em: 15 de abr. 2007.

REZENDE, G. J. de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

ROLDÃO, I. C. do Carmo. A dualidade entre a escrita e o oral no telejornalismo. In: *Revista Letras*. São Paulo: PUC-Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Poucas palavras: Um estudo da linguagem oral no telejornalismo brasileiro*. Disponível em

<<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4380/1/np2roldao.pdf>>. Acesso em: 13 de fev. 2007.

ROMUALDO, E. C. *A construção polifônica das falas na justiça: as vozes de um processo crime*. Assis, 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

TEMER, A. C. R. P. Sensacionalismo sem sangue – uma análise do telejornalismo ao vivo. In: *Verso e Reverso* – Revista de Comunicação. Ano XIX, nº 40, 2005/1. Disponível em <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=4&s=9&a=36>>. Acesso em: 07 de fev. 2007.

VIZEU, A. *Decidindo o que é notícia*. Os bastidores do telejornalismo, 4ª ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

## GLOSSÁRIO

As informações abaixo foram retiradas e adaptadas dos livros *Decidindo o que é Notícia: os bastidores do telejornalismo* (2005), de Alfredo Vizeu, e *O Texto na TV: manual de telejornalismo* (1999), de Vera Íris Paternostro. Utilizamos, também, alguns dados da entrevista realizada com Denise Sobrinho, chefe de redação do telejornalismo local da Rede Globo, em São Paulo.

**Bloco:** conjunto de reportagens e notícias transmitido entre os intervalos de um telejornal.

**Chefe de redação:** coordenador do fluxo de informação dentro da redação. Garante meios para que o processo de produção aconteça com rotinas pré-estabelecidas. Faz reuniões periódicas com as equipes para avaliar o trabalho. Avalia a linguagem dos jornalistas, planeja e coordena coberturas especiais.

**Chefe de reportagem:** jornalista que orienta o repórter sobre a pauta que será executada. O chefe de reportagem tem a visão geral de como o jornal será fechado e quais são os assuntos que devem chegar primeiro na redação para que os editores se organizem.

**Cinegrafista:** repórter que opera uma câmera portátil para fazer externas.

**Coordenador de telejornal:** responsável pela parte técnica do telejornal, ele controla o tempo das matérias para evitar que o jornal estoure seu tempo de produção e distribui o *script* para todas as pessoas envolvidas na produção do telejornal. Ele “é quem faz a *ponte* entre o jornalismo e a área técnica” (Vizeu, 2005: 106).

**Corte:** substituição da imagem de uma fonte geradora por outra no *switcher* ou na edição.

**Decupar:** ato de ver e ouvir seletivamente todo o material bruto gravado em fita videocassete pela equipe de reportagem, na rua. Após a seleção, marca-se a minutagem (em segundos ou minutos) das melhores cenas e sonoras, na ordem direta da gravação.

**Diretor de TV:** profissional que comanda a mesa de cortes e o andamento do telejornal, de acordo com o *script*. O diretor de TV também comanda os *cameramans*, os assistentes de estúdio, a sonoplastia e o videocassete.

**Editor-apresentador (ou apresentador ou, ainda, âncora):** responsável pela escalada do jornal, pelas passagens e chamadas de bloco e pelas notas. Eventualmente, edita uma matéria. O editor-apresentador não é somente um locutor, alguém que simplesmente lê as notícias, ele também acompanha e contribui com o processo de produção das notícias, juntamente com o editor-chefe.

**Editor-chefe:** jornalista que distribui as matérias do dia, organiza o telejornal, acompanha as edições feitas pelos editores de texto e prepara o espelho.

**Editor-executivo:** aquele que trabalha em conjunto com o editor-chefe, apoiando-o na execução e operação do telejornal.

**Editor de imagem:** jornalista que cuida da edição das imagens feitas pelos cinegrafistas. Ele cobre as matérias com as imagens já editadas. Trabalha sob o comando do editor de texto e tem como preocupação básica a qualidade da imagem e os sons da reportagem.

**Editor de internacional (ou editor de inter):** responsável pela coleta e pelo recebimento de informações internacionais, enviadas por correspondentes no exterior.

**Editor de texto:** editor que elabora as matérias com as informações que se encontram na redação (dados de outros telejornais que não foram usados) e com as informações coletadas pelos repórteres de rua. Nas ilhas de edição, os editores de texto decupam, avaliam, selecionam e editam o material obtido por repórteres e cinegrafistas e o transformam em notícia televisiva.

**Gerente de operações:** jornalista responsável pela infra-estrutura operacional (equipamentos e recursos técnicos) do telejornalismo.

**Ilha de edição:** local onde se encontram os equipamentos para a realização da edição.

**Lead:** abertura da matéria ou a cabeça da matéria lida pelo apresentador.

**Nota:** notícia sem imagem. *Nota ao vivo* (ou *pelada*): notícia lida pelo apresentador do telejornal, sem imagem. *Nota pé:* notícia, ao vivo, lida ao final da matéria, com informações complementares. *Nota coberta:* notícia em que o editor-apresentador lê apenas o *lead* e o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo.

**Pauta:** relação das matérias que serão veiculadas no telejornal.

**Ponto:** pequeno aparelho que fica dentro do ouvido e é utilizado para passar orientações ao apresentador durante a apresentação do telejornal.

**Produtor:** jornalista que cuida da apuração e checagem de informações.

**Redator:** responsável por escrever as matérias e/ou corrigir erros apresentados nas matérias redigidas pelos repórteres.

**Repórter:** encarregado de realizar reportagens (*repórter de rua*). Além destes membros, a equipe de redação de um telejornal conta com a participação de assistentes de produção e funcionários da parte técnica, operacional, e administrativa.

**Script:** roteiro para a gravação de um telejornal ou programa.

**Sonora:** fala do entrevistado na matéria.

**Sub-chefe de reportagem:** responsável por retomar as pautas do dia anterior, organizar as do dia e ler atentamente os jornais do dia.

**Switcher:** lugar que concentra o controle de uma unidade de produção, composta por um estúdio, câmara, telecine, vídeos, geradores de caracteres e sonoplastia. É onde trabalha o diretor de TV.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### **ENTREVISTA (por telefone)**

**Entrevistadora:** Aline Ramires Moraes Matsumoto (Mestranda em Letras da UEM).

**Entrevistado:** Fernando Gueiros (Gerente de Operações da Central Globo de Jornalismo, em São Paulo).

**Data:** 08/02/2008.

**Aline:** Olá, Fernando!

**Fernando:** Oi, Aline! Tudo bem?

**Aline:** Tudo bem. Eu gostaria de agradecer a sua disposição em me atender e responder as minhas perguntas... agradecer pela contribuição pra minha pesquisa...

**Fernando:** Tudo certo, Aline. Você é de Maringá, né?

**Aline:** Isso... eu sou de Maringá, da Universidade Estadual de Maringá e estou desenvolvendo um trabalho de mestrado sobre as coberturas telejornalísticas ao vivo...

**Fernando:** Tá...

**Aline:** E eu fiz uma pesquisa e não consegui achar material teórico que falasse sobre o processo de construção da notícia... como é a veiculação, como as notícias são recebidas na redação, como são gravadas as imagens e também sobre o processo de transmissão da notícia...

**Fernando:** Mas é que na verdade é o seguinte... não existe muito um tutorial de como é que se faz esse tipo de cobertura... você tem equipamentos, recursos que você disponibiliza de acordo com a necessidade de cada cobertura... então, por exemplo, você tem duas situações... você tem você tem... vamos dizer... eventos que são datados, por exemplo, o Papa vem aí... você tem tempo, a gente já sabia, tinha que pesquisar por onde ele chegava, pra onde ele ia... e o que que ele fazia... então, a gente conseguia estudar, entendeu?... com orçamento de câmeras, fazia todo um trabalho de preparação dos equipamentos e tudo mais e tal, de reserva... e tem as coisas que surgem de última hora, tipo o avião da TAM quando caiu... a gente não sabia, teve que de última hora, teve que montar uma estrutura específica pra aquela transmissão, entendeu?... então, é por isso que não existe muito material teórico porque é uma coisa que você tem os recursos e você... o grande segredo de operações é você de uma maneira rápida... sempre considerando estratégia e logística... você vê qual é a maneira mais rápida e mais efetiva de você levantar um ponto de ao vivo, botar repórter... falando com o microfone, com a câmera ligada, com sinal bom, com retorno no ouvido dele e tudo mais... entendeu?... então, tem esses dois tipos de situação, pra início de conversa aquele que é programado... e aquele que é... que é...

**Aline:** Ao vivo?

**Fernando:** Que é ao vivo, e que é ao vivo não... que é, vamos dizer, que é emergencial, vamos dizer assim...

**Aline:** Então... sobre o que é editado, o que é preparado, eu consegui materiais...

**Fernando:** Então, mas você entendeu o que que é... os grandes eventos têm uma cobertura tipo datada, exemplo vai ter carnaval, todo ano a gente faz carnaval... então, já tem meio que uma receita do bolo, entendeu?... cada cobertura tem a sua estrutura... o Papa é um evento único, que acontece uma vez a cada vinte anos, então você tem que saber o trajeto dele, ele vai pra São Paulo, passou um tempo em São Paulo, fez uma missa aqui... teve encontro com o Lula, fez uma missa no campo de Marte, foi pra Aparecida, teve uns encontros lá, fez a missa... então, você, de acordo com o perfil da visita, você monta a sua transmissão... entendeu?

**Aline:** Entendi...

**Fernando:** Esse é um evento assim... bem próprio... por exemplo, no caso do Papa, como era muito evento acontecendo ao mesmo tempo, quer dizer... cogitou-se, ao invés de haver uma disputa entre as emissoras, de todo mundo botar sete emissoras, botarem sete câmeras em cada ponto que ele ia visitar... a gente fez uma distribuição de... teve um conceito de *pool* de emissoras, aonde cada uma contribuía num determinado local e entregava o seu sinal limpo pra que as outras emissoras recebessem... então, todo mundo, exemplo, a chegada do Papa no aeroporto... então a Radiobrás faz todos os eventos do Lula... então, só a Radiobrás fez a transmissão do avião parando, chegando, cumprimentos, vai lá pro discurso e tudo mais e tal... com quatro, cinco câmeras... então, isso evita que sete emissoras botem quatro, cinco câmeras e vire um problema de lugar, de disputa de espaço e tudo mais... então, esse tipo de evento, quando é datado, se for uma coisa exclusiva da Globo, a gente dá um tratamento... quando é uma coisa coletiva feito o Papa, a gente parte pro *pool*, a Globo é que coordenou o *pool*, recebeu as imagens, distribuiu pra todas as emissoras e tudo mais... entendeu?... Então, depende muito do perfil do evento... mas basicamente é o datado, que você planeja, e o emergencial, que é aquele factual, que você tem que... ter agilidade pra responder a um fato novo, que aconteceu de maneira imprevista...

**Aline:** Entendi... outra coisa que eu queria te perguntar... quando você tem um fato emergencial, numa situação internacional, como foi o atentado ao World Trade Center... como são gravadas as imagens? Porque eu sei que a Globo também compra imagens, né?

**Fernando:** Tem várias vias... a Globo, por exemplo, ela tem contrato com agências de notícias que diariamente fornecem imagens pra gente... entendeu? Então, a gente tem aqui Reuters, APTN e tudo mais... no que eles mandarem, a gente tem um contrato “guarda-chuva” que cobre tudo... o que eles botarem nessas gerações internacionais que a gente recebe por satélite, diariamente, vinte quatro horas por dia, a gente pode usar... entendeu? Pra nossa cobertura...

**Aline:** Entendi... e quando tem um correspondente lá, no país onde ocorre o fato, como é o caso da Globo, que tem correspondentes em vários países...

**Fernando:** Se tem facilidade, por exemplo, a Globo optou por ter correspondentes... a gente tem um escritório em Nova York e um escritório em Londres... a gente tem ligação vinte quatro horas com esses escritórios... entendeu? Então, a gente tem satélite vinte quatro horas com eles, então a gente pode entrar em Nova York a hora que a gente quiser, a qualquer hora do dia... entendeu? Seja pro Jornal Hoje, aqui em São Paulo, seja pro Bom Dia Brasil, que é feito lá do Rio, o Jornal Nacional, que é feito no Rio... ou o Jornal da Globo, que é feito aqui em São Paulo... então, no caso da Globo, por Nova York ter uma importância como cidade e ser o centro das informações lá dos Estados Unidos e tal, e até do mundo... então, e a gente tem um escritório relativamente grande lá, com correspondentes e tudo... então, a gente tem toda uma viabilidade técnica também pra receber sinal... então, no que estourou o World Trade Center, o material que nossas câmeras captavam lá, eles poderiam ser gerados desse escritório, por essa facilidade... ou a gente bota um apresentador, um repórter lá, conversando, mantendo informações aqui, com o Rio... então, no caso internacional, a gente tem a base, se for Londres ou Nova York, a gente já tem essa facilidade implantada... a gente tem Sônia Bridi, agora ela tá em Paris, estamos com Losekan, que tá em Londres... tem o Alberto Gaspar, em Jerusalém, tem o Ari Peixoto, em Buenos Aires... normalmente eles têm, eles não têm uma facilidade assim, usual, de fazer ao vivo... teria que ser uma coisa contratada especificamente... contrata-se uma produtora, que leva um caminhão pro lugar marcado, sobe sinal por satélite, ou seja, a coisa tem que ser muito bem programada... se acontecer uma emergência muito grande, tem que ser contratada em cima da hora... entendeu? A gente não tem facilidade, assim, grande de fazer ao vivo por correspondentes... o que a gente tem, é, por exemplo, todos eles têm um computador... que eles captam as imagens, gravam os textos, transformam tudo isso num arquivo de computador e mandam por internet que a gente recebe ou aqui, ou no Rio... pra exibir nos jornais da rede ou nos jornais locais...

**Aline:** Entendi... então, por exemplo, as imagens da cobertura do atentado ao World Trade Center que a gente viu na TV, algumas foram compradas, né... e outras...

**Fernando:** Isso... algumas foram compradas, algumas que vinham por satélite, das agências, entendeu?... a CNN, por exemplo, é uma fonte muito grande de informação pra gente, a gente tem um contrato com a CNN... a gente acessa a CNN e pode usar o material deles, todos... então, a gente pega uma carona na CNN... a gente chegou na guerra do Iraque, por exemplo, a gente usou muito a CNN... a gente tem um contrato que a gente recebe, inclusive, um sinal da CNN sem caracteres, sem legenda, entendeu?... então, é uma ferramenta importante pra gente... é, no caso, da transmissão, da rotação do Papa, quando morreu João Paulo II, na eleição do Bento XVI... a gente tinha um contrato também pra receber uma das agências da TV Vaticana, que tava gerando imagens o tempo todo... então, a gente recebia vinte quatro horas por dia e botou no ar, na hora que saiu a fumacinha branca lá... a gente botou no ar e deu um plantão dizendo que tinha sido eleito o novo Papa... então, a gente usa como apoio, muito, ou as agências ou emissoras de televisão que são especializadas em notícias... CNN é um grande exemplo delas... na época da guerra do Iraque, por exemplo, a Al Jazira tava muito em voga... a gente pegava o sinal da Al Jazira aqui, apontava a nossa antena pro satélite deles, pegava o sinal e ilustrava as nossas transmissões... a nossa grande busca sempre, como a gente tem que ter imagem, é sempre ilustrar... então, é importante tá com... a gente tem o recurso do estúdio, mas enriquece muito mais a gente ter o máximo possível de ilustração, entendeu?...

**Aline:** Entendi... porque é importante ter a imagem do que tá acontecendo, né...

**Fernando:** Exatamente... ou a gente manda um repórter para o local do evento... o que enriquece muito, pra gente... ele faz a cobertura nesses locais...

**Aline:** Você falou que eles, os correspondentes, montam um arquivo de computador, com texto e imagens e mandam pra cá...

**Fernando:** Isso... eles têm uma câmera, que eles captam a imagem, fazem um texto e transformam isso num arquivo de computador... e mandam por internet... a gente leva um tempo pra baixar aqui... mas depende... quando é entrada ao vivo, eles narram de lá mesmo... eles entram e fazem entrada ao vivo de lá, depende do formato... o repórter pode fazer de lá ou se ele tiver informações, ele pode passar os dados pra cá pra fazer uma cabeça... “vamos lá, agora, de tal lugar onde o repórter fulano de tal está”... entendeu?... ele pode passar alguns dados, mas a informação normalmente é ele mesmo que dá, já que ele tá perto do local...

**Aline:** E nesse caso o repórter nem prepara um texto, né... ele entra ao vivo e improvisa com as informações que ele já tem, a partir das observações que ele fez do local do acontecimento... ou ele prepara um texto, memoriza esse texto e fala na hora que entra ao vivo?

**Fernando:** É isso aí... ele memoriza, se tem tempo, né... depende... conforme for a cobertura...

**Aline:** No caso da cobertura do Sílvio Santos, por exemplo... o repórter...

**Fernando:** Nesse caso ele faz de improviso... ele pega as informações na hora e faz de improviso... entendeu?... depende da situação, ele faz um texto, decora na hora e quando ele é chamado ele fala o texto dele...

**Aline:** Então, se ele não tiver esse tempo, ele entra ao vivo e narra, de improviso mesmo, o que ele está vendo, presenciando no momento, sem planejamento, né...

**Fernando:** É isso... com certeza...

**Aline:** No caso das coberturas ao vivo, qual é o processo que ocorre entre o recebimento das informações até a veiculação destas? Há tempo suficiente para um planejamento daquilo que será transmitido?

**Fernando:** Então, isso não é com a gente... a gente é da área de operações... isso é com o pessoal de edição de texto... a gente não trata com isso... a gente só monta a infra-estrutura operacional... se vai ter vivo a gente monta caminhão, carro, câmeras, equipamentos de iluminação, gerador... operações lida com a parte de infra-estrutura, entendeu... equipamentos, recursos técnicos pra atender ao jornalismo... a gente não lida com texto... texto é com a parte editorial...

**Aline:** Entendi... com relação aos funcionários... eu sei que quem faz a cobertura de um evento ao vivo é o pessoal que tá na redação no momento do acontecimento, né... então, os funcionários que trabalham na cobertura ao vivo de um acontecimento...

**Fernando:** Em cobertura ao vivo você tem o pessoal da engenharia, que mexe com caminhões, antenas... esse pessoal dá um suporte grande pra gente... tem o pessoal de telecomunicações, que a gente precisa levar esse circuito, a gente precisa contratar circuito de telefone, linha telefônica... precisa levar retorno pro apresentador, pro repórter, pra um lugar que ele tenha mais segurança de entrar ao vivo... tem um grupo da Globo voltado pras telecomunicações... é quem faz o contato com as operadoras, as empresas de telefonia... você

tem o pessoal da informática, os contra-regras... na redação, costuma ter editor-chefe, editor de texto, que fica apurando informações pra fazer nota, um produtor... basicamente isso... mas em evento especial todo mundo faz um pouco... você tem local e rede... você tem uma cobertura local e cobertura de rede... se der pra casar os repórteres, mas é difícil... numa hora de uma emergência... vale a cobertura, vale quem tiver disponível e com perfil... por exemplo, os repórteres que forem de rede, são designados e os repórteres que são locais são distribuídos pra atender os telejornais locais SP1, SP2... e os de rede Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Globo Notícia, Jornal da Globo, Jornal Nacional...

**Aline:** Entendi... então, por exemplo, pra apresentar um evento ao vivo os jornalistas de rede é que são chamados, né?

**Fernando:** Isso... na verdade, no 11 de setembro, por exemplo, envolveu até a Ana Paula Padrão, que saiu de casa e veio pra cá pra dá um suporte pra gente... ela fez a narração do atentado junto com o Nascimento... ela já tinha morado em Nova York, ela conhecia o esquema de Nova York, enfim... nessa hora mostra um exemplo típico de que as pessoas não medem esforços pra participar de uma cobertura e pra ajudar...

**Aline:** Sobre a função dos jornalistas e outros funcionários que fazem a cobertura ao vivo de determinado acontecimento... ou melhor, sobre a sua função e do pessoal que cuida da logística, da infra-estrutura... ela é a mesma, quer dizer, é a mesma função que vocês têm em um dia normal de trabalho ou tem mudanças?

**Fernando:** Todo mundo tem que se reforçar e tem que fazer um extra... porque especialmente quando tem um evento que foge do perfil do dia a dia, da rotina... a gente tem que correr atrás do tempo... tem uma série de situações que... o tempo que é muito apertado pra entregar... então, todo mundo tem que se desdobrar... aí, todo mundo um apóia o outro, ajuda, reforça... na cobertura ao vivo, o editor de texto, por exemplo, pode ir pra ilha de edição sugerir imagens...

## ANEXO 2

### **ENTREVISTA (por e-mail)**

**Entrevistadora:** Aline Ramires Moraes Matsumoto (Mestranda em Letras da UEM).

**Entrevistada:** Denise Sobrinho (Chefe de Redação do telejornalismo local de São Paulo, da emissora da Rede Globo).

**Data:** 11/02/2008.

1) Posso dizer que *coberturas ao vivo* são transmissões telejornalísticas, geralmente de extensa duração e ininterruptas, que cobrem um fato ou evento de grande repercussão, ao vivo, ou seja, no momento em que ele está em curso?

**Denise Sobrinho:** Sim.

---

2) Posso dizer que uma *entrada ao vivo* é um **link**?

**Denise Sobrinho:** Até pode. Mas não é 100% correto, porque o link é um nome técnico para designar uma entrada ao vivo feita através de sinais transmitidos de antena para antena. Hoje, já temos entradas ao vivo com sinais transmitidos via satélite. Mas no dia-a-dia, também chamamos de link.

---

3) Posso dizer que uma *entrada ao vivo* é uma reportagem planejada previamente, de curta duração, e que entra ao vivo com o repórter, do local onde a notícia acontece?

**Denise Sobrinho:** Nem sempre a entrada ao vivo é de curta duração.

---

4) Posso dizer que em coberturas telejornalísticas ao vivo de extensa duração e ininterruptas, as informações são enviadas pelos correspondentes (no exterior ou no Brasil) para a redação por meio da internet e de telefonemas? Tem alguma outra forma de receber as informações?

**Denise Sobrinho:** Em geral, os repórteres entram ao vivo e assim, através de um link ou satélite, dão as informações sobre o que está ocorrendo. Na TV aberta, raramente usamos o recurso do telefone, a não ser que seja totalmente impossível gerar imagens via satélite ou internet.

---

5) Em caso de coberturas internacionais ao vivo, como os repórteres correspondentes conseguem as informações? Eles vão até o local do acontecimento, gravam as imagens, fazem anotações, entrevistam pessoas no local (colhem informações com estas pessoas) e escrevem um texto? Depois do texto pronto, eles adicionam as imagens e enviam para a emissora no Brasil? Há tempo para decupagem da reportagem? O mesmo processo ocorre em coberturas nacionais ao vivo?

**Denise Sobrinho:** Vamos por partes. 1) Nas coberturas internacionais, os correspondentes usam muito material de agências de notícias (Reuters, APTN, CNN), porque precisam resumir

os principais acontecimentos numa única reportagem e/ou entrada ao vivo. Por exemplo: Guerra do Iraque. É impossível para o nosso repórter cobrir todas as frentes de batalha, além da capital Bagdá. Ele é um só e não dá pra estar em vários lugares ao mesmo tempo. Assim sendo, ele reúne as informações que consegue apurar no local e junta com o material das agências de notícias, muitas vezes apurado por editores que estão na redação. Assim, de posse dessas informações, (dele e das agências), ele pode entrar ao vivo, dando um panorama geral do que está acontecendo na região naquele momento. Podemos, ou não, cobrir parte da entrada ao vivo do repórter com imagens captadas por nosso cinegrafista, ou outras captadas pelas agências de notícias. 2) Nas coberturas internacionais, nossos repórteres também fazem reportagens exclusivas, sem o apoio de apuração e/ou imagens de agências. São matérias mais elaboradas, em cima de um único fato, personagem ou evento, que permita por sua natureza, ser coberto por uma única equipe. Dependendo da situação e da necessidade dos telejornais, no Brasil, a equipe de correspondentes edita o material no próprio escritório ou quarto de hotel, usando um notebook. A matéria é comprimida e depois enviada via internet para o Brasil. 3) Nas coberturas no Brasil, temos muitas equipes espalhadas pelo país inteiro e, por isso, não precisamos usar material de agências de notícias. Todo o material é exclusivo, apurado, captado e editado por nossas próprias equipes. No caso de coberturas exaustivas de grandes coberturas factuais, como a queda do avião da TAM, por exemplo, os repórteres entram ao vivo durante várias vezes ao dia, dentro e fora dos telejornais, e muitas vezes não têm tempo de sair do ponto de link para apurar novas informações ou captar novas imagens. Quando isso acontece, os repórteres são apoiados por produtores que ficam soltos no local apurando informações relevantes e buscando entrevistados para os links. Também há um grande suporte da redação.

---

6) Demora muito tempo para a equipe de redação no Brasil receber estas informações do exterior ou somente alguns minutos? Quem as recebe, que funcionário?

**Denise Sobrinho:** É quase em tempo real. Como eu disse antes, não dependemos exclusivamente de nossos repórteres e produtores no exterior. Trabalhamos com agências de notícias. O editor de internacional é o responsável por coletar e receber essas informações.

---

7) Em coberturas telejornalísticas ao vivo, acredito que o tempo que os jornalistas têm para preparar a notícia para a veiculação é bem curto. Estou certa?

**Denise Sobrinho:** Sim. É quase o tempo real do acontecimento. Entretanto, na teve globo, temos por norma só divulgar informações checadas e recheadas.

---

8) Se a resposta acima for positiva, posso dizer que NÃO HÁ planejamento das notícias que serão veiculadas, pois o acontecimento está em curso e precisa ser transmitido? Ou HÁ tempo suficiente para um planejamento e edição das informações que serão transmitidas? Preciso saber basicamente se:

a) há tempo para confirmar a verdade dos fatos;

b) se há tempo para a elaboração de um texto para que o jornalista apresentador leia no teleprompter;

c) enquanto o jornalista apresentador veicula as notícias, o(s) editor(es) e o(s) redator(es) têm tempo para elaborar outros textos para serem transmitidos ou não? O que eles fazem?

**Denise Sobrinho:** a) Só veiculamos as informações checadas e recheadas. Se não temos informação nova, repetimos informações já veiculadas anteriormente, dando um resumo da situação.

b) Nem sempre há tempo para fazer um texto para o apresentador. Em coberturas mais nervosas, de grandes acidentes ou incêndios, nossos âncoras estão treinados para conduzir a cobertura ao vivo, improvisando, chamando os repórteres ao vivo e resumindo as informações. Em geral, essas informações são passadas para os âncoras via ponto eletrônico, à medida que elas vão chegando.

b) Apesar do imediatismo da notícia e de termos a maior parte da cobertura ao vivo sem edição, sempre temos equipes de editores e repórteres correndo por fora, preparando reportagens gravadas, e edições de material pré-gravado para ser exibido nos telejornais, ou mesmo durante uma entrada ao vivo.

---

9) As informações recebidas dos correspondentes (no exterior ou no Brasil) são imediatamente repassadas para o apresentador ou elas passam por uma edição?

**Denise Sobrinho:** Passam sempre por um editor de inter ou pelo editor-chefe.

---

10) Durante uma cobertura ao vivo, os *jornalistas apresentadores* recebem informações pelo ponto? Se sim, essas informações que eles recebem pelo ponto são somente de importância para o *apresentador* ou alguma informação é repassada aos telespectadores?

**Denise Sobrinho:** Já expliquei no item 08.

---

11) No caso de o *jornalista apresentador* repassar informações recebidas pelo ponto aos telespectadores, eu posso dizer que isso acontece simultaneamente, ou seja, ele escuta no ponto e já transmite, sem tempo pra organizar sua fala?

**Denise Sobrinho:** Às vezes sim, às vezes não. Pode acontecer de ele receber as informações enquanto um repórter está no ar, e aí ele tem tempo de anotar e se organizar para falar, quando o repórter encerrar sua participação.

---

12) Posso dizer que as entrevistas com especialistas e autoridades são uma forma de planejamento nas transmissões ao vivo, já que enquanto os *jornalistas apresentadores* os entrevistam, isto ajuda na preparação de textos para serem veiculados pelo *jornalista apresentador*?

**Denise Sobrinho:** Sim. Além de levar informação especializada e análise para os telespectadores.

---

13) Posso dizer que, ao contrário das coberturas ao vivo, em que a simultaneidade não permite pausas na transmissão para a coleta de dados, em telejornais há um tempo para a busca de informações que se transformarão em notícias, além do tempo para a seleção e o planejamento destas?

**Denise Sobrinho:** Acho que nos dois casos há que haver tempo para apurar, confirmar e elaborar as informações que serão transmitidas. A diferença é que na cobertura ao vivo de longa duração, a pressão do tempo é grande e, muitas vezes, somos obrigados a repetir algumas informações e imagens, enquanto não temos novos dados a acrescentar à cobertura.

---

14) A função dos funcionários que fazem a cobertura ao vivo de determinado acontecimento é a mesma função que eles têm em um dia normal de trabalho?

**Denise Sobrinho:** Sim. Com mais adrenalina.

---

**15)** Posso dizer que, com relação às imagens, dependendo do fato, estas são gravadas ao vivo (SE SÃO GRAVADAS, NÃO SÃO AO VIVO) pelos cinegrafistas, os quais, juntamente com os repórteres, permanecem no local do acontecimento até o seu desfecho? Posso dizer que, em casos de coberturas internacionais, por exemplo, as imagens transmitidas são compradas, geralmente da agência internacional CNN, e, quando possível, gravadas ao vivo por correspondentes da emissora no país e transmitidas via satélite?

**Denise Sobrinho:** Já respondi na pergunta 5.

---

**16)** Posso dizer que, os telejornais da *Rede Globo* obtêm os fatos que virarão notícia por meio das equipes de reportagem na rua, por um serviço de rádio escuta, em que o *jornalista rádio escuta* acompanha as notícias que as rádios estão veiculando, e por meio de informações das principais afiliadas da emissora e das grandes agências noticiosas – rádio *CBN*, *O Globo* e *O Estadão*, por exemplo?

**Denise Sobrinho:** Não. Não. Na cobertura nacional, a rede globo se baseia prioritariamente em informações exclusivas. Ou seja:

1) O chamado rádio-escuta ouve as frequências de rádio da polícia e dos bombeiros. Faz uma ronda várias vezes ao dia, ligando para hospitais, delegacias, aeroportos, concessionárias de estradas, etc..(são mais de 30 itens de ronda). Até acompanha os boletins da CBN, mas o menos importante é ouvir o noticiário de outras rádios.

2) Nossos produtores de pauta e de reportagem recebem o material de assessorias de imprensa e filtram aquilo que pode render boas matérias ou não. Também são eles, junto com os editores de texto, que fazem uma espécie de “ronda” nas agências de notícias e portais de internet, não para buscar informações ou pautas, mas para conferir se deixamos passar algum fato importante.

3) Como temos afiliadas em todo o país – capitais e interior – contamos com o apoio das equipes de jornalismo destas tvs para apuração e captação de informações, que poderão ou não virar reportagens. As afiliadas também contribuem com pautas, matérias e entradas ao vivo nos telejornais locais e de rede. Graças a essa malha jornalística, podemos trabalhar o noticiário nacional usando basicamente nossos próprios recursos, com informações exclusivas, dispensando as agências de notícia. No caso do noticiário internacional, entretanto, trabalhamos prioritariamente com agências de notícias, conforme lhe expliquei anteriormente.